

REVISTA DE ANTROPOFAGIA



REEDICÃO DA REVISTA LITERÁRIA PUBLICADA EM SÃO PAULO - 1^a E 2^a "DENTIÇÕES" - 1928-1929

REVISTA DE ANTROPOLOGIA



REEDIÇÃO DA REVISTA LITERÁRIA PUBLICADA EM SÃO PAULO - 1^a E 2^a "DENTIÇÕES" - 1928-1929

Introdução de Augusto de Campos

CCSP
Biblioteca
Sérgio Milliet

DOAÇÃO

709.81
R454
e. 2

NA 1789292
T 146495

SAB
709.7
R454
e. 2

Esta edição fac-similar da "Revista de Antropofagia"
é uma contribuição das empresas Editora Abril Ltda.
e da Metal Leve S/A. — assinalando os seus 25 anos
de atividades para melhor conhecimento de uma das
mais importantes fases da cultura literária brasileira.
São Paulo, 1975



REVISTAS RE-VISTAS: OS ANTROPOFAGOS

*"Cette branche trop
négligée de l'anthropophagie ne se
meurt point, l'anthropophagie n'est point morte."*
(Alfred Jarry, "Anthropophagie", 1-3-1902)
*"Para comer meus
próprios semelhantes Eis-me sentado à mesa."*
(Augusto dos Anjos, Eu, 1912)

AUGUSTO DE CAMPOS

1

Das revistas ligadas ao Modernismo, as mais características e representativas foram KLAXON e a REVISTA DE ANTROPOFAGIA, ambas publicadas em São Paulo.

Tivemos em 1972 a reedição de KLAXON, reproduzindo fascimilmente, com capas e cores, os nove números originais, que apareceram entre maio de 1922 e janeiro de 1923.

Da REVISTA DE ANTROPOFAGIA, até aqui a mais desconhecida, e sem dúvida a mais revolucionária do nosso Modernismo, não havia esperança de republicação. José Luis Garaldi — garimpador dessas raridades — descobriu uma coleção quase completa da revista, que fora de Tarsila, agora pertencente a Oswaldo Estanislau do Amaral Filho, sobrinho da grande pintora. Faltava apenas uma página do "Diário de São Paulo", que a sorte fez cair nas mãos de Garaldi e com a qual foi completada a coletânea. Daí nasceu a idéia de repor em circulação esses documentos explosivos da nossa história literária (viva), reproduzindo-os, tal como se fez com KLAXON, em sua saborosa fisionomia original. É o que o leitor tem agora em mãos.

Pediram-me que escrevesse uma introdução ao volume. Acabou saindo mais longa do que eu imaginava, e mais apaixonada. Sinal, quando menos, de que os nossos "antropófagos" continuam a interessar, e de que a "antropofagia" realmente não está morta.

2

A primeira foi KLAXON. Graficamente a mais bela das revistas do Modernismo, com seus tipos decorativos, sua numeração graúda e o choque visual de suas capas e contracapas: o enorme "A" vertical vertebralizando as palavras.

Espantosamente frágil, ingênuo, amadorístico. Um primeiro toque-de-reunir modernista, no ambiente hostil da época, após a bravura da Semana. Mas também um salve-se-quem-puder modernoso, onde a maior parte naufraga em ondas subfuturistas ou pós-impressionistas — ressaca internacional de arte moderna.

Os melhores poemas de KLAXON estão na quarta-capa: os anúncios espaciais *Coma Lacta*, *Guaraná Espumante* e os criativos pseudo-anúncios de Pantospho, Panteromnium & Cia, proprietários da Grande Fábrica Internacional de Sonetos, Madrigais, Baladas e Quadrinhas. Dentro, há os poemas prometedores de Luis Aranha. Os de Mário de Andrade, ainda incipientes, cheios de tiques, retóricos. De Oswald, nem há colaboração poética. Um trecho de *A Estrela de Absinto* e algumas notas, "Escolas & Idéias", esboço ainda imaturo da linguagem dos manifestos posteriores. O resto — que fazer? — era o resto. Guilherme Menotti. Serge Milliet. Colaboração internacional do 2.º ou 3.º time europeu: Nicolas Bauduin, Guillermo de Torre, Antonio Ferro e uns franceses, belgas e italianos que ninguém sabe mais quem são. Escassez de matéria-prima num terreno movediço onde, entre outras ervas, até poema de Plínio Salgado dava. Ruim, é claro.

Confusão teórica. O "Balanço de Fim de Século" de Rubens Borba de Moraes (no n.º 4) mistura, numa mesma salada, cubistas, dadaístas, futuristas, unanimistas, bolchevistas e espíritas. Crítica impressionista (e indulgente). De uma resenha de Mário sobre *A Mulher que Pecou* de Menotti: "Mais um livro do nosso admirável colaborador. (...) O novo livro de Menotti del Picchia assim julgamos: Dos melhores da literatura brasileira. (...) A figura de Nora é uma figura humana. Move-se como poucas outras da ficção nacional. (...) Como língua: virilidade, expressão, beleza. Imagens luxuriantes. Repetições. Adjetivação sugestiva. Descrições magníficas. Poesia. (...) Menotti del Picchia é um artista."

Um modernismo mitigado, tolerante, não isento de compromissos com a linguagem convencional e com os valores da tradição. "Sabe o que é para nós ser futurista? É ser kláxico", já ironizava Oswald. O manifesto do 1.º número prometia. Mas de que adiantava Mário de Andrade preferir Pérola White a Sarah Bernhardt, se ele continuava perdendo tempo com Guiomar Novaes ("É meu dever explicar porque considero a senhorinha Novaes uma pianista romântica.")?

Claro que os nossos modernistas da primeira hora — considerado o contexto desinformado e provinciano — podem ser olhados com maior brandura. Mas se estou enfatizando, com crueza, aspectos negativos da produção modernista no primeiro e significativo periódico dos moços da Semana de 22, é exatamente para que se possa entender a posição crítica que, em relação aos seus próprios companheiros, assunção, mais adiante, Oswald e os "antropófagos" mais radicais.

3

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Duas fases (“dentições”) nitidamente distintas. A primeira, revista mesmo, em formato de 33 por 24 cm, com modestas 8 páginas: 10 números, editados mensalmente, de maio de 1928 a fevereiro de 1929, sob a direção de Antonio de Alcântara Machado, gerência de Raul Bopp. Depois, veio a nova fase (a da 2.^a *dentição*, como esclarecia o subtítulo) da revista, agora limitada a uma página do “Diário de São Paulo”, cedida aos “antropófagos” por Rubens do Amaral, que chefiava a redação do jornal na época. Foram 16 páginas, publicadas com certa irregularidade, mas quase sempre semanalmente, de 17 de março a 1.^º de agosto de 1929 (a 16.^a página saiu, por engano, com o mesmo número da anterior). Nos quatro primeiros números, além do subtítulo, a indicação: *órgão do clube de antropofagia*. A partir do 5.^º: *órgão da antropofagia brasileira de letras*.

Na 1.^a dentição, a revista está ainda marcada por uma consciência ingênuã não muito distante da que informou o modernismo klaxista, apesar dos seis anos decorridos. Raul Bopp depõe depois (1966): “A antropofagia, nessa fase, não pretendia ensinar nada. Dava apenas lições de desrespeito aos canastrões das Letras. Fazia inventário da massa falida de uma poesia bobalhona e sem significado.”

É verdade que lá está, no primeiro número, o genial *Manifesto Antropófago* de Oswald, que junto com o *Manifesto da Poesia Pau Brasil*, publicado dois anos antes, resulta na formulação mais consistente que nos deixou o Modernismo. Mas Oswald já estava quase sozinho. Nos 10 números da revista, o único texto que se identificava plenamente com as idéias revolucionárias do manifesto, era A “*Descida*” *Antropófaga*, artigo assinado por Oswaldo Costa, igualmente no n.^º 1. Um “doublé” de Oswald (até no nome) que diz: “Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despi-lo. Para que ele tome um banho daquela “inocência contente” que perdeu e que o movimento antropófago agora lhe restitui. O homem (falo do homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fora do homem. E de lanterna na mão: filosofia. (...) Nós queremos o homem sem a dúvida, sem siquer a presunção da existência da dúvida: nu, natural, antropófago.” E lança um dos “slogans” do movimento: “Quatro séculos de carne de vaca! Que horror!”

Comparar as incisivas tomadas de posição dos dois Oswaldos com a “nota insistente” publicada “no rabinho do primeiro número da Revista” e assinada por Alcântara Machado e Raul Bopp:

“Ela (a “Revista de Antropofagia”) está acima de quaisquer grupos ou tendências;
Ela aceita todos os manifestos mas não bota manifesto;
Ela aceita todas as críticas mas não faz crítica;
Ela é antropófaga como o avestruz é comilão;
Ela nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaso seja veículo.
A “Revista de Antropofagia” não tem orientação ou pensamento de espécie alguma: só tem estômago.”

Estômago resistente. A ponto de abrigar, sem aparente indigestão, de Plínio Salgado a Yan de Almeida Prado... Claro que Oswald e os "antropófagos" radicais, que, logo mais, na 2.^a dentição, refugariam a Anta, opondo-lhe a imagem do Tamanduá ("Por isso não queremos anta, queremos tamanduá. O nosso bicho é o tamanduá bandeira. Nossa bandeira é o tamanduá. Ele enterra a língua na terra, para chupar o tutano da terra. As formigas grudam na língua dele, mordendo, queimando. Ele engole as formigas.") não iriam se conformar com essa deformação da imagem do antropófago — o avestruz, ave de apetite onívoro e estômago complacente e, aliás, estrangeira... Emblemática da política cultural da revista, nessa primeira fase, a imagem do avestruz mostra como a Antropofagia — excetuados os casos de Oswald e Oswaldo — era tomada no seu sentido mais superficial pela maioria, não ultrapassando, no mais das vezes, a idéia da "cordial mastigação" dos adversários ostensivos do Modernismo. É o que explica a assimilação indiscriminada de autores que nada têm a ver com os pressupostos da Antropofagia, enquanto movimento. O que faz, por exemplo, no n.^o 5, um sr. Peryllo D oliveira, da Paraíba, com seu pedaço de poema "A Voz Triste da Terra" ("Mas agora meu Deus é impossível voltar!")? O que faz Augusto Frederico Schmidt com o poema penumbrista "Quando eu Morrer", no n.^o 10? Estômago de avestruz!

Mas a despeito da indefinição teórica e poética, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA não deixou de contribuir, mesmo nessa primeira fase, como veículo — o mais importante da época — para a evolução da linguagem do nosso Modernismo. Não bastasse o *Manifesto* de Oswald, associado ao bico-de-pena de Tarsila (uma réplica do "Abaporu" ou Antropófago, um dos seus mais notáveis quadros), lá estão: o fragmento inicial de *Macunaíma* (n.^o 2), o radical "No Meio do Caminho" de Drummond (n.^o 3), que reaparece, epigramático, com "Anedota da Bulgária", no n.^o 8; "Sucessão de São Pedro", do melhor Ascenso Ferreira (n.^o 4); "Noturno da Rua da Lapa" de Manuel Bandeira (n.^o 5); "República", de Murilo Mendes (n.^o 7), então bem impregnado de "pau brasil" e bastante à vontade numa revisão desabusadamente poética e crítica da nossa história, iniciando a série que irá integrar o volume de poemas *História do Brasil* (1932), lamentavelmente excluído da edição *Poesias* (1922-55), em 1959. E algumas das primeiras produções de Raul Bopp (Jacó Pim-Pim), Jorge de Lima, Augusto Meyer e outros. Curiosidades: poemas de Josué de Castro e Luis da Câmara Cascudo, crônica de Santiago Dantas.

O que há de mais afinado com o espírito irreverente da Antropofagia, em sua face mais autêntica e agressiva, é a seção *Brasiliana*, que aparece em todos os números, e onde se reúnem, à maneira do "sottisier" de Flaubert, notícias de jornais, trechos de romances, discursos, cartões de boas festas, anúncios, circulares — textos "ready made" que denunciam a amena poluição da imbecilidade através da linguagem cotidiana e convencional. Como o anúncio compilado no n.^o 3, verdadeiro poema-"*trouvé*":

"A CRUZ DA TUA SEPULTURA ENCERRA UM MISTÉRIO — Valsa com letra; foi escrita junto a uma campa. Vende-se à rua do Teatro, 26."

Alcântara Machado tem, na revista, aproximadamente, o papel de Mário em KLAXON. Os editoriais e as resenhas de livros ficam a seu cargo. Disso ele se desincumbe com muita agilidade e certa graça, mas na base de um gosto-não-gosto que, se tem mais acertos do que erros, nem por isso ultrapassa o plano da disponibilidade subjetiva, dentro de uma genérica defesa do "moderno". Um Mário de Andrade folclorizante comparece, ainda, com o poema "Lundú do Escritor Difícil" e pesquisas músico-regionais.

Sintoma da progressiva irritação de Oswald — que, no n.º 5, já polemiza com Tristão de Ataíde em torno do Cristianismo — é a publicação do seguinte aviso no n.º 7:

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mário de Andrade é o pior crítico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança.

JOÃO MIRAMAR

A irritação viraria descompostura na 2.ª dentição da revista, que brota com dentes muito mais afiados na página dominical do "Diário de São Paulo" de 17-3-29, um mês depois de se extinguir a primeira série.

4

2.ª Dentição. A fase em que a Antropofagia vai adquirir os seus definitivos contornos como Movimento. Raul Bopp permanece, revezando-se na direção com Jaime Adour da Câmara. Geraldo Ferraz é o Secretário da Redação ("Açougueiro", na terminologia antropofágica). Com Oswald de Andrade e Oswaldo Costa à frente, os "antropófagos" descarregam todas as suas baterias, sob nome próprio ou através de um dilúvio de pseudônimos mais ou menos botocudos ou trocadilhos: Cunhambebinho, Odjuavu, Japi-Mirim, Freuderico, Jaboti, Braz Bexiga, Júlio Dante, Cabo Machado, Tamandaré, Pinto Calçudo, Poronominare, Guilherme da Torre de Marfim, Cunhambebe, Coroinha, Menelik (o morto sempre vivo), Marxilar, Piripipi, Tupinambá, Pão de Ló, Le Diderot, Jacó Pum-Pum, Seminarista Voador e outros. Destes, sabe-se seguramente que Tamandaré, que assinava os terríveis *Moquêns*, era Oswaldo Costa. Pinto Calçudo (personagem do *Serafim*), Freuderico (Freud + Frederico Engels ou Nietzsche?), Jacó Pum-Pum (o Pim-Pim era Raul Bopp) têm todo o jeito de Oswald. Transferindo-se para a página de jornal, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA só aparentemente empobreceu. Ganhou dinamicidade comunicativa. A linguagem simultânea e descontínua dos noticiários de jornal foi explorada ao máximo. Slogans, anúncios, notas curtas, a-pedidos, citações e poemas rodeiam um ou outro artigo doutrinário, fazendo de cada página, de ponta a ponta, uma caixa de surpresas, onde espalham granadas verbais de todos os cantos. Um contrajornal dentro do jornal.

Mas o que pretendiam, afinal, os renovados "antropófagos" com o terrorismo literário de sua página explosiva?

Restabelecer a linha radical e revolucionária do Modernismo, que já sentiam esmaecer-se na diluição e no afrouxamento. E mais do que isso. Lançar as bases de uma nova ideologia, a última utopia que Oswald iria acrescentar ao que chamaria mais tarde "a marcha das utopias".

É disso que tratam os artigos que atuam como "editoriais" da página. Alguns dos principais, sob o título *De Antropofagia*, datados uma ou outra vez do Ano 375 da deglutição do Bispo Sardinha, à maneira do *Manifesto Antropófago*. Os *Moquéns*, de Tamandaré (Oswaldo Costa). E outras intervenções explícitas ou implícitas de Oswald e Oswald.

A Antropofagia não quer situar-se apenas no plano literário. Ambiciona mais. "A descida antropofágica não é uma revolução literária. Nem social. Nem política. Nem religiosa. Ela é tudo isso ao mesmo tempo." (N.º 2 — *De Antropofagia*). Condenando "a falsa cultura e a falsa moral do ocidente", os "antropófagos" investem contra os espiritualistas, os metafísicos, e os nacionalistas de inspiração fascista, mas recusam também os extremismos da esquerda canônica: "Nós somos contra os fascistas de qualquer espécie e contra os bolchevistas também de qualquer espécie. O que nessas realidades políticas houver de favorável ao homem biológico, consideraremos bom. É nosso." (...) Como a nossa atitude em face do Primado do Espiritual só pode ser desrespeitosa, a nossa atitude perante o marxismo sectário será também de combate. (...) Quanto a Marx, consideramo-lo um dos melhores "românticos da Antropofagia". (N.º 1 — *De Antropofagia*). Um saudável anarquismo parece animar o grupo, enquanto busca a definição de um novo humanismo, revitalizado pela visão do homem natural americano.

Se não se preocupam exclusivamente com literatura, não deixam os "antropófagos" de fazer a crítica interna do Modernismo e o corpo de delito de todos quantos, seguidores da primeira hora do movimento, derivaram para uma atitude moderada ou reacionária. Disso se encarrega sistematicamente Oswaldo Costa na série *Moquérm*, dividida em: I — Aperitivo, II — *Hors d'Oeuvre*, III — Entradas, IV — Sobre mesa, V — Cafezinho.

De *Hors d'Oeuvre*: o valor do Modernismo "é puramente histórico, documental, igual, num certo sentido, ao do arcadismo, do romantismo, do parnasianismo e do simbolismo, entretanto superior a todos eles porque já representava, de fato, uma tentativa de libertação. (...) Mas não compreendeu o nosso "caso", não teve coragem de enfrentar os nossos grandes problemas, ficou no acidental, no acessório, limitou-se a uma revolução estética — coisa horrível — quando a sua função era criar no Brasil o pensamento novo brasileiro. Se o índio dos românticos era o índio filho de Maria, o índio dele era o índio major da Guarda Nacional, o índio irmão do Santíssimo. O movimento modernista foi, assim, uma fase de transição, uma simples operação de reconhecimento, e nada mais. Daí a pouca ou nenhuma influência que ele exerceu sobre os espíritos mais fortes da geração. A confusão que trouxe foi tamanha que à sua sombra puderam se acomodar, numa democracia de bonde da Penha, o sr. Sérgio Buarque de Hollanda e o sr. Ronald de Carvalho, o sr. Mário de Andrade e o

sr. Graça Aranha, e até o sr. Guilherme de Almeida.”

O requisitório de *Hors d'Oeuvre* prossegue: “ao Modernismo, movimento unicamente artístico, faltou exatamente sensibilidade artística.” (...) Mas o movimento modernista não produziu coisa alguma? Produziu. MACUNAIMA.” Ressalvando *Macunaíma*, “o nosso livro cílico, a nossa Odisséia”, que “os antropófagos reivindicam para si”, Oswald Costa arremete contra a poesia dos modernistas da época: “a nossa poesia se libertou de uns para escorregar noutros preconceitos. Ao invés da poesia essencial, o que temos — na “escola mineira” e nos intelectuais do nordeste influenciados pelo sr. Mário de Andrade, à exceção de Jorge de Lima e de Ascenso Ferreira, nos quais ponho as minhas esperanças — é poesia de acidentes, de ornatos, de detalhes, de efeitos. Pensamento novo não criamos.”

De *Entradas*: “Que espírito novo trouxeram à nossa poesia, por exemplo, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida, que o sr. Mário de Andrade não se cansa de enaltecer, e, como, quando e porque Antonio de Alcântara Machado reformou a nossa prosa?” As transições de Mário de Andrade (“mutirão de sabença da r. Lopes Chaves”) não são poupadadas: “Foguetes à poesia bobalhona de Augusto Frederico Schmidt, peguem na madeira. Correspondência amorosa com o que há de mais medíocre na intelectualidade do Brasil inteiro, zumbaias a Alcântara Machado e outras bexigas da nossa Barra Funda literária. (...) Quem classificou de finíssimo o ouvido de poeta do sr. Alberto de Oliveira, no que, aliás, acertou porque o farmacêutico é isso mesmo — poeta de ouvido. Quem faz discursos ao sr. Gomes Cardim, credo! não somos nós, antropófagos, que graças a Deus literatos não somos. É o sr. Mário de Andrade, o cérebro mais confuso da crítica contemporânea.” Pergunta final: “em sete anos que resultou para nós da Semana de Arte Moderna?”

Em *Cafezinho*, o último artigo da série de *Moquéns*, resumia-se a carga contra o “falso modernismo”, comparado ao índio que Oswald Teixeira desenhara para o centenário de Alencar: “O índio do sr. Teixeira é a fotografia fiel do falso modernismo brasileiro. Como ele de índio só tem a intenção do sr. Teixeira, o falso modernismo brasileiro só tem o rótulo.” Por trás dele — concluía-se — está a ACADEMIA. E os modernistas? “Empalhados como pássaros de museu, vivem agora nas estantes acadêmicas, purgando o remorso da Semana de Arte Moderna.” Conselho antropófago: “A rapaziada deve se prevenir contra a mistificação. Deve reagir a pau.”

E o pau comeu, brandido pelos Oswaldos e todos os seus pseudônimos, contra os modernistas academizantes. Em “Mário de Andrade, Alcântara e outras expressões da timidez acadêmica ou da modernidade tímidas”. Em Graça Aranha: “o acadêmico carioca é um homem confuso e sem espírito, cuja inteligência inutilmente se esforça em atrapalhar todas as noções conhecidas, todas as noções copiadas.” Em Alcântara Machado: “o burguês brilhante”... “Ficou sendo o nosso França Júnior, como já disse Menotti. Mas para quê mais França Júnior?”... “O que conduziu Alcântara na estréia foi o prefácio de Pathé-Baby. Por esse caminho, ele ia bem. Traiu-se. Virou importante. Carioca. Não nos interessa.” Em Mário de Andrade: “o nosso Miss S. Paulo traduzido no masculino”... “Salva-o ‘Macunaíma’.” Pro-

vável evangelho de que ele se nega a consciência. Por que?" Em Guillerme de Almeida, "Pierre Louis de celulóide". Em Paulo Prado, que cometeu os "absurdos incríveis de atribuir ao ouro e à luxúria todos os nossos excessos infantis." Nos espiritualistas. Em Tristão de Ataíde ("Tristinho de Ataúde", "Conselheiro Acácio do Modernismo") e seu Primado Espiritual ("Prima do Espiritual"). Em Tasso da Silveira e *Festa*, "revista characteristicamente provinciana", "vanguarda que marcha com mil precauções para não estragar os sapatos". Em Augusto Frederico Schmidt, "vate místico", o primeiro prontuariado do "fichário antropofágico". Nos verdeamarelistas. Em Menotti del Picchia, "Le Menotti del Picollo", "a Tosca do nosso analfabetismo literário", "o Júlio Dantas de Itapira". Em Cassiano Ricardo, "cuja ossada, descoberta por nós, veio confirmar a existência do homem fóssil da Lagoa Santa". Em Cândido Mota Filho: "o cônscio sr. Motta Filho confunde tudo. Depois acha tudo confuso". Em Plínio Salgado, acusado de pastichar Oswald, e na sua Escola da Anta ("a Anta morreu de indigestão retórica"). E outros mais. Em Ribeiro Couto, "vate consular". Em Drummond, que se solidariza com Mário, dizendo que "toda literatura não vale uma boa amizade" . . .

O manifesto do Verdeamarelismo, ou da Escola da Anta, publicado no "Correio Paulistano", em 17 de maio de 1929, é contestado no n.º 10 da revista (12-6-29), no artigo *Uma adesão que não nos interessa*, com implacável lucidez: "Não! Não queremos como os graves meninos do verdeamarelo restaurar coisas que perderam o sentido — a anta e a senhora burguesa, o soneto e a academia." Diante do manifesto desse arremedo de movimento, pretensamente vanguardista, mas que afirmava: "Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma de nossa gente, através de todas as expressões históricas", — o tacape antropófago vibrou sem piedade: "O que louvamos nesses *cinco abnegados deditos de mão negra conservadora* é uma coragem — a de se declararem sustentáculos de um ciclo social que desmorona por todos os lados e grilos de um passado intelectual e moral que nem na Itália está mais em voga! Pândegos!" (...) "Os verdeamarelos daqui querem o gibão e a escravatura moral, a colonização do europeu arrogante e idiota e no meio disso tudo o guarani de Alencar dançando valsa. Uma adesão como essa não nos serve de nada, pois o "antropófago" não é índio de rótulo de garrafa. Evitemos essa confusão de uma vez para sempre! Queremos o antropófago de knicker-bockers e não o índio de ópera." Descontados os aspectos mais superficiais e panfletários das investidas da 2.ª dentição, é preciso reconhecer que os antropófagos puseram o dedo na ferida do Modernismo. Que nascera comprometido, e agora, apenas engatinhando, já se encaminhava, em rebanho, para as Academias. Nem o "conflito fraternal" entre Oswald e Mário pode ser reduzido — como já quiseram fazer crer — a questões pessoais ou de suscetibilidade. Se Mário de Andrade foi talvez mais duramente atacado do que os outros é porque, de fato, recuou. Em 1924, no posfácio a *Escrava que não é Isaura*, ele já dizia suspeitamente: "acho que um poeta modernista e um parnasiano todos nos equivalemos e equiparamos". E porque os antropófagos sentiam na deserção progressiva do

criador de *Macunaíma* — a epopéia antropofágica que eles admiravam a ponto de querer “confiscá-la para si” — uma perda bem maior do que as outras... Em suma, Oswald e sua tribo de antropófagos se insurgiram contra a descaracterização e a diluição da revolução modernista. Podem ter-se excedido numa ou noutra tacapada. Mas estavam cheios de razão.

A despeito do predomínio dos artigos e notas de briga, a REVISTA DE ANTROPOFAGIA, nesta 2.^a fase, não descuidou da colaboração criativa. Sobressaem os dois poemas de Oswald (*Sol*, com seus cortes bruscos, e o reiterativo e lapidar *Meditação no Horto*), que não constam de seus livros. Raul Bopp publica trechos de seu poema mais significativo, *Cobra Norato*. Murilo Mendes aparece com a excelente *Canção de Exílio* e outras composições da série da *História do Brasil*. O colaborador internacional é Benjamin Péret, que, mesmo não valendo muita coisa como poeta, representava, de qualquer forma, o surrealismo, ainda em plena ebullição. É certo que vários dos poemas publicados ficam numa zona confinante com a do verdeamarelismo. Caso dos poemas regionalistas de Jorge de Lima. Mas foram os verdeamarelistas que tentaram grilar o terreno da “poesia pau brasil”. E, além disso, há em geral nos antropófagos uma nota sempre mais agressiva, mais debochada e zombeteira, que falta aos subprodutos bem-comportados e ufanistas dos verdeamarelos.

Dois poemas, ainda, me chamam a atenção pela radicalidade de suas proposições. São assinados por pseudônimos, mas têm a cara de Oswald. Um, no n.^o 6, é um “ready made”, extraído da sucessão das palavras no dicionário:

O POEMA DE CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Z, 1457

zabaneira

zabelé

zabra

zabucajo

zabumba

zaburro

zaco

...

Cunhambebe

Outro, um epígrama contra os verdeamarelistas:

COMBINAÇÃO DE CORES

Verdamarelo

Dá azul?

Não.

Dá azar.

Jacó Pum-Pum

Desenhos (e preprodução de quadros) de Tarsila, Cícero Dias e a revelação de Pagu (Patrícia Galvão), como desenhista e poeta, complementam esse quadro criativo.

Mas a caixa de surpresas da página é cheia de notas instigantes. Por exemplo, a anedota *Confúcio e o Antropófago* (no n.º 1), que, hoje, tem certo sabor maoista. As citações e a defesa de Sade (n.º 5): "Por enquanto Sade espera que a fogueira abrase o mundo." A discussão-manifesto em torno da Gestalt e da Antropofagia, por Oswald (n.º 9). A notícia sobre o lançamento das bases de um "Direito Antropofágico" pelo jurisconsulto Pontes de Miranda — "um direito biológico, que admite a lei emergindo da terra, à semelhança das plantas." (n.º 13) O penúltimo número da REVISTA — 19-7-1929 — dá notícia da primeira exposição de Tarsila no Brasil, inaugurada no dia anterior no Rio de Janeiro. E anuncia a organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, para o estudo de "algumas reformas de nossa legislação civil e penal e na nossa organização político-social". Entre essas teses estão: o divórcio, a maternidade consciente, a impunidade do homicídio piedoso, a nacionalização da imprensa, a supressão das academias e sua substituição por laboratórios de pesquisas. Ilustrando a página, "Antropofagia", quadro n.º 1 do catálogo da exposição de Tarsila. O último número — 1-8-1929 — traz uma ampla reportagem sobre as repercuções da mostra. O editorial *De Antropofagia* é curto e virulento. Entre outras coisas: "Somos pelo ensino leigo. Contra o catecismo nas escolas. Qualquer catecismo. Não é possível fazer o Brasil embarcar na canoa furada da Prima do Espiritual. Reagiremos pois contra toda e qualquer tentativa nesse sentido. Viva Freud e nosso padrinho Cícero!"

Conta Raul Bopp que "cresciam, diariamente, as devoluções de jornais, em protesto contra as irreverências antropofágicas". Por causa dessas reações, Rubens do Amaral viu-se compelido a acabar com a página. O Congresso de Antropofagia também gorou. Raul Bopp: "Desprevidamente, a libido entrou, de mansinho, no Paraíso Antropofágico. Cessou, abruptamente, aquele labor beneditino de trabalho. Deu-se um "changé de dames" geral. Um tomou a mulher do outro. Oswald desapareceu. Foi viver o seu novo romance numa beira de praia, nas imediações de Santos. Tarsila não ficou mais em casa." Desagregou-se o grupo. Em outubro de 1929 vieram o craque da Bolsa e a crise do café. Oswald e Pagu se engajaram no Partido Comunista. E o criador de *Serafim Ponte-Grande*, julgando-se curado do "sarampão antropofágico", virou "casaca de ferro na Revolução Proletária".

As idéias e concepções da Antropofagia foram postas de lado por muito tempo. Só em 1945, depois de sua ruptura com os comunistas, é que Oswald, intelectualmente recuperado, se dispôs a aprofundar os temas antropofágicos. É o que fará especialmente em dois estudos: *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950) e *A Marcha das Utopias* (1953). Pôde-se então compreender, com maior precisão, a seriedade do pensamento oswaldiano e da tese antropofágica, concebida por ele como "a terapêutica social do mundo moderno". Mas a REVISTA DE ANTROPOFAGIA fica como documento vivo das primeiras refregas, exemplo até dramático de uma luta que Oswald travou nas condições as mais difíceis, praticamente ilhado, com alguns poucos, contra a maré da geléia geral que acabou envelopando quase todos os seus companheiros da revolução modernista.

5

Sabe-se que a REVISTA DE ANTROPOFAGIA e o MANIFESTO ANTROPÓFAGO tiveram um precedente na revista CANNIBALE e no MANIFESTE CANNIBALE DADA de Francis Picabia, ambos de 1920. Não há nada de espantoso nisso. Com os sucessos arqueológicos e etnológicos e a voga do primitivismo e da arte africana, no começo do século, era natural que a metáfora do canibalismo entrasse para a semântica dos vanguardistas europeus. Mas, dentro de DADA, o “canibal” não passou de uma fantasia a mais do guarda-roupa espaventoso com que o movimento procurava assustar as mentes burguesas. Com Oswald foi diferente. Embora citasse expressamente Montaigne e Freud (*Totem e Tabu* é de 1912), é possível que ele tenha recebido alguma sugestão do canibalismo dadaísta, entrevisto nas viagens que fez à Europa, entre 1922 e 1925. Mas a ideologia do Movimento Antropófago só muito artificialmente pode ser assimilada ao Canibalismo picabiano, que, por sinal, não tem ideologia definida, nem constitui, em si mesmo, movimento algum. CANNIBALE, revista dirigida por Picabia, “com a colaboração de todos os dadaístas do mundo”, só teve dois números: 25 de abril e 25 de maio de 1920. Não há nada na revista, nenhum texto, em que se leia qualquer plataforma que pudesse identificar um “movimento canibal”. Quanto ao MANIFESTO CANIBAL DADÁ, publicado em DADAPHONE (o 7.º e último número da revista DADA — 7 de março de 1920), é um típico documento dadaísta: “...dadá, só ele, não cheira a nada, não é nada, nada, nada. é como vossas esperanças: nada. como vossos paraísos: nada. como vossos ídolos: nada.” Um niilismo que nada tem a ver com a generosa utopia ideológica da nossa Antropofagia.

Não. Nem o MANIFESTO ANTROPÓFAGO nem a REVISTA DE ANTROPOFAGIA se parecem com os seus antecessores picabianos, por mais que os bandeirinhas da nossa crítica judicativa queiram pilhar Oswald em impedimento. Como diz Décio Pignatari: “Toda vez que vem à tona, o cadáver de Oswald de Andrade assusta. E sempre aparece um prático audaz disposto a conjurar o cachopo minaz.” Mas como observou Benedito Nunes, na lúcida série de artigos *O Modernismo e as Vanguardas (Acerca do Canibalismo Literário)*, em que pulveriza o auto-de-fé de um dos martins-pecaadores da nossa crítica literária, que tentava reduzir mecanicamente às matrizes do “canibal” dada-futurista a “antropofagia” brasileira: “a imagem do canibal estava no ar. Por isso quem se aventura a estabelecer os antecedentes literários privilegiados que ela teve, será obrigado a recuar de autor, indefidamente.” O próprio Benedito Nunes cita, como exemplo, Alfred Jarry e os *Almanaque do Père Ubu*, “um dos quais registra guloseimas para os *amateurs anthropophages*”. Do mesmo Jarry, eu lembraria um texto talvez ainda mais explícito: o artigo *Anthropophagie*, que é de 1902, e do qual extraí uma das epígrafes deste estudo. Depois de analisar as dimensões da Antropofagia na concepção de Oswald de Andrade, assim conclui Benedito Nunes: “A imagem oswaldiana do antropófago e o conceito respectivo de assimilação subordinam-se, portanto, a uma forma de concepção que os vários canibalismos literários

da época reunidos não podem preencher."

Oswald, de resto, clarificando o seu pensamento, distinguiu, em *A Crise da Filosofia Messiânica*, a antropofagia ritual do mero canibalismo (antropofagia por gula ou fome): "A antropofagia ritual é assimilada por Homero entre os gregos e segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura — Asteca, Maias, Incas. Na expressão de Colombo, *comian los hombres*. Não o faziam porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa fase primitiva de toda a humanidade. Considerada assim, como *weltanschauung*, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuítas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se, em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos. A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabu em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemizar o tabu."

Em matéria de precursões, mais intrigante é constatar que a poesia "antropófaga", na base do Indianismo às avessas idealizado por Oswald já a praticava, em temas e formas, cinqüenta anos antes, um outro Sousa Andrade — o maranhense Sousândrade —, que no Canto II do *Guesa* (1874) tem coisas como esta:

(Antropófago HUMÁUA a grandes brados)

— Sonhos, flores e frutos,

Chamas do *urucari*!

Já se fez *cai-a-ré*,

Jacaré!

Viva Jurupari! (Escuridão. Silêncio)

A observação não escapou a Edgard Cavalheiro, que intitulou um seu artigo sobre Sousândrade, de 1957: *O Antropófago do Romantismo*. O que vem confirmar a vocação autônoma da antropofagia brasileira — a sua congenialidade, como diria Antônio Cândido — relativamente às concepções européias.

Sousândrade. Eis aí um autêntico precursor. Isso, sem esquecer o conselho de Borges: "No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas teríamos de purificá-la de toda a conotação polêmica ou de rivalidade. A verdade é que cada escritor *cria* os seus precursores. A sua obra modifica a nossa concepção do passado, como há-de modificar o futuro."

Em *A Marcha das Utopias* e *A Crise da Filosofia Messiânica*, na década de 50, Oswald procura dar mais consistência às suas idéias em torno da Antropofagia, vista como "uma filosofia do primitivo tecnizado". Fundindo observações colhidas em vários autores, mas principalmente em Montaigne ("De Canibalis"), Nietzsche, Marx e Freud, redimensionados pelas teses de Bachofen sobre o Matriarcado, cria a sua própria Utopia de caráter social ("No fundo de cada Utopia

não há somente um sonho, há também um protesto"). Imaginava o poeta que as sociedades primitivas seriam capazes de oferecer modelos de comportamento social mais adequado à reintegração do homem no pleno gozo do ócio a ser propiciado pela civilização tecnológica. Para Oswald, o ócio a que todo homem teria direito fora desapropriado pelos poderosos e se perdera entre o sacerdócio (ócio sagrado) e o negócio (negação do ócio). Para recuperá-lo, propunha a incorporação do homem natural, livre das repressões da sociedade civilizada.

A formulação essencial do homem como problema e como realidade era capsulada neste esquema dialético: 1.º termo: tese — o homem natural; 2.º termo: antítese — o homem civilizado; 3.º termo: síntese — o homem natural tecnizado. A humanidade teria estagnado no segundo estágio, que constitui a negação do próprio ser humano, e no qual fora precipitada pela cultura "messiânica".

Contra a cultura "messiânica", repressiva, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, advogava a cultura "antropofágica", correspondente à sociedade matriarcal e sem classes, ou sem Estado, que deveria surgir, com o progresso tecnológico, para a devolução do homem à liberdade original, numa nova Idade de Ouro. Conotação importante derivada do conceito de "antropofagia" oswaldiano é a idéia da "devoração cultural" das técnicas e informações dos países superdesenvolvidos, para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em "produto de exportação" (da mesma forma que o antropófago devorava o inimigo para adquirir as suas qualidades). Atitude crítica, posta em prática por Oswald, que se alimentou da cultura européia para gerar suas próprias e desconcertantes criações, contestadoras dessa mesma cultura.

Tudo somado, o grande pecado de Oswald parece mesmo o de ter escrito em português. Tivesse ele escrito em inglês ou francês, quem sabe até em espanhol, e a sua Antropofagia já teria sido enroncada na constelação de idéias de pensadores tão originais e inortodoxos como McLuhan, Buckminster Fuller (*Utopia or Oblivion* — a utopia tecnológica — mais uma contribuição para a marcha das utopias?), John Cage (*Diário: Como melhorar o mundo*) ou Norman O. Brown, que em *Love's Body* (1966) ressuscita os temas do canibalismo freudiano e do matriarcado de Bachofen. Pensadores da América, todos eles, por sinal.

A Antropofagia, que — como disse Oswald — "salvou o sentido do modernismo", é também a única filosofia original brasileira e, sob alguns aspectos, o mais radical dos movimentos artísticos que produzimos. Por isso é da maior importância que se ilumine o "caminho percorrido", no qual a REVISTA DE ANTROPOFAGIA é etapa indispensável. Ilhado pela ignorância e pela incompreensão, Oswald parecia ter perdido a batalha. "Venceu o sistema de Babilônia e o garçom de costeleta", chegou a escrever. Mas ele ressuscitou, nos últimos anos, para nutrir o impulso das novas gerações. Tabu até ontem, hoje totem. No necessário banquete totêmico não devemos, porém, comemorar, mas comer a revista. Como ele queria. SOMOS ANTROPÓFAGOS.

ANNO I - NUMERO I

500 rs.

MAIO - 1928

Revista de Antropofagia

Direção de ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.^o PAV. SALA 7 — CAIXA POSTAL N.^o 1.269

SÃO PAULO

ABRE-ALAS



Nós eramos xifópagos. Quasi chegamos a ser deródimos. Hoje somos antropófagos. E foi assim que chegamos á perfeição.

Cada qual com o seu tronco mas ligados pelo figado (o que quer dizer pelo ódio) marchávamos numa só direcção. Depois houve uma revolta. E para fazer essa revolta nos unimos ainda mais. Então formamos um só tronco. Depois o estouro: cada um de seu lado. Viramos canibais.

Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra cousa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, princípio de tudo.

Não o índio. O indianismo é para nós um prato de muita sustância. Como qualquer outra escola ou movimento. De ontem, de hoje e de amanhã. Daqui e de fora. O antropófago come o índio e come o chamaão civilizado: só êle fica lambendo os dedos. Pronto para engulir os irmãos.

Assim a experiência moderna (antes: contra os outros; depois: contra os outros e contra nós mesmos) acabou despertando em cada conviva o apetite de meter o garfo no vizinho. Já começou a cordeal mastigação.

Aqui se processará a mortandade (esse carnaval). Todas as oposições se enfrentarão. Até 1923 havia aliados que eram inimigos. Hoje há inimigos que são aliados. A diferença é enorme. Milagres do canibalismo.

No fim sobrará um Hans Staden. Esse Hans Staden contará aquillo de que escapou e com os dados dêle se fará a arte próxima futura.

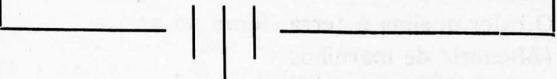
E' pois aconselhando as maiores precauções que eu apresento ao gentio da terra e de todas as terras a libérrima REVISTA DE ANTROPOFAGIA.

E arreganho a dentuça.

Gente: pode ir pondo o cauim a ferver.

António de Alcântara Machado.

MANHÃ



O jardim estava em rosa, ao pé do Sol
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá
Deixando por tudo uma presença de agua
Banzava gosado na manhã praceana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.
A gente si quizesse beijava o chão sem formiga,
A bocca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!
As sombras se agarrando no folhedo das árvores
Talqualmente preguiças pesadas.
O Sol sentava nos baticos, tomando banho-de-luz.

Tinha um sossêgo tão antigo no jardim,
Uma fresca tão de mão lavada com limão
Era tão marupiara e descansante
Que desejei... Mulher não desejei não, desejei...
Si eu tivesse a meu lado ali passeando
Suponhamos, Lenine, Carlos Prestes, Gandhi, um desses!...

Na doçura da manhã quasi acabada
Eu lhes falava cordialmente: --Se abanquem um bocadinho
E havia de contar pra êles os nomes dos nossos peixes
Ou descrevia Ouro Preto, a entrada de Vitoria, Marajó,
Coisa assim que puzesse um disfarce de festa
No pensamento dessas tempestades de homens.

MARIO DE ANDRADE

“Ali vem a nossa comida pulando”

(V. Hans Staden - Cap. 28)

RESOLANA

O mormaço é a fumaça da macega.
 Treme o longe diluido na quentura.
 O boi desce a recosta em procura da sombra
 mas pára logo, abombado.
 Lá no alto, voando, voando, bebendo o azul,
 subindo sempre — urubú.
 Feliz...
 O calor queima a terra, ferve no ar.
 (Memoria de marulhos
 gosto de espuma limo areia branca)
 A cabeça do alazão é uma chamma esbelta
 cortando o campo a trote largo.
 Vejo as orelhas agudas que se móvem,
 sinto o corpo fremente do cavallo.

E ha tanta harmonia entre o choque dos cascos
 e o meu tronco agitado na vibração febril,
 que eu comprehendo a gloria animal da carreira:
 vou!
 enrolado na força do sol.

(Rio Grande do Sul)
 Do livro "Giraluz"

AUGUSTO MEYER

Estão no Prélo**LARANJA DA CHINA**

DE

Antonio de Alcantara Machado
 E

MACUNAIMA

DE

Mario de Andrade

A sair brevemente**Martim - Sererê**

VERSOS

DE

Cassiano Ricardo

E

Republica dos E. U. do Brasil

POEMAS

DE

MENOTTI DE PICCHIA

Poema

Ella vae sozinha, tropeçando nas colheitas.
 Bate-lhe o sol nos hombros. Ella sente que um gosto
 humano
 deflora-lhe a bocca e illumina-a de absurdos.

Parece que um choro quer sorrir dentro de si.
 Parece que o sangue dentro de si quer matal-a
 e jogar-lhe clarões por cima.

Aquillo é o universo que se despenha dos seus cabellos.

(Pará)

ABGUAR BASTOS

UFA,

os films que assombram o mundo

REPRESENTANTE

Gustavo Ziegritz

RUA DOS ANDRADAS, 42

SÃO PAULO

Vacca Christina

A vacca Christina, de madrugada,
 Vem de belengue no longo da rua.
 Uei,
 Olha o leite da vacca Christina!

No Bango lambido de luzes escassas
 Estira-se a larga madrugada molle.
 Amontoa-se a garoa miuda. E lá adeante.
 Roda a carroça do lixo da noite.
 Uei,
 Quem quer leite da vacca Christina?

E a vacca bohemia, de pata pitoca,
 Vae toda faceira, enfeitada de fita
 Vae ver as comadres atraz dos tabiques
 Uei,
 Viva as tetas da vacca Christina!

E passa a patrulha noturna da zona.
 E' a hora em que o Bango cansado cochila.
 Somente enche o resto da noite deserta
 O belengue molango no longo da rua:
 Uei,
 Quem qué o leite da vacca Christina?

Jacob Pim-Pim.

Do livro a sahir: "Ai, seu Mé".

MANIFESTO ANTROPOFAGO

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupy, or not tupy that is the question.

Contra toda as cathecheses. E contra a mãe dos Gracchos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropofago.

Estamos fatigados de todos os maridos catholicos suspeitos postos em drama. Freud acabou com o enigma mulher e com outros sustos da psychologia impressa.

O que atropelava a verdade era a roupa, o impermeavel entre o mundo interior e o mundo exterior. A reacção contra o homem vestido. O cinema americano informará.

Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hypocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No paiz da cobra grande.

Foi porque numca tivemos grammaticas, nem colleções de velhos vegetaes. E nunca soubemos o que era urbano, suburbano, fronteiriço e continental. Preguiçosos no mappa mundi do Brasil.

Uma conscientia participante, uma rythmica religiosa.

Contra todos os importadores de conscientia enlatada. A existencia palpavel da vida. E a mentalidade prelogica para o Sr. Levy Bruhl estudar.

Queremos a revolução Carahiba. Maior que a revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas efficazes na direcção do homem. Sem nós a Europa não teria siquer a sua

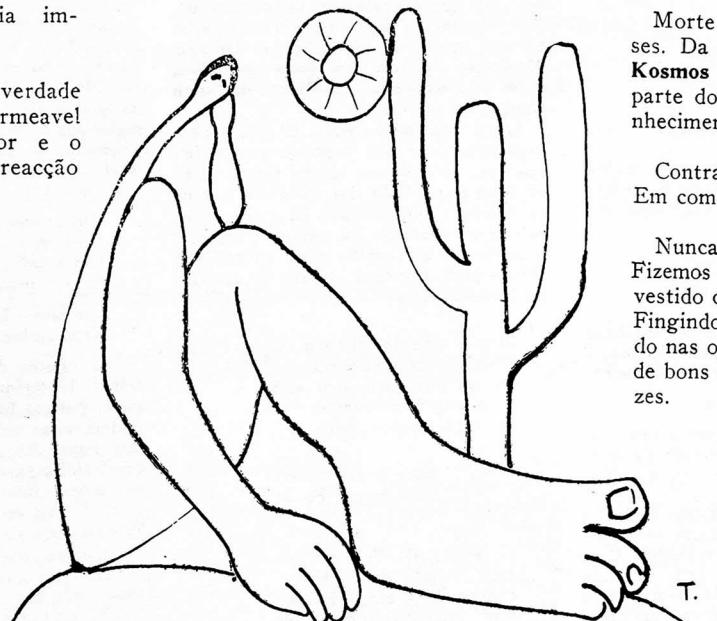
pobre declaração dos direitos do homem.

A edade de ouro anunciada pela America. A edade de ouro. E todas as girls.

Filiação. O contacto com o Brasil Carahiba. **Où Villeganhon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução surrealista e ao barbaro technizado de Keyserling. Caminhamos.

Nunca fomos cathechizados. Vivemos atravez de um direito sonambulo. Fizemos Christo nascer na Bahia. Ou em Belem do Pará.

Mas nunca admittimos o nascimento da logica entre nós.



Desenho de Tarsila 1928 - De um quadro que figurará na sua proxima exposição de Junho na galeria Percier, em Paris.

Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro emprestimo, para ganhar commissão. O rei analphabeto disserra-lhe: ponha isso no papel mas sem muita labia. Fez-se o emprestimo. Gravou-se o assucar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a labia,

O espirito recusa-se a conceber o espirito sem corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vaccina antropofagica. Para o equilibrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.

Só podemos attender ao mundo orecular.

Tinhamos a justica codificação da vingança. A sciencia codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabú em totem.

Contra o mundo reversivel e as ideias objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dynamico. O individuo victimo do sistema. Fonte das injustiças classicas. Das injustiças romanticas. E o esquecimento das conquistas interiores.

Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.

O instincto Carahiba.

Morte e vida das hypotheses. Da equação eu parte do Kosmos ao axioma Kosmos parte do eu. Subsistência. Conhecimento. Antropofagia.

Contra as elites vegetaes. Em comunicação com o sólo.

Nunca fomos cathechizados. Fizemos foi Carnaval. O indio vestido de senador do Imperio. Fingindo de Pitt. Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portuguezes.

Já tinhamos o comunismo. Já tinhamos a lingua surrealista. A edade de ouro. Catiti Catiti Imara Notiá Notiá Imara Ipejú

A magia e a vida. Tinhamos a relação e a distribuição dos bens physiscos, dos bens moraes, dos bens dígnarios. E sabíamos transpor o mysterio e a morte com o auxilio de algumas formas grammaticae.

Perguntei a um homem o que era o Direito. Elle me respondeu que era a garantia do exercicio da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o

Só não ha determinismo - onde ha misterio. Mas que temos nós com isso?

Continua na Pagina 7

SEIS POETAS

PEDRO-JUAN VIGNALE — Sentimento de Germana — Buenos Aires — 1927.

Os versos são de uma ternura forte e grave. Muito diferente daquela pieguíssima rimado dos poetas que sussurram no rimado dos poetas que sussurram no ouvidinho da amada. Pedro-Juan Vignale, **maestro e entomólogo**, ama á moderna. E poeta á moderna. Seus ditirambos em honra de Germana não são declarações de namorado bisonho: antes de que tem fé convencida e invencível num sentimento muito alto mas palpável. Nada de dúvida cruciantes ou queixumes suspidos. Nenhuma alusão á morte salvadora.

Através da mulher o poeta ama a terra onde ela nasceu: esta terra. Sentir uma é sentir a outra.

En tus manos ávidas
traes
los cielos del Brasil

Ouvindo a voz **cálida de trópico** é que elle vê

esa tarde paulista
exprimirse
sobre el Tietê
hasta inundarlo

O que é positivamente lindo.

Esse contrato de poeta, tão profundamente vigoroso com o tema lírico Brasil ainda nos dará (penso eu) muita coussa ótima.

JORGE FERNANDES — Livro de poemas — Natal — 1927.

A poesia de Jorge Fernandes machuca. Deante dela fica-se com vontade de gritar como o próprio poeta na **Enchente**:

Lá vem cabeçada...

E vem mesmo. Poesia bandoleira, violenta, golpeando a sensibilidade da gente que nem o tejú brigando com a cobra: **Léxol! Léxol!**

Ao lado disso uma afeição carnal e selvagem pela terra sertaneja como demonstra entre outras a exéplendida **Cancão do inverno**. E feito rude de dizer as cousas. Jorge Fernandes tem a mão dura: tira lascas das paisagens que caem nas unhas dèle. **Mão de derrubar** sem dúvida. Aquela mesma trabalhadeira e lírica **Mão nordestina** que dá o nome a uma de suas poesias mais características.

Outra cousa: Jorge Fernandes fala uma língua que nós do Sul ainda não compreendemos totalmente mas sentimos admirável. Eu pelo menos não percebo trechos e trechos de várias poesias suas. No entanto gosto deles. O poema **Avoëtes** por exemplo (não sei se por causa da construção particularíssima de certas frases) espanta como o desconhecido. É bonito que só vendo.

O autor do **Livro de poemas** evidentemente está passando por um período doido de auto-crítica de que sairá melhorado com certeza. Ele mesmo reconhece isso e caçoá de suas reminiscências parnasianas. Daí uma porção de pequenos defeitos nas vésperas de completo desaparecimento. Ou eu muito me engano.

JORGE DE LIMA — Poemas e Essa negra Fulô — Maceió — 1927 e 1928.

A ascensão de Jorge de Lima é uma delícia. De soneto **Acendedor de lampião** ao poema **Essa negra Fulô**. Sujeito inteligente como poucos soube procurar e achou. Abençoado Manuel Bandeira.

Dos **Poemas** eu separei **G. W. B. R.** Gostosura de lirismo vagabundo, alegre, levado dos diabos. Dá vontade na gente de repetir a viajem tendo o poema bem guardado na memória. Separei esse por ser o meu predileto. Mas não o único notável. **Rio de São Francisco** também me agrada bastante. **Baía de Todos os Santos, Santa Dica, Floriano-Padre Cícero-Lampeão** igualmente têm cousas que a gente não esquece. Principalmente o primeiro. E do magnífico **Changô** pula um bodum danado, rebenta uni ritmo infernal. Inútil querer resistir.

De vez em quando uma descaída sentimental ou pueril, livresca, oratória ou conceituosa que desaponta mas não assombra. Porque não é assim tão facilmente que se rompe com certos cacoetes literários. Não vê. A cousa é dura como quê. Não tem importância: Jorge de Lima está ficando cada vez mais escovado. Por isso duvido muito que em seus livros futuros apareçam versos como **Oração, Meninice, Poemas dos bons fradinhos, A voz da igrejinha e o Painel de Nuno Gonçalves** sobretudo.

Agora **Essa negra Fulô**. E' das cousas mais marcantes que a poesia nordestina nos tem enviado de muito tempo para cá. **Essa negra Fulô** sim. Bole com a gente. Pinica a sensibilidade da gente. Embala o sensualismo da gente. Canção e história da escravidão sem querer ser. Poesia boa, cheirosa, suarenta, apetitosa, provocadora.

Ora se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no banguê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a negra Fulô)
Cadê meu frasco de cheiro
que teu Sinhô me mandou?
— Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

. . . .
O Sinhô foi açoitar
sosinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O' Fulô? O' Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nossa-Senhor me mandou?
Ah! foi você que roubou
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô. Pretinha do inferno.
Essa negra Fulô.

A. de A. M.

Henrique de Resende, Rosario Fusco e Ascanio Lopes — **Poemas** — Cataguazes — 1928.

E' a gente simpática da **Verde** de Cataguazes.

Livro naturalmente desigual puxando para três lados.

Henrique de Rezende é o mais velho da turma. Engenheiro rodoviário vai anotando nas margens do caderno de medições e de cálculos os aspectos dos caminhos que ele abre

como um cordame de veias
no corpo adusto
da terra inhospita.

Não sei se como engenheiro é bom poeta. Mas sei que como poeta é bom engenheiro. Seus versos são solidamente construídos sobre leito bem impedrado. Nem falta o rôlo compressor de uma auto-crítica severa. E esses caminhos têm sombras para a gente repousar a vista tonta da luz das paisagens. **A ermida** por exemplo: tão comovente e tão bonita.

Rosario Fusco é um menino. Está dito tudo: mistura timidez com audácia, brutalidade com ternura, larga o estilingue para choramingar no colo de um afecto bom. Tem talento. Quanto a isso não pode haver dúvida. Tem talento, vontade de acertar e uma desenvoltura ótima na qual a gente não pode deixar de pôr a maior das confianças. Eu gosto muito deste poeminha — **Sala de gente pobre** — do qual tomo a liberdade de suprimir o último verso:

Um banco.

Uma mesa.

Um quadro: Nossa Senhora....

Outro quadro: São José....

Um lampeão.

Nem ambição de mais coisas.

Os defeitos de Rosario Fusco são defeitos de quem tem dezenas anos. Em geral porque há alguns mais graves que podem virar crónicos se não forem curados logo: linguagem meio cá meio lá, quedazinha para o lugar-comum, imágem de efeito, final arranjadinho. E outros mais. Porém eu já disse e repito que em Rosario Fusco a gente pode ter sem medo muitíssima confiança.

Ascanio Lopes também é menino: menino malicioso, gozador, cheio de subentendidos. O principal defeito dèle é o mesmo de Rosario Fusco: a idade que tem. Daí, apesar dèle ser brincalhão, certas puerilidades sentimentais, o desejo criança de ser acarinhado e o tema tristeza soando falso nas poesias dèle.

A mata é grande demais para o fogo pegar caracteriza bem a sua maneira boa:

Na modorra enorme do sertão os empregados trabalhavam nos eitos da

cantando cantigas ingenuas.

Mas do lado da serra, lá longe, começou

[a subir fumaça

e as chamas tamparam as arvores da

[mata.

O feitor disse que era uma queimada que

[saltara o acerro.

Ninguem pensou em apagar o fogo.

No céu os gaviões gritavam assustados.

Ascanio Lopes não deve abandonar

[éste seu feitio de gozador a seco.

O pessoal da **Verde** é portanto uma surpresa excelente e cuja excelência de hoje em deante não mais surpreenderá ninguém.

A. de A. M.

POESIA

(Especial, para a "Revista de Antropofagia")

FOME

Em jejum, na mesa do "Café Guarany",
 O poeta antropofago rima e metrifica o amorzi-
 [nho de sua vida.

Elle tem saudades de ti.

Elle quer chamar "ti" de: estranha — voluptuo-
 [sa — linda querida.

Elle chama "ti" de: gostosa — quente — bôa
 [— comida.

Guilherme de Almeida.

A LINGUA TUPY — PLINIO VALGADO

A LINGUA TUPY

A lingua tupy deve ser estudada com um novo criterio. A contribuição de todos os que escreveram grammaticas e dicionarios do idioma falado pelos nossos selvagens é certamente muito valiosa, e serve-nos hoje de inicio para as nossas procuras curiosas. Mas os que estudaram o tupy, nos primeiros seculos da colonização inspiravam-se num criterio arcaico, do mesmo modo que, considerando c indio, tomavam-no sob o ponto de vista da catechese. Periodo de Anchieta, depois de Montoya, de Filgueiras. E é preciso notar o caracter de utilidade practica imediata, desses estudos, naquela época. O jesuita tinha necessidade de unificar, tanto quanto possível, as linguas, num typo geral que servisse ao imperialismo catechista. E a necessidade da compreensão urgente entre catechumenos e evangelizadores. Essa preocupação utilitaria não podia ter sinão uma orientação grammatical. E sendo o typo humano dos conquistados reduzido pelo dogma á equivalencia intrínseca do conquistador, passava para um segundo plano o estudo do seu espírito e do seu instinto, e da lingua do gentio só se tomavam as conclusões finaes, formas pacificas passivas da traducção. Qnde o indio, como valor psychologico e social era to-

mado como identico ao homem europeu, não resta a menor duvida. Basta ver-se envergando o habitto de Christo, e com o titulo de Dom, que lhe concede Felipe IV, o sr. Antonio Camarão, Poty de nasciamento... Aliás, uma bulla papal já declarara, após a descoberta do Novo Mundo, que todos descendiam de Adão e Eva. Os que estudaram o tupy, desde aquelles tempos, não podiam ter outra orientação que não fosse a do seu seculo e a das necessidades prementes.

Muita gente depois veio estudando a lingua de nossos indios, mas com um criterio pratico. São subsídios curiosos. Abanheenga, quer dizer, lingua de homem, lingua de gente, chamavam os tupys á sua lingua. O missionario foi unificando, systematizando as pequenas modalidades no nheengatú, ou seja lingua bôa. Donde nasceu o tupy-guarany. As outras tribus ficaram falando o seu nheengahyba, lingua ruim. Ruim porque não se submettia á reducção classica do nheengatú.

O criterio scientifico para o estudo das linguas americanas procede de Martius e da sua classificação. O ramo brasileiro, que vem denominado na classificação de Frederico Muller "grupo tupy-guarany", é dividido por Martius em nove galhos. Parece-me que ha, dahi por dian-te, uma curiosidade maior em relação ás linguas selvagens. E em relação ao indio,

tambem. Liga-se o estudo dos idiomas á propria historia do homem. Depois de Lamarck, G. de Saint Hilaire, Darwin e Spencer, estes assumptos tomam um outro aspecto. A ultima tentativa para reduzir o indio á forma européa, é, talvez, a do nosso chamado indianismo, expressão do romantismo em nossa literatura. Mas essa preocupação lamartinizante dos nossos poetas e romancistas teve a vantagem de chamar a atenção brasileira para o bugre, cercal-o de uma sympathy atravez da qual pudessemos chegar a elle e pesquisá-lo melhor. E como esse movimento de Gonçalves Dias e José de Alencar representa o primeiro passo para uma comprehensão melhor do indigena, é justo perdoarmos a esses escriptores os prejuizos inherentes ao seu tempo. E é preciso tambem registrar que, no meio de muita phantazia, ha expressões fieis da psychologia selvagem em muitos trechos da poesia e do romance romanticos.

A opinião do nosso historiador Porto Seguro (Varnhagen), tão hostil á pobre raça dominada, vem logo contrabatida pela sympathy de Couto de Magalhães, de Barbosa Rodrigues, de Baptista Caetano a cuja obra podemos juntar o que tem feito Theodoro Sampaio, Cândido Rondon, Alarico Silveira, e outros.

Novos aspectos nos interessam hoje na lingua dos nossos selvagens. O da origem (Continua na pag. seguinte)

A LINGUA TUPY — (Continuação)

gem, o da sua significação como exprimindo um estagio humano, e, sobretudo, a intima communhão cosmica, essa especie de intercomprehensão, de intersensibilidade e correspondencia dos elementos idiomaticos representativos dos objectos, (substantivo) das accções (verbos) e das circunstâncias, (adjectivos e adverbios) que resumem toda uma syntaxe primitiva, que prescindia de preposições e conjunções, primeiras moletas da decadência na função creadora das linguas.

A hipótese onamatopaiica de Heber, a das interjeções de Horne Tooke, a do poder inherente á natureza humana, de Max Müller, a materia debatida por Condillac, Leibnitz, Locke, são indicações curiosas para indagações mais remotas, e hoje, pelo menos, nos fazem meditar sobre o acervo lexico das raças que foram desaparecendo em nosso continente. A propria origem do "homus americanus", pensamento que nos perturba diante da Lagôa Santa ou dos Sambaquis de Iguaçu; ou na consideração phantasiosa dos chronistas das possiveis migrações transoceanicas precolombianas; o senso das edades, a edade da nossa terra, tudo isto se prende, de certa forma, ao estudo do nosso indio e da sua lingua, e o assumpto é hoje muito mais suggestivo.

Porém, principalmente depois das hypotheses de Freud, da sua interpretação pela psychanalyse da vida social dos povos primitivos ("Totem et Tabou"); depois do cansaço das civilizações de que a Europa presente é uma grande expressão; e ao despertar de um seculo em que o senegalez confraternizou com o "polu", e Josephina Backer lançou os requebros yankees do Zanzibar, — é depois de tudo isto que ha um novo interesse, e, portanto, deve haver um novo criterio para o estudo da nossa lingua tupy.

A doutrina da equivalencia espiritual, denominação que poderemos dar ao ponto de vista catholico do inicio da colonização brasileira, assume hoje um novo aspecto. É a equivalencia das forças originares humanas, denominador commun de todas as raças.

A tendência primitivista das nossas artes modernas, como das formas da civilização moderna, o proprio primitivismo desta éra nova, que Keyserling denomina a éra do chauffeur, tudo isto nos leva ás mais intimas confraternizações com o elemento humano em suas expressões iniciaes. Vem dahi a comprehensão mais perfeita que teremos da lingua dos povos primitivos.

A nossa lingua tupy, não a devemos estudar mais com um senso grammatical, philologico, mas com um senso humano. O idioma, ou os idiomas falados pelos povos americanos precolombianos representam uma verdadeira eucaristia: o homem commungando com a natureza.

E' sob este ponto de vista que devemos tomar os elementos verbaes polyrhytheticos da lingua dos nossos selvagens. Veremos desdobrar-se aos nossos olhos através de cada palavra, de cada raiz, toda a alma do nosso indio.

Tenho observado — pelos pouquissimos conhecimentos que tenho do tupy — que a onomatopéa é, de facto, a origem mais remota da linguagem dos indios. Não direi precisamente onomatopéa, segundo a presunção de Herder, ou seja a imitação da natureza. Prefiro a onomatopéa

não simplesmente representativa de percepções auditivas, mas como representação de relações entre os sentidos e os dois mundos, o objectivo e o subjectivo. Donde se origina a generalização das significações, a analogia que vae ampliando a função representativa dos vocabulos, ou das syllabas. Analogia que obedece a um sentido sensorial, ou a uma logica sentimental. Isso tudo estabeleceu muita confusão entre os que primeiro estudaram as linguas dos nossos aborigenes. Porque não tinha sido interpretado o sentido dessas linguas, de homens primitivos, em plena idade da pedra lascada.

Quando, com Raul Bopp, comecei a me interessar por estes assumtos, estimulados ambos pelas nossas conversas com Alarico Silveira, demos para fazer varias "descobertas". Não sei até que ponto podem elas ter valor. Em todo o caso, são caminhos para melhores averiguaciones.

Por exemplo: onde entram as expressões **ta**, **te**, **ti**, **to**, **tu**, quer dizer que a cousa é dura de tirir. **Ita** — pedra, ferro; **ibitu**, — montaña, de **ibi**-terra, e **tu**, coisa dura, tesa; **cunhatan**-mulher virgem, de **cunhã**-mulher, e **tan**-coisa dura, tesa (os seios, naturalmente); **taquara**-canna de bambú, de **tá**-duro, e **quara**-óco; **tatá**-fogo, provavelmente porque é do atrito de **coisas duras** que sâe fogo, e o indio não conhecia mesmo outro processo de fazer fogo, aliás velho processo que vinha desde os primeiros sambaquis de Iguaçu, ou desde o homen de Lund, ou de Ameghino, segundo a descoberta feita pelo incançável Ricardo Croner.

Como sabemos, agua é **hy**, ou **ig**. Quem nos dirá que pedra, **ita**, não vem da circunstância de estar sempre a pedra ligada á agua, nas minas, nas grutas, no mar, ou em lucta, ou em paz? Seixos que rolam, pedregulhos, granitos e basaltos emoldurando as cachoeiras, penedos no mar, tócas onde nascem os corregos...

Espuma é **tii**. Porque a espuma se origina de choques, de violencias. E tudo o que é forte, ardente, traz, por analogia, o **t**. **Tai**, raiz que arde, gengibre; **tainha**, dentes; **tatarana**, insecto que queima; **tiquira**, aguardente, pinga; **tainha**, caroço, semente (analogia de dente); **tacunhã**, membro sexual do macho (**tá**, duro; **cunhã**, mulher); **tacape**, arma de matar, etc.

A consoante **t**, lembrando tudo o que é duro, forte, violento, traz sempre idéa de atrito, como se vê em **tatá**, fogo, em **tii**, espuma. Por isso, **tiquira**. Pois tudo o que é **qui** significa coisa meuda. **Ti** é violencia que o fogo exerce para distilar a aguardente, que vae sahindo aos pingos, **qui**. E temos tambem **quiriri**, ou **quiririm**, que quer dizer muitos meudos, do mesmo modo que quirera. Como se sabe, o plural em tupy, entre suas varias formas tem a da repetição de **rere**, **ri-ri**.

Isto dito, vejamos Mantiqueira, o nome de nossa grande serra. **Man** quer dizer ver, enxergar. **Tiquera**, ou **tiquira**, quer dizer meudos, pequeninos, razarudo, pulverizado. O indio, naturalmente, do alto da serra, via tudo diluido na distancia, via tudo **tiquera**...

E' preciso notar-se (e chamjo a attenção dos meus leitores para este facto) que nem sempre se encontrará a confirmação destas hypotheses na lingua tupy. Por-

que também, com certeza, depois de feitas as expressões iniciaes, a lingua selvagem soffreu os metaplasmas a que nenhum idioma pôde-se furtar. Houve, por certo, transposições, elisões, figuras de diminuição ou de augmento, modificações prosodicas sensiveis obedientes a leis climaticas, cosmicas e historicas, e de tal forma que se contavam dezenas de dialetos na época da descoberta. Acrescente-se a isso a obra unificadora dos jesuitas, as influencias hespanholas, portuguezas, francezas e tapuyas. De modo que a documentação desta hypothese se torna muito difficult. A hypothese é apenas para mostrar o espirito que possivelmente presidiu a formação da lingua tupy.

Pa, **pe**, **pi**, **po**, **pu**, traz sempre idéa de superficie, ponta, extremidade, contacto, contorno, revestimento, limite. Sendo superficie, também é tudo o que se refere a plano, por exemplo a pequenez, a chateza, que se confunde quasi com a superficie. Donde **peua**, ou **peba**, que significa chato, liso. Cachorro pequeno é **yaguá-peua**, ou **yaguá-peba**. Mas exprimindo esta consonancia tambem ponta, extremidade, coisas tão relacionadas com superficie, (é a logica intima das intercorrespondencias sensorias) o indio chama a aza do passaro **pepu**, as mãos do homem, **po**, ou **pu**. Pela mesma razão, as cousas que revestem levam essa consonancia. Pelle é **pe**, ou **pi**. Como vimos, **re-re**, ou **riri** são formas do plural. Dahi vem **piriri**, ou **perere**, muitas pelles, porque a pelle quando irritada dá a idéa de que se multiplica em muitas pellezinhas. Pelo menos é a sensação que se tem, quando nos sentimos arrepiados. Portanto, **perereca**, ou **piririca** significam estremecer. Ligada essa idéa ao ar, ao vento, ás folhas das arvores, e finalmente a outros rumores da natureza, temos a significação tambem empregada de **sussurrar**, **sussurro**. Mas **pe** é, principalmente, a expressão do contacto entre os sentidos e os mundos subjectivo e objectivo. Donde a significação de superficie, de contorno, de véo ou pelle. Por isso, **petuna** (pelle ou véo preto) quer dizer noite. Mas é á noite que se repousa, que se dorme, portanto, **pituu** é o verbo repousar. E o dia em que se descansa (domingo ou feriado) é para o indio tambem **pituu**. Esta consonancia, exprime, tambem, por essas intimas analogias o **rebentar das superficies**. Assim, temos **pororoca**, **pipoca**, **pereba**, **puca**, (quebrar, estalo de onde **arapuca**, **ara-ave**; e **puca**-quebrar). Pelo que vimos, pelle piriricada quer dizer pele que salta irritada. Tudo o que salta, estrebucha, é perereca. De onde vem o Sacy-perere, ou perereg. Mais forte do que piririca, é, porém, **tiririca**, pelo que já vimos do valor de **t**. Portanto, "ficar **tiririca**", expressão que usamos tanto, dá perfeitamente idéa do estado do individuo que estremece com violencia, ou dá pulsos de raiva.

Em outros artigos arranjaremos exemplos interessantes, não só do ponto de vista das analogias sensorias, como agora, mas das sentimentaes, que revelam operações psychologicas mais difficéis.

Hoje foi só para mostrar que a lingua tupy é uma lingua quasi em estado nascente, directamente ligada á natureza, oriunda do contacto immediato entre o homem e o mundo.

Manifesto Antropofago

Contra as historias do homem, que começam no Cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem Cesar.

A fixação do progresso por meio de catalagos e apparelhos de televisão. Só a maquinária. E os transfusores de sangue.

Contra as sublimações antagonicas. Trazidas nas caravellas.

Contra a verdade dos povos misérarios, definida pela sagacidade de um antropofago, o Visconde de Cayrú: — É a mentira muitas vezes repetida.

Mas não foram cruzados que vieram. Foram fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jaboty.

Se Deus é a consciencia do Universo Increate, Guaracy é a mãe dos viventes. Jacy é a mãe dos vegetais.

Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tinhamos Política que é a sciencia da distribuição. E um sistema social planetário.

As migrações. A fuga dos estados tédiosos. Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatorios, e o tédio especulativo.

De William James a Voronoff. A transfiguração do Tabú em totem. Antropofagia.

O pater familias e a criação da Moral da Cegonha: Ignorancia real das coisas+falta de imaginação+sentimento de autoridade ante a provociosa.

E' preciso partir de um profundo ateísmo para se chegar a idéa de Deus. Mas o carahiba não precisava. Porque tinha Guaracy.

O objectivo creado reage como os Anjos da Queda. Depois Moysés divaga. Que temos nós com isso?

Antes dos portuguezes descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.

Contra o indio de tocheiro. O indio filho de Maria, afilhado de Catarina de Medicis e genro de D. Antonio de Mariz.

A alegria é a prova dos nove.

No matriarcado de Pindorama.

Contra a Memoria fonte do costume. A experiencia pessoal renovada.

Somos concretistas. As idéas tomam conta, reagem, queimam gente nas praças publicas. Suprimimos as idéias e as outras paralysias. Pelos roteiros. Acreditar nos signaes, acreditálos nos instrumentos e nas estrelas.

Contra Goethe, a mãe dos Gracchos, e a Corte de D. João VIº.

A alegria é a prova dos nove.

A lucta entre o que se chamaria Increate e a Creatura-illustrada pela contradição permanente do homem e o seu Tabú. O amor quotidiano e o modus-vivendi capitalista. Antropofagia. Absorpção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade. Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, maless cathechistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. E' a escala thermometrica do instinto antropofágico. De carnal, elle se torna electivo e cria a amizade. Affetivo, o amor. Especulativo, a sciencia. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia agglomerada nos peccados de cathecismo — a inveja, a usura, a calunia, o assassinato. Peste dos chamados povos cultos e christianizados, é contra ella que estamos agindo. Antropófagos.

Contra Anchieta cantando as onze mil virgens do céo, na terra de Iracema — o patriarca João Ramalho fundador de São Paulo.

A nossa independencia ainda não foi proclamada. Frase typica de D. João VIº: — Meu filho, põe essa coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro o faça! Expulsamos a dynastia. E' preciso expulsar o espírito bragantino, as ordenações e o rapé de Maria da Fonte.

Contra a realidade social, vestida e oppressora, cadastrada por Freud — a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciarias do matriarcado de Pindorama.

OSWALD DE ANDRADE.

Em Piratininga.
Anno 374 da Deglutição do Bispo Sardinha.

BRASILIANA

RAÇA

De uma correspondencia de Sarutayá (Est. de S. Paulo) para o *Correio Paulista*, n. de 15-1-927:

O Sr. Abrahão José Pedro ofereceu aos seus amigos um lauto jantar comemorando o aniversario de seu filho José e baptizado do pequeno Fuad, que nessa data foi levado à pia baptismal.

Foram padinhos o sr. Rachide Mustafa e sua esposa d. Jorgina Mustafa.

O Sr. Paschoalino Verdi proferiu um discurso de saudação.

POLITICA

Da mesma correspondencia:
O Sr. Rachid Abdalla Mustafa, escrevendo de paz, muito tem trabalhado para aumentar o numero de eletores.

DEMOCRACIA

Telegramma de Fortaleza (AB):

A bordo do "Itassussé" passou por este porto com destino ao norte, S. A. D. Pedro de Orleans e Bragança, acompanhado de sua esposa e filho.

S. A. desembarcou, visitando na Praça Caio Prado a estatua de Pedro II. O povo acclamou com entusiasmo o principe. A officialidade do 23º B. C. e a banda de musica cercada de enorme multidão, aguardou a chegada de S. A. naquella praça.

Compacta massa, acompanhou os distintos viajantes até a praça do Ferreira, onde o tribuno Quintino Cunha fez uma entusiastica saudação em nome da população.

Na volta para bordo, um preto catraieiro, de nome Vicente Fonseca, destacando-se da multidão abraçou o principe dizendo: "Fique sabendo que as opiniões inudram mas os corações são os mesmos".

RELIGIÃO

Telegramma de Porto Alegre para a *Gazeta* de S. Paulo n. de 22-3-927:

Vindo de S. Paulo chegou a esta capital o sr. Sebastião da Silva, que fez o raide daquelle (Estado ao nosso, a pé, tendo partido dali em outubro).

O "raiden" tomou essa resolução em virtude de uma promessa feita a Virgem Maria, para que terminasse a revolução no Brasil. Quando se achava proximo a esta Capital, teve conhecimento do termínio da lucta, proseguindo até aqui, afim de cumprir a sua promessa.

Sebastião Antonio da Silva conta actualmente 35 annos de edade.

NECROLOGIO

De um discurso do professor João Marinho na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro (*Estado de S. Paulo*, n. de 3-8-921):

O dr. Daniel de Oliveira Barros e Almeida nasceu num dia e morreu em outro, de doença de quem trabalha, coração cansado antes de tempo.

Entre os dois, correu-lhe a vida.

SURPRESA

Telegramma de Curityba para a *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 2-11-927:

Informaram de Imbituba que o individuo Juvenal Manuel do Nascimento, ex-agente do correio, reunia em sua casa todos os amigos e parentes sob o pretexto de fazer uma festa. Durante o almoço, Juvenal mostrou-se alegre e, ao terminar a festa foi ao seu quarto, do qual trouxe um embrulho contendo uma dynamite, dizendo que ia proporcionar a todos uma surpresa.

Todos estavam attentos e esperando a surpresa quando, com espanto geral, o dono da casa approximou um cigarro, acceso do embrulho que explodiu, matando Juvenal e ferindo gravemente sua esposa e todas as pessoas que haviam assistido ao convite fatal.

A "Descida" Antropophaga

A "descida" agora é outra.
O Autor

Ha quatro seculos, a "descida" para a escravidão. Hoje, a "descida" para libertação. O Diluvio, foi o movimento mais serio que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi intelligente, pratico e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropophago, — que é o mais serio depois do Diluvio — vem para comer Noé. **NOE' DEVE SER COMIDO.**

Penso que não se deve confundir volta ao estado natural (o que se quer) com volta ao estado primitivo (o que não interessa). O que se quer é simplicidade e não um novo codigo de simplicidade. Naturalidade, não manuaes de bom tom. Contra a belleza canonica, a beleza natural — feia, bruta, agreste, barbara, ilogica. Instincto contra o verniz. O selvagem sem as missanças da cathechesse. O selvagem comendo a cathechesse.

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europea: é experientia della. Experiencia de quatro seculos. Dolorosa e pão. Com Direito Romano, canal de Veneza, julgamento synthetico a priori, Tobias, Nabuco e Ruy. O que fazemos é reagir contra a civilisacão que inventou o catalogo, o exame de consciencia e o crime de defloramento. SOMOS JAPY-ASSU':

"Ce venerable vieillard Japi Ouassou fut merveilleusement attentif, comme tous les autres Indiens là présens aux discours susdicts à quoi il replique ce qui s'ensuit. Je m'esonnis extrémement de vous voir et me manqueray à tout ce je vous ay promis. Mais je me estonne comme il se peut faire que vous autres PAY ne vouliez pas de femmes. Estes vous descendus du Ciel? Estes nays de Pere et Mere? Quay donc! n'estes pas mortels comme nous? D'où vient que non seulement vous ne prenez pas de femmes ainsi que les autres François que ont trafiqué avec nous depuis quelque quarante et tant d'années; mais ancora que vous les empêchez maintenant de se servir de nos filles: ce que nous estimions a grand honneur et grandeur, pouvans en avoir des enfans".

(Claude d'Abbeville—"Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Marangan et terres circonvoicines.")

Contra o servilismo colonial, o tacape inheiguára, "gente de grande resolução e valor e totalmente impaciente de sujeição" (Vieira), o heroísmo sem rosata de Commendador dos carahybas, "que se oppuzeram a que Diogo de Lepe desembarcasse, investindo contra as caravelas e reduzindo o numero de seus tripulantes" (**Santa Rosa** — "Historia do Rio Amazonas").

Ninguem se illuda. A paz do homem americano com a civilisacão europea é paz nheengahiba. Está no Lisboa: "aquella apparatosa paz dos nheengahibas não passava de uma verdadeira impostura, continuando os barbaros no seu antigo theor da vida selvagem, dados á antropophagia como dantes, e baldos inteiramente da luz do evangelho."

Como se vê, facilimo ser antropophago. Basta eliminar a impostura.

Foram estas as consequencias dos versos ruimzinhos que Anchieta escreveu na areia de Itanhaém: Ordenações do Reino, grammatica e ceia de Da Vinci na sala de jantar. E não houve ainda quem comesse Anchieta!

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despil-o. Para que elle tome um banho daquella "innocencia contente" que perdeu e que o movimento antropophago agora lhe restitue. O homem, (falo o homem europeu, cruz credo!) andava buscando o homem fóra do homem. E de lanterna na mão: philosophia.

Nós queremos o homem sem a duvida, sem siquer a presumpção da existencia da duvida: nú, natural, antropophago.

Quatro seculos de carne de vacca! Que horror!

(a) OSWALDO COSTA.

VISITA DE SÃO THOME'

Quando a Bahia não se chamava Bahia, muito antes de Pedro Alvares Cabral, São Thomé foi lá um dia.

Não sei se foi por acaso ou para vêr. Mas viu.

Viu e protestou contra as coisas que viu.

Fez um discurso cheio de conselhos que os indios escutaram de boccas abertas:

Que era preciso adorar a Deus, fugir do demônio, não ter mais que uma mulher. Conselhos bons.

Em quanto falava, fazia nascer da terra a planta da mandioca e a bananeira que ainda hoje dá bananas de São Thomé.

Então os indios gostaram.

Quando São Thomé, cansado, sentiu que devia acabar, acabou com estas palavras:

— E não comam nunca mais carne de gente! Então os indios não gostaram. Avançaram. Quizeram comer o santo.

Felizmente São Thomé corria mais do que elles.

Chegou na beira da praia, deu um passo de meia legua e foi parar numa ilha onde não tinha selvagens.

(Quem me ensinou isto foi Frei Vicente do Salvador...)

ALVARO MOREIRA.

NOTA INSISTENTE

Neste rabinho do seu primeiro numero a "Revista de Antropofagia" faz questão de repetir o que ficou dito lá no principio:

— Ella está acima de quaesquer grupos ou tendencias;

— Ella aceita todos os manifestos mas não bota manifesto;

— Ella aceita todas as criticas mas não faz critica;

— Ella é antropofaga como o avestruz é colimão;

— Ella nada tem que ver com os pontos de vista de que por acaço seja veículo.

A "Revista de Antropofagia" não tem orientação ou pensamento de especie alguma: só tem estomago.

A de A. M.
R. B.

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

ENDEREÇO: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º PAV. SALA 7

— CAIXA POSTAL N.º 1.269 —

SÃO PAULO

INCITAÇÃO AOS CANIBAIS

O atraente parteiro, professor, acadêmico e orador doutor Fernando de Magalhães esteve há dias em São Paulo onde falou sobre o feminismo, deu uma lição de obstetrícia e concedeu uma entrevista.

É essa entrevista que merece ser conhecida. O doutor Fernando fêz nela a apologia entusiasmada da Sociedade Brasileira de Educação. Sociedade benemérita, sociedade utilíssima, sociedade isto, sociedade aquilo. A prova? Aqui está (palavras textualíssimas): *A biblioteca da Associação — acentuou — é o que há de mais perfeito no gênero, como ordem e como método na sua organização. Uma de suas secções, por exemplo, a biblioteca infantil, exigiu um trabalho enorme de paciência e perspicácia. Necessitou-se de um inquérito entre as crianças para se saber quais os livros preferidos, chegando-se a resultados estupendos. Uma criança de 12 anos, por exemplo, a qual perguntou-se qual o livro preferido, respondeu, prontamente: "Lusiadas" de Camões.*

Ora, ora, ora, ora. Que brincadeira é essa? Então o raio do menino com doze anos de idade já é assim tão imbecilzinho que prefere Camões a Conan Doyle? E é isso que se chama resultado estupendo?

O doutor Fernando quiz troçar com a gente. Não tem que ver. Menino que chupa Camões como se fosse pirolito de abacaxi não é menino: é monstro. Mas que monstro: toda uma coleção teratológica. É também para guris dêsse quilate (e não só para os peraltas) que existe chinelo de sola dura.

Põe a gente triste verificar que um fenômeno assim é como não podia deixar de ser brasileiro. Já no grupo escolar a molecada indígena ouve da boca erudita de seus professores que o Brasil foi descoberto por acaso e Camões é o maior gênio da raça. A molecada cresce certa dessas duas verdades primariais. Daí o mal

imenso: país descoberto por acaso é justo que continue entregue ao acaso dos acontecimentos. Mesmo porque a gente não tem tempo para perder com bobagens: Camões absorve todos os minutos inteligentes.

Esse antropófago que vem desde o nascimento desta terra (há um testamento de bandirante escrito numa folha manuscrita do *Os Lusiadas*) devorando com delícia as gerações nacionais precisa por sua vez ser deglutiido. É urgente pôr boi tão gordo na boca da sucuri brasileira. E que sirva de aperitivo a Sociedade Brasileira de Educação. Para rebater, a sobremesa será o doutor Fernando que é manjar doce e fino.

António de Alcântara Machado

O ESTRANGEIRO

Eu encontrei um homem vermelho
Falando uma língua que eu não sabia...
Pelos seus gestos entendi que ele achava
Minha terra muito bonita.
Apontava p'ra luz do sol muito forte...
P'ras arvores muito verdes...
P'ras águas muito claras...
P'ro céo muito claro...

Eu tive vontade que ele entendesse a minha fala
P'rá lhe dizer:

— Marinheiro provêra Deus que você fosse
Pelos nossos sertões...
Você via os campos sem fim...
As serras timives todas cheias de matos...
Os rios cheios muito bonitos...
Os rios secos muito bonitos...
Você comia comigo umbuzada gostosa...
O leite com girumim...
Curimatan fresca com molho de pimenta de cheiro...
Você via como a gente trabalha sol a sol
Esquecido da fome e esquecido das coisas
Bonitas de seus mundos...
Ver como vaqueiro rompe mato fechado
E se lasca perseguindo a rês
Por riba dos lagédos
Chega os cascos federem a chifre queimado...
Ver o vaqueiro plantá a mão na bassoura da rês
E ela virá mocotó...

— Marinheiro, se você soubesse a minha fala
Eu havéra de levar você p'ro meu sertão...

(Natal)

Jorge Fernandes

ANTROPOFAGIA: “ESPECIE DE AFERRAÇÃO MENTAL, QUANDO SE DÁ NO HOMEM CIVILISADO”.

(DR. FREI DOMINGOS VIEIRA — GRANDE DICTIONARIO PORTUGUEZ)

LIRICA

A ELEITO SOARES

O meu amor, rapazes,
é uma lindeza de morena bonita
das matas de minas gerais!

De dia meu amor vai pro serviço cantando cantando:
e que friume não me faz por dentro, gente, vel-a cantar
[assim!]

Meu amor é mais alegre que o sol!
Mais alegre que os córgos da minha terra!
Mais alegre que a passarada da minha terra a cantar!

Meu amor disse que gosta muito de mim...
Eu acredito — palavra! — mas desconfio tambem
como bom mineiro que se preza como eu.
Porém,
a gente não deve botar a mão no fogo não. Dizem...
Eu bôto!
Isto é, eu tóco tua mão no fogo
mas deixo outra de reserva...

(Cataguases)

— do "Fructa-de-conde" —

Rosario Fusco**Homisio**

Para Raul Bopp

Nesta baiúca
Coberta de sapé
Esteve homisiado o Caburé
Que matou o Zé Juca no valado.
Passava a passóca
E mingau de mandioca,
Potranca sempre pronta no potreiro
Do terreiro. Arisco como uma paca,
Picava fumo com a faca,
Cuava café no tripé pra beber no coité.

Um cabo escondeu no serrado
Com um soldado, e com cerrado tiroteio
— Tiro foi e tiro veiu —
Deram cabo,
Cabo e soldado,
Do costado do coitado.

Dos CANTOS MUNICIPAIS
(Minas)

Fidelis Florencio

IDILIO

Um reporter modelo de certo jornal paulista, conseguiu sensacional reportagem na cadeia publica. Para lá entrar recorreu a um meio muito simples; boliu com grilos (os mais pelintras, aquêles que usam polainas que foram brancas e luvas furadas na ponta dos dedos) resultando para ele tremenda surra, seguida de alguns dias de cana brava.

Vamos agôra dar a palavra ao exforçado recordista das reportagens sensacionaes:

...e na mansão de dôres moraes, talvez mais profundas do que as dôres físicas, deparou-se-nos comovedor espetaculo. Formára-se entre as lobregas paredes, entre rejas de ferro e portas inexoraveis, um dóce e puro idilio. O mais antigo dos presos, que pelo seu comportamento exemplar gosava de uma certa liberdade, apaixonara-se pela mais comportada das detentas. Tinham combinado o casamento, para quando saíssem da prisão, e já escolhido as testemunhas. Todos na cadeia se referiam com simpatia ao projéto. Ela aí fôra ter porque cometera varios infanticídios, triste fruto da época de depravação moral em que vivemos e da falta de proteção em que o governo deixa as jovens incautas que a vida das grandes cidades rodeia de insídias. Ele matara as duas esposas que sucessivamente tivera, a primeira devido a deslizes conjugaes, a segunda por incompatibilidade de genios. Um dos padrinhos cortara a mãe dèle (padrinho) em pedacinhos. Outro era especialista em assassinios de tocaia: matara 20 pessoas em 10 dias, até que a polícia resolveu tardivamente — como sempre — cortar-lhe a vocação. Etc....etc....

Continuava por ai afôra o exforçado reporter. Não resta duvida que ele revela um caso de consequencias inquietantes para almas sensiveis, visto aparentarem as futuras solenidades nupciaes, desfecho possivelmente antropofágico.

Yan de Almeida Prado

ESTE MÊS:**LARANJA DA CHINA**DE
António de Alcântara Machado

E

MACUNAÍMA
(HISTÓRIA)DE
Mario de Andrade

ENTRADA DE "MACUNAÍMA"

MARIO DE ANDRADE

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Urari-coera que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapant. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!

E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca trepado no girau de paxiúba espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jigüé na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia delitado mas si punha os olhos em dinheiro Macunaíma danava pra ganhar vintem. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho e as mulheres soltavam gritos gosados por causa dos guaiamuns diz que habitando a aguadoco por lá. No mombo si alguma cunhatá se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatá se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murúá a poracé o toré a cucuicogue, todas essas dansas religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no macurú pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia falando palavras-feias imorais dades estrambolicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riem, muito simpatisadas falando que "espinho que pinica, de pequeno já trez ponta" e numa page-lança Rei Nagô fez um discurso e avisou que Macunaíma era muito inteligente.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cedadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar a mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De-noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo

dormindo que a mãe principiassse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jigüé que levasse o menino. A companheira de Jigüé era bem moça e chamava Sofará.

Macunaíma pediu um pedaço de curauá pro mano porém Jigüé falou que aquilo não era brinquedo de criança. Macunaíma principiou chorando outra vez e a noite ficou bem difícil de passar pra todos.

No outro dia Jigüé levantou cedo pra fazer armadilha e enxergando o menino tristinho falou:

— Bom-dia, coraçãozinho dos outros.

Porém Macunaíma fechou-se em copas carrancudo.

— Não quer falar comigo, é?

— Estou de mal.

— Por causa?

Então Macunaíma pediu fibra de curauá. Jigüé olhou pra ele com ódio e mendou a companheira afranjar fio pro menino. A moça fez. Macunaíma agradeceu e foi pedir pro pai-de-terreiro que trançasse uma corda pra ele e assoprasse bem nela fumaça de petum.

Quando tudo estava pronto Macunaíma pediu pra mãe que deixasse o cachiri fermentando e levasse ele no mato passear. A velha não podia por causa do trabalho mas a companheira de Jigüé mui sonsa falou prá sogra que "estava às ordens". E foi no mato com o piá nas costas.

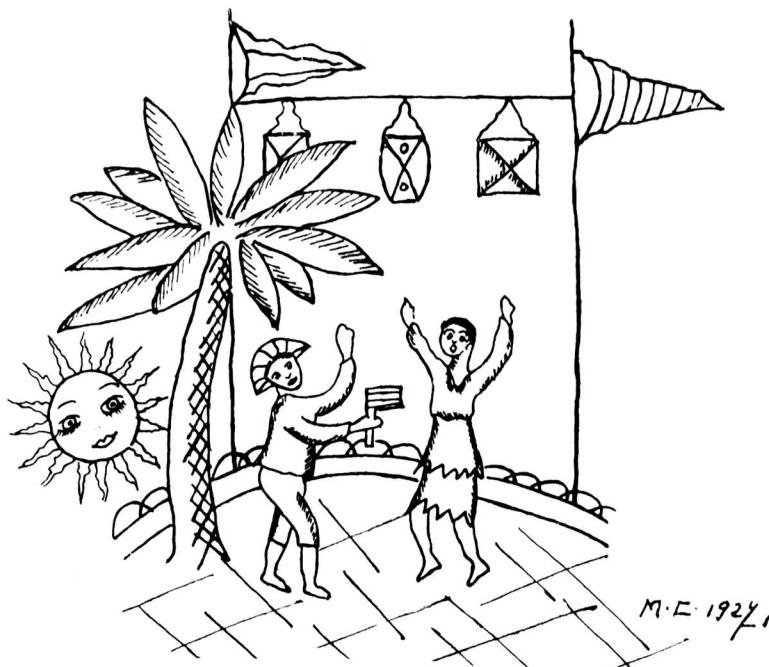
Quando o botou nos carurús e soro-rocas da serrapilheira o pequeno foi

crescendo e virou príncipe. Falou pra Sofará esperar um bocadinho que já voltava pra brincarem e foi no bebedouro da anta armar um laço. Nem bem voltaram do passeio, tardinha, Jigüé já chegava também de prender a armadilha no rastro da anta. A companheira não trabalhara nada. Jigüé ficou fulo e antes de catar os carrapatos bateu nela muito. Mas Sofará aguentou aço com paciencia.

No outro dia a arraiada inda acabando de trepar nas árvores, Macunaíma acordou todos, fazendo um bué medonho, que fossem no bebedouro buscar a bicha que ele caçara!... Porém ninguém não acreditou e todos principiaram o trabalho do dia.

Macunaíma ficou muito contrariado e pediu pra Sofará que desse uma chegada no bebedouro só pra ver. A moça fez e voltou falando pra todos que de fato estava no laço uma anta muito grande já morta. Toda a tribo foi buscar a bicha, matando na inteligência do curumim. Quando Jigüé chegou com a corda de curauá vazia encontrou todos tratando de caça. Ajudou. E quando foi pra repartir não deu nem um pedaço da carne pra Macunaíma, só tripas. O herói jurou vingança.

Etc.



Desenho de MARIA CLEMENCIA — (Buenos Aires)

UM POETA

Cassiano Ricardo — MARTIM CERERÊ — S. Paulo — 1928.

Martim Cererê não é livro inteiramente novo. Há nélle várias poesias do *Vamos caçar papagaio*s (com uma ou outra modificação ligeira) e outras cujos temas já foram explorados pelo próprio poeta em seus livros anteriores. O mesmo acontece com certas imagens e certos achados verbais.

Isso mostra que Cassiano continua batendo na tecla Brasil. Permanece o poeta do descobrimento e da colonização sobretudo. Poeta oratório (o que denuncia sua brasiliade) e descriptivo. Quando oratório ou quando descriptivo sempre fortemente eloquias.

O caso de Cassiano Ricardo é um caso à parte na nossa literatura actual. Cassiano até 1925 foi inimigo violento da reação moderna. Depois (era fatal) se converteu. Houve nisso um missionário irresistível: o Brasil. Se o movimento moderno entre nós não tivesse assumido também uma feição nacionalista acredo que Cassiano continuasse inimigo dèle. No *Martim*

Cererê a gente verifica isso facilmente: do espírito moderno que é universal o poeta aceita pouca cousa. Mas o tema Brasil do modernismo o seduz.

Por causa dèle chegou a romper com o seu próprio passado literário. Na lista de suas obras publicadas contante do livro de agora não figuram *A frauta de Pan*, *Jardim das Hespérides* e os outros dois volumes anteriores a 1925. Esse repúdio aliás não tem razão de ser. E constitue uma injustiça: *A frauta de Pan* principalmente tem versos que são dos melhores do parnasianismo brasileiro.

Pelo que já ficou dito lá no princípio é evidente a impossibilidade de criticar *Martim Cererê* sem repetir uma a uma as críticas (elogios e reparos) que já mereceram abundantemente *Borrões de verde* e amarelo e *Vamos caçar papagaio*s.

Eu que mesmo nos novos sempre procuro o novo, o que é novo na novidade dèles, me contento em reproduzir aqui

este ótimo poeminha chamado *Lua cheia*
n. I:

*Boião de leite
que a noite leva
com mãos de treva
pra não sei quem beber.*

*Mas que embora levado
muito de vagarinho
vai derramando pingos brancos
pelo caminho...*

Gosto tanto dessa gostozura que ouso pedir a Cassiano que não se esqueça de molhar seus livros futuros nesse mesmo leite gorduroso e cheiroso. Puro lirismo sem água.

Martim Cererê foi impresso com bastante cuidado. Além disso tem bonitas ilustrações de Di Cavalcanti. Algumas mais que bonitas até: a da capa; a da página 19 e outras.

A. DE A. M.

BRAZIL

A tarde é uma rede vermelha e mole
E os nervos da gente esticados como cordas de violão
Vibram no fluído de volupia que garôa devagarzinho
Das bandas meio escuras de onde o sol nasce...
Uma mariposa começa a enlouquecer.
(de quem será que eu tenho tanta sodade.)
Chorar... Ser homem! Não, homem não chora, não!
... a jaboticabeira se estorce
Ainda não arranjou posição pra dormir...
(a vida...)
Aquele mato deve estar cheinho de lobizóme...
Derepente o primeiro apito da coruja!
Imobilidade.
(a gente suspira e pensa no destino...)
Silencio.
Misterio;
Os fantasmas vestidos de luar dansam...
Nossa Senhora, que medo!

(Paraná)

MATINAL

Eu abri a janella
a respirei fundamente a frialdade
da manhã.

Sob risadas de sinos,
a cidade brincava de esconder
dentro da névoa.

(RIO DE JANEIRO)

MARQUES REBELLO

MADRUGADA

Do livro "Colonia Z e outros poemas"

A lancha da lenha vem chegando, ainda escuro,
mansa, com a sua tósse miúda de gazolina
e o seu motorzinho fumegando na popa.

Vem vindo na volta do rio.

Para traz, os matos cochílam na nevoa da madrugada
onde escorre a aza negra dos biguás.

Um silvo claro demora no ar.
Chegou.

A lenha veio coberta de folhas verdes, palmas, bambús,
e a lancha parou, em silencio, no meio do rio,
pequenina, esmagada, como uma formiga orgulhosa.

(Porto Alegre)

Ruy Cirne Lima

La gracia del amor puro

Hoy nuestras cabezas están amparadas
por la sonrisa larga de los pescadores
y el misterio de las guitarras
trémulas
en la fina oración de las manos.

Tres marineros nos dan
la alegría de sus ojos azules
para la victoria audaz
de tu amor y el mio!

La frente de un violinista borracho
sostiene la inquietud de canciones
soñadas en el cielo de tu alma.

Las copas e esta noche
tienen el alto destino de los sueños!

Que lámpara le robaré al mar
para la gracia del amor nocturno?

Dame, compañera mia,
la fuerza de tu boca
que hace sonar la campana
de nuestras esperanzas!

(Montevideo)

NICOLÁS FUSCO SANSONE

FIM DA LINHA

Esse arrabalde chora. Cada casa é um leproso implorando a agua, do céo. Bibócas imundas, ranchinhos com cercas e paredes de lata velha, remendados a traços, empastados de barro secco. Buracos — ventiladores naturaes. Mas ha o conforto primitivo da liberdade.

Ao fundo, o morro vermelho engole tudo na guela do barranco.

Gira e vira a hesitação sentimental de um catavento que me faz recordar o Marcelllo. Gama.

Sobre uma cerca a impertinencia amarela dos gerasões dourando tudo.

Olha o negrinho! Estuda a paisagem. Riscou as canellas finas por causa das motucas.

Currú páque pá páque.
Anda a roda, criolinho.

Mulatas lavam roupa semeando no arroio nuvensinhas de sabão.

Quando a gente vence a lomba, rola uma chuva de seixos pela estrada e elles cahem lá em baixo na lagôa morta com um mergulho nocturno: glu glu glu.

Longe, nos aramaes, roupa lavada acena:
adeus... adeus...

Do livro "GAITINHA DE BOCA"

Porto Alegre

AUGUSTO MEYER

BREVEMENTE:

**REPUBLICA
DOS
ESTADOS
UNIDOS
DO
BRASIL
—
VERSOS
DE
MENOTTI
DEL
PICCIA**

EM TODAS AS LIVRARIAS:

**Martim - Cererê
VERSOS
DE
Cassiano Ricardo**

**ESTÁ NO PRELO:
Antologia de 4 poetas mineiros**

**JOÃO ALPHONSUS
CARLOS DRUMOND DE ANDRADE
EMILIO MOURA
PEDRO NAVA**

BELO-HORIZONTE - MINAS

SERENATA

Alguem anda soltando a lua como um balão cor de rosa lá nas ilhas fronteiras. Evem a lua. Cáé balão! Não cáé. A lua vae passear no céo. O Guahyba, oleoso, escuro, espera que a lua suba mais para imitá-la, invejando. Sobre o veleiro adormecido, um fanal sangra. Voz encachacada arranha a noite:

Meu amô, meu triste amô
Que jááá morreu...

Serenata. Flauta, cavaquinho, violão. Vem crescendo, tremelicando emoções tremulas nas cordas, bambeando compassos bambos no violão, bebendo na flauta um gole puro e melodioso.

Alma dengosa da cidade, melancolia mestiça, geme na rua a queixa dolente, demdom.

A lua escuta, immovel. Parece uma lanterna do cordão "Chora na esquina".

PORQUE AMAMOS OS NOSSOS FILHOS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Ignacinho veio pedir-me uma victrola como presente do seu proximo aniversario. Os ultimos acontecimentos não são de molde a justificar essa pretenção do meu querido filho e companheiro. Presentes de aniversario dão-se a meninos bem comportados, que não trocam as aulas pelo futebol, nem as vigilias do estudo pelas do cinema. Ora Ignacinho tem sido justamente o contrario desse tipo de jovem exemplar, que é muito commum no "Coração" de Edmundo de Amicis e outros livros estrangeiros, mas que infelizmente não parece ter-se dado bem com o clima do Brasil. Como pois solicitar-me festas?

E daí Ignacinho não é mais uma creança. Membro do conselho fiscal do Centro dos Preparatorianos e colaborador das paginas de annuncio (as unicas que prestam) do "Fonfon" e do "Para Todos", elle adquiriu já uma personalidade social e literaria que não se coaduna com as calças curtas nem com as regalias conferidas aos frangotes de 13 annos. Rapazinho de calça comprida não tem direito a mimos infantis. Socio do Centro dos Preparatorianos tambem não tem. Poeta ou prosador ainda que incipiente, tambem não.

Fiz ver todas esas coisas a Ignacinho. Sem ferocidade, palavra. Minha intenção era feril-o no seu orgulhosinho pubere, de modo que elle renunciasse ostensivamente à victrola, ponpando-me a dor de recusala. Eu sou feito do mesmo barro de que se fazem todos os pais, e ás vezes meu coração amollece nos momentos mais serios. Em minha consciencia achava que Ignacinho não tinha direito á machine falante. Mas a coragem para dizer?

Ignacinho, achando futeis as minhas razões, reforçou o pedido com a promessa de dois bellissimos exames parcellados no Gymnasio. Era victrola para lá, exames para cá. Si eu fechasse o negocio, elle capricharia nas escripturas e se excederia nas oraes. Adverti-lhe de que não faria mais do que a sua estricta obrigação, prestando bons exames das humanidades (elle diz "deshumanidades") que si não estudára, devia ter estudado a fundo.

Mas intimamente, e sem calculo, eu já tinha cedido um pouco.

Ignacinho prometeu mais. Prometeu optimo comportamento durante as ferias, e infatigavel applicação durante o proximo anno lectivo. Em todos os futuros annos

lectivos. Na Faculdade de Medicina, até o 6.º anno, seria o modelo dos candidatos a morticola. E na vida pratica — Ignacinho nesse momento chegou a pensar na vida pratica — seria o morticola mais brillante da sua geração, do seu paiz, do seu continente, do mundo. E tudo isso por um preço tão pequeno! O preço de uma victrola Decca, das menores...

Antes que o rapaz me promettesse maiores absurdos, eu, desarmado, fiz como Capablanca: entreguei-lhe os pontos. Mas frisei bem: não contasse comigo na hora de comprar os discos.

O capetinha deu uma gargalhada e confessou, cynico:

— Não precisa não, papae. Os discos eu já tenho. Mamãe me deu. Eu falei com ella que o sr. tinha me dado a victrola...

Astucia, teimosia e senso commercial da alma infantil! Ignacinho explorou-me duvidamente, é certo, pois pelo menos aqui no sertão, quem paga os presentes da mulher é o marido. Mas não são essas pequeninas coisas que nos fazem amar os nossos queridos filhos?

(Belo Horizonte)

A LINGUA TUPY

No meu ultimo artigo falei, em relação á lingua tupy, do que poderemos chamar as analogias sensorias, que são todo um mecanismo ampliador do processo onomatopeico, que assignala o periodo creador da linguagem, o primeiro commercio entre os cinco sentidos e os mundos objectivo e subjectivo.

A formação da linguagem é, na verdade, um complexo de actos fixados de posse. Linguagem é apprehensão e determinação de phenomenos. Na variedade das circunstancias.

Da synthese interjectiva o espirito agudo da emoção retornou ao exame minucioso dos factores do conjunto emocional. A onomatopeia creou os grandes pontos de referencia, os elementos primordiales das expressões directas. A intercorrespondencia dos sentidos nuanciou essas expressões. Impressões auditivas e visuales, olfactivas, palataes e tactivas, controverteram-se, cambiaram-se, ajustaram-se na entrosagem dos instintos enriquecidos de experiencias. E a expressão objectiva multiplicou-se, prismando-se de acepções.

Vimos, no ultimo artigo, que todas ás cousas duras, resistentes, são expressas pela consonancia *t*; e que as cousas extremas, as pontas e as superficies, traduzem-se na linguagem nascente dos nossos indios pela consonancia *p*. E, a seguir, desenvolámos todas as consequencias desse facto. Entre os curiosos resultados do processo formador da linguagem, encontrámos a consonancia *p*, que significa ponta, extremitade, como designativa de baixo, rasteiro. A aza do passaro, que atinge as grandes alturas é *pepô*, e as cousas chatas, que se confundem com o chão, se designam por *pepeú, peba*. Porque o raciocinio seguiu este caminho: Extremidade quer dizer limite; limite determina superficie; superficie significa revestimento; revestimento é conjunto de planos. Portanto; planice, chateza das cousas que com ella se confundem...

Vastissimo campo offerece este assumpto para estudos curiosos. Estas notas são apenas uma indicação de rumo para a apreciação da lingua dos povos primitivos, que temos, tão á mão, no Brasil. Agora, si passarmos das analogias das impressões para a analogia das emoções, e depois, até do raciocinio, indo sempre do mais simples para o mais complexo, as observações serão

mais curiosas. Finalmente, transportandnos desses phenomenos que mais se referem á etymologia, aos da construção das phrases, iremos encontrar na syntaxe primitiva dos aborigenes cabedaelas interessantissimas para a pesquisa da formação dos idiomas troncos.

Estes apontamentos, quero repetir, não são orientados por nenhum metodo, nem seguem uma ordem rigorosa. São registados, apenas, de memoria, sem a presença perniciosa dos livros e autores absorventes. Têm elles um caracter exclusivamente pessoal, de observações e conclusões proprias, e si no artigo anterior ocorreram alguns nomes, de autores, foram reminiscencias casuas de leituras antigas, que de certa forma se ligam á matéria. Por outro lado, estas observações devem ser tomadas com as necessarias restrições, pois são apenas ilustrações para orientar pesquisas talvez mais felizes de gente mais competente.

Vejamos algumas curiosidades. O valor das vogaes, por exemplo. Tenho que o phonema *a*, aberto ou atono, significa proximidade e claridade. O dia é *ara*.

O phonema *u* exprime distancia. As cousas distantes são pretas ou azues, portanto, *u* significa tambem essas cores. Donde temos *una*. A noite é *petuna*, ou *pechtuna*, ou *pichtuna*, que quer dizer véo, ou pelle preta.

Porque buraco ou cousa óca é *qua*? É possivel que pelo seguinte: onde vae a consonancia *q*, trata-se de cousa meúda, pequena. Qui, é grão, é piolho, e quando leva a desinencia frequentativa *re-re*, já se sabe que é cousa meúda, em quantidade; quirera. Mas, o que é um buraco, sinão um espago pequeno, em relação aos espacos em liberdade? Portanto, deveria ser *qui*. Mas a vogal *i* significa mais cousa fina, subtil. Um páo ou pedra perfurados deixam, entretanto, entrar pelo orificio o ar e a luz, donde vem *quá*. Porque onde vae o *a* vae a *luz*.

Perguntaremos: porque ave, passaro, é tambem *ara*? *Ara* é o dia, o conjunto das cores; óra, os passaros trazem nas suas penas, tambem todas as cores. Por isso o passaro é o dia. E o dia é o grande passaro das sete cores...

O nosso bicho tutá (é uma hypothese apenas) pode ser que tenha o seu nome

originado da circumstancia de entrar no buraco e tapar a entrada da luz. Como se sabe, a consonancia *t* exprime resistencia, cosa dura.

Vimos, no ultimo artigo, que fogo é *tatá*, e a nossa hypothese foi a de que assim se exprime o elemento igneo, pela circumstancia de nascer o fogo do atrito das cousas duras. Mas o fogo é luz, claridade, por isso a consonancia *t* liga-se ao phonema *a*.

No tocante ás analogias psychologicas, encontramos interessante material, que demonstra a intima comunhão cosmica dos homens primitivos. A *Iua*, por exemplo, é *Jacy*. E *Jacy* tambem quer dizer tristeza. E que é a tristeza sinão um luar da alma?

Mas, temos ainda *caruca*, que é tarde. Vem, provavelmente, de *caa*, matto, e *oc*, ou *uc*, morar. O *r* é evidentemente euphónico. A tarde é, portanto, a que *móra* no *matto*. E, na verdade, mesmo quando o sol é mais intenso, ha sempre debaixo das còpulas intrincadas da floresta, a sombra que se extende pelas raizes. Quando o sol se põe, a sombra sâe devagarinho do matto, e vae se escorregando, extendendo-se dominando a paizagem. É a que *móra* no *matto*: *caruca*. Algumas horas depois, quando brilham as *citatás* (estrelas, mães do fogo), a *caruca* se transforma em *petuna* que é o véo negro da noite.

Aracy é a mãe do dia, ou a aurora. É a mãe porque do seu clarão é que nasce o sol. Neste ponto a mythologia tupy se confunde com a mythology grega.

Entre as palavras mais lindas dos nossos indios, está, certamente o *Nhengarengue*. *Nhem* é fala, falar. *Nhengatú*, lingua boa; *nhengahybá*, lingua ruim, fala ruim. *Gare* é correr. Como se vê em *igara* (i, agua; gare, correr), que significa canoa, etc. Pois *Nhengarengue* quer dizer *canto, cantiga*, ou seja a fala, a palavra que corre.

Nhengarengue é um canto collectivo. *Nhemengassá* é uma fala grande, um discurso.

Muitos outros exemplos interessantes poderiam ainda ser aqui lembrados. A urgencia de entregar estas laudas improvisadas á nossa "Revista de Antropophagia" não me permittem continuar muito. E, por isso mesmo, por ser escrito á ultima hora, o artigo perdeu em metodo, em construção: mas com isso ganhou por ter ficado menos pretencioso...

Plínio Salgado

BRASILIANAII
IDEAL

De uma entrevista da actriz Margarida Max para o *Para todos* do Rio, n. de 20.8.27:

"O meu ideal é ter o aplauso das famílias."

COMÉRCIO

Telegrama de Fortalesa para a *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 11.2.928:

"As padarias que se encontravam em greve acabaram com essa situação. Mas prometteram que se forem multadas novamente, por qualquer motivo, mesmo que seja fraude no peso do pão, voltarão a fechar os estabelecimentos."

PRESTAÇÃO DE CONTAS

Declaração na secção livre do *Jornal do Commercio* de S. Paulo, n. de 16.9.924:

"No dia 15 de Setembro de 1924, ás 9.15 horas da manhã, encontrando-se, na praça Dr. João Mendes n. 6, lugar esse onde o Sr. Ezequiel Martins trabalhava, sendo até aquella data vendedor do Café Assembléa.

Encontrou um senhor que se chama Paulo Morganti que é um dos proprietários, com muita exigência relativamente a uma pequena quantia em que se achava atrazado. O dito reclamante (e dito por ele atrazado), o Ezequiel quiz lhe pagar o dinheiro que tinha recebido da respectiva freguesia, não querendo o Sr. Paulo Morganti receber-a. Ficou por isso muito nervoso, pegando nos talões de recibo e jogando-os ao rosto de Ezequiel Martins. Ezequiel Martins vendo que eram arremessados os talões na propria cara, faz ver ao commerçio em geral que nada fica devendo aos ditos senhores sob pena da lei.

Eu que o fiz e que o escrevo, e por falta de tinta, no lugar onde me acho, pedi para um amigo, por muito favor, para me deixar reconhecer minha tão digna firma, sendo isto publicado no dignissimo "Jornal do Commercio". (a) Ezequiel Martins."

FESTA NACIONAL

Circular da Sociedade Beneficente "Amigos da Patria" de S. Paulo distribuída este ano:

"Desejando fazer as festas nacionaes de 13 de Maio como nos annos anteriores que constará:

A comissão sahirá da séde social ás 8 horas da noite com o seu estandarte de honra e bandeiras de diversas nacionalidades acompanhadas pela banda Musical "S. A. Silex" que percorrerá as ruas centraes, cumprimentando as autoridades e a imprensa; em seguida irá para o salão da Rua Barão de Paranapiacaba N. 4, onde haverá sessão solemne e a conferencia feita por um benemerito; em seguida haverá leilão de prendas. Terminará com um animado baile que se prolongará até ao romper da aurora, e cujo baile é por pedido de socias.

Offerece-se um convite a todos que auxiliarem. — O Presidente-Fundador (a) Salvador Luiz de Paula."

ORATÓRIA

Convite para uma conferência realizada em S. Paulo: "ENTRADA

Programma a escolher

- 1.º Trabalhar é viver
 - 2.º Impressões da Amazonia
 - 3.º Preta casou com branco e vice versa...
 - 4.º Saber fazer...? Saber amar...? Saber viver...?
 - 5.º S. Paulo e o seu progresso
 - 6.º Os burros tambem fallam...
- Dia — 30 Outubro 1927
Salão — Associação 15 Novembro 22
Horas — 15.16 h.

(a) LUIZ LEITE

"ETHER" será o título de uma producção literaria que de futuro terei de escrever em S. Paulo.
10.000."

BAHIA

ASCENSO FERREIRA

Bahia — Vatapá!

Bahia — Carurú!

Bahia — Acaçá!

Bahia — Oxinxin!

— Abará!

— Acaragé!

— Efó!

— Carurú!

Brasil de besteiras,

Brasil travesti,

Brasil camouflé,

Te damna Brasil!

Te damna Petit-pois!

Te damna Macarrão!

Te damna paté-de-foie-gras!

Viva o Carurú!

YOYO!

YAYA!

Eu quero é virar bahiano!

Eu comi hoje a alma bahiana, na mesa lauta da prête Eva!

Por isso sinto em mim graves tendencias de orador!

Olhem, ou vou até fazer um discurso!

La vai tempo:

Meus senhores!

Recife tem pontes,

Recife é bonito,

Tem "Bois", tem Reisados,

Tem Maracatús...

Porém o Recife

Não tem mais as Evas

De chales vistosos,

Vendendo de tarde

— Peixe frito,

— Agulha frita,

— Siry cosinhado,

— Pirão de Aratú!

Em quanto a Bahia

Tem tudo einda mais:

Tem 365 Igrejas!

— As mais lindas Igrejas do Brasil!

E tem

— Vatapá!

— Oxinxin!

— Efó!

— Carurú!

Viva a Bahia!

— Canudos da tradição do meu Brasil!

(Recife)

S. O. S.

A REVISTA DA ANTROPOFAGIA já tem para publicar em seus próximos números nada mais nada menos do que 37 poesias: não possue um único trechinho em prosa.

Ela dirige assim aos novos do Brasil êste radiogama desesperado:

S. O. S. SOCORRO. ESTAMOS NAUFRAGANDO NO AMAZONAS DA POESIA. MANDEM URGENTE PROSA SALVADORA.

A. DE A. M.
R. B.

ANNO I — NUMERO 3

500 RS

JULHO - 1928

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerencia etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

CARNIÇA

Numa conferência há pouco realizada na Faculdade de Direito de São Paulo Baptista Pereira esguichou um pouco de Cruzwaldina na epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola este país condoreiro. Pode parecer bobagem a gente ainda se preocupar com tal causa. Pode parecer só: porque não é. Ningém está claro vai se dar ao trabalho de combater o positivismo hoje em dia. Mas é preciso de uma vez por todas liquidar com esse cadáver que enterrado desde muito na Europa foi exumado por meia dúzia de fivelas e trazido para o Brasil onde continua empestando o ambiente.

Quasi todas as tolices iniciais da República a gente deve aos austeros namorados póstumos de dona Clotilde. Assim como entre nós sujeito mal cheiroso é para todos os efeitos filósofo bastava alguém fazer parte da igrejinha Ordem e Progresso para ser considerado logo sábio, gênio, armazem de virtudes, torre de honestidade.

Não digo que se coma semelhante carne. E' cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quiz, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Daí o melhor é pôr a carniça num tanque de creolina e recambiala para a Europa. Com este bilhete: **Preferimos sardinha**. Que marca vocês querem? Amieux, Philippe & Canaud ou aquela de saudosa memória d. Pedro Fernandes inexplicavelmente desaparecida do mercado desde 1556?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra

no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(BELO-HORIZONTE)

“A BARBÁRIE DURA SÉCULOS. PARECE
QUE SEJA ELA O NOSSO ELEMENTO: A
RAZÃO E O BOM-GÔSTO NÃO FAZEM
SENÃO PASSAR”

D'ALEMBERT - Discurso preliminar da **ENCICLOPÉDIA**

BALCÃO**INDIFFERENÇA**

a Oswald de Andrade

A partir dêste número a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA** publicará gratuitamente todo e qualquer anúncio de compra e venda de livros que lhe for enviado.

LIVROS A' VENDA:

Na Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):
 — S. Leopoldo — **Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul** — 2.^a ed.
 Monteiro Baena — **Compendio** — Pará.

Nesta redacção:

- Blaise Cendrars — **L'Eubage** — Com 5 gravuras de J. Hecht — 1.^a ed. — ex. n. 698 — 1926 — preço: 15\$000.
- Jean Cocteau — **Le grand écart** — 1924 — preço: 5\$000.
- André Breton — **Les pas perdus** — 1924 — preço: 5\$000.

LIVROS PROCURADOS:

A Livraria Universal (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo) compra, pagando bom preço:

- **Revista do Instituto Histórico Brasileiro** — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.
- Roquette Pinto — **Rondonia**.
- Ruy Barbosa — **Replica**.
- Oliveira Lima — **D. João VI no Brasil** — 2 vs.

Além disso, adquire bibliothecas.

Yan de Almeida Prado (av. Brigadeiro Luiz Antonio n. 188 — S. Paulo) compra:

- Balthasar da Silva Lisboa — **Annaes da Província do Rio de Janeiro** — em bom estado.

- Mello Moraes — **Chorographia Histórica** — 5 vs.

Esta redacção compra:

- Simão de Vasconcellos — **Vida de Joseph de Anchieta**.

Paris — Nova-York — Roma!
 Cabarets — correria de casarões — arte?

O sol de meu paiz tem os longos cabellos de ouro
 As palmeiras do meu paiz são verdes
 frutos amarellos

Nos troncos humidos das bananeiras
 vivem curiangos
 nas folhas molengas
 passeiam tatouranas cabelludas

Quintaes!
 Amarellos

Ouro sobre verde
 Verde e ouro sob azul

Sob as palmeiras do meu paiz
 meu pensamento
 busca sonhos
 como passos de namorados nas calçadas

O sol do meu paiz tem os longos cabellos de ouro

(BELO-HORIZONTE)

ACHILLES VIVACQUA

Ja saiu e custa

6\$000

o novo livro de

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

LARANJA DA CHINA

Pedidos para

CAIXA POSTAL

N. 1.269

São Paulo

CONVITE AOS ANTROPOFAGOS

Meu caro Antônio de Alcântara Machado.

Vocês não estão cumprindo bem os seus deveres de antropófagos. E' verdade que você engoliu num átimo o dr. Fernando de Magalhães e que o nosso querido Mario, no espaço de uma só manhã, deglutiu perfeitamente Gandhi, Lenin e Luis Carlos Prestes (com grande nojo do Graça Aranha, que viu nesse *petit déjeuner* canibal uma es- scandalosa confusão de valores). Mas para a sanha de quem via vindo a nossa comida pulando, confessasse que é pouca a aferração mental dos companheiros.

O jovem Antonio de Santa Engracia, redator de sueltos no "Jornal do Brasil", tem razão: os antropófagos estão abusando da goiabada. O Brasil corre, neste momento de bravura modernista, o risco de degenerar, em Republica de Pesqueira. Ora, eu apesar de pernambucano, não gosto muito da goiabada de Pesqueira: prefiro a de Campos que tem cascão. Admito a goiabada (como sobremesa), mas exijo o cascão.

Convém, outrossim, chamar a atenção para a dispepsia pre- coce de alguns curumins antropófagos. O Rosario Fusco,

por exemplo, meteu-se a devorar o Mario, não digeriu e revesou aquele

O meu amor, rapazes,
que me embrulhou o estomago de uma vez. Assim não se pode comer!

Mas o principal assunto desta carta não é nada disso.



DESENHO de ROSARIO FUSCO de CATÁGUAS

Eu queria apresentar aos antropófagos o dr. Arthur Imbassahy, autor deste pedaço de prosa estampado no "Jornal do Brasil" de 28 de junho:

"Carlo Zecchi é um pianista de tão diamantina tempera que chega a fazer supportar sem enfado e até mesmo a se ouvir com certo interesse aquellas duas extravagancias de Ravel:

— "Alvorada del Gracioso" e o "Jeux d'eau". Lamentaria eu, entretanto, que o programma estivesse mesclado com aquelles produtos de uma inspiração enfezada, nascidos exclusivamente do calculo, sem que por elles passassem os effluvios do coração, e cujo valor unico depende somente de um executante de brilho, dotado de uma technica como a do temido virtuose, sob cujos dedos aquellas paginas alcançaram um colorido que até este momento eu desconhecia."

O dr. Imbassahy é critico musical do "Jornal do Brasil". Há dez anos se bate pela aspiração de ver levantada a tampa dos pianos

nos numeros de acompanhamento. Tem, como se vê, incontestável competencia em assuntos musicais. Antropófagos, eu proponho a deglutição immediata do dr. Imbassahy!

Verdade que a carne é dura. Mas pode-se entregar o pior pedaço ao empresario Felicio Mastrangelo, que tem bons dentes, ar feroz e excelente estomago.

Seu, muito cordealmente,
MANUÉL BANDEIRA.

3 POETAS E 2 PROSADORES

RUY CIRNE LIMA — Colonia Z e outros poemas
— Porto Alegre — 1928.

Acho que Ruy Cirne Lima faz versos como criança faz barquinhos de papel. Distrai, não irrita ninguém e chega mesmo a interessar a gente. A água da chuva leva os barquinhos. Pronto: desapareceram. De vez em quando um deles dá voltas divertidas, a gente torce — afunda! não afunda! —, vai pulando que é uma boniteza. Não sai mais da memória.

Paisagista simples da terra gaúcha o poeta detesta violências e alturas. Não se afasta do quotidiano sossegado, gosta que se regala dos quadrinhos inocentes. Não entusiasma os leitores. Mas os leitores lhe ficam querendo bem.

Madrugada (que esta revisteca dos meus pecados publicou no seu segundo número) é excelente: a melhor cousa do **Colonia Z**. Mas o livro tem outras cousas boas: **Moleque, Negro velho, Canção dos pescadores, Lirismo**. Os poemas são quase todos assim:
*A veneziana deixa entrar o sol
e o vento cheio de perfumes frescos.
As aves acordaram, no quintalejo.
Ha revoadas varando o asul.
Ha marulhos de arroio nas folhas verdes.*

O galo vai cantar.

As estilizações de Angelo Guido não me agradaram nem um pouco.

NICOLAS FUSCO SANSONE — La trompeta de las voces alegres — Montevideo — 1925.

O livro é de três anos atrás. Mas como vem de fora pode ser considerado novidade aqui.

O poeta tinha dezenove anos quando o escreveu: **diez y nueve trampolines de voluntad y de alegría** diz Juan Parra del Riego num prefácio em que eu encontro frases que bem poderiam ter sido escritas por Graciosa Aranha. Porém isso não vem ao caso. O que importa é a maneira desenvolta com que o poeta solta sua poesia

*como una bandera
para que jueguen con ella
el sol, el viento y el mar.*

O livro tem mocidade até dizer chega: é exaltado, ágil, contente e barulhento. Está cheio de imagens, de arrancos, de odes. Em todas as suas páginas há mar, há estrélas, há frutas, há manhãs, crianças correndo, pássaros voando. No meio de tudo isso Nicolás joga seu coração para que também pulse

*de vibrante ansiedad nueva
hasta encontrar
el canto más sano que renueva
e impulsa la sangre y la vida
en una carrera audaz.*

Naturalmente esse febre a estas horas já deve ter baixado um tanto. Essa força ainda incontida no **La trompeta de las voces alegres** com certeza hoje em dia se poupa mais e tem assim maiores reservas de energia para proezas futuras. Seja como for poeta que comece desse modo é certo que continue sempre

*saltando
todos los obstáculos
del mundo*

cual si fuera
un travieso cabrito...
Assim queira Deus.

JULIO PATERNOSTRO — Olha o café! — São Paulo — 1928.

Diz Julio Paternostro apresentando seu primeiro livro: **Gosto de ver as cousas sózinho sem me apontarem**. Tem bom gosto. É ótima regra para quem principia. Mas apesar da declaração a gente percebe o dedo de Ribeiro Couto mostrando ao autor as cousas ou algumas cousas que estão no **Olha o café!** Mostrando só. Sem descrever. O recheio é mesmo de Julio Paternostro.

E agrada. Mais de uma vez agrada bastante. Tarde começa assim:

**Uma casa amarela
está parada
deixando
as janellas pegarem fogo.**

Assim acaba Zé Cabrão:
**O sol vermelho
apertava o morro
que nem o lenço
molhado que
o Zé Cabrão
tinha no pescoço...**

Imagens e o mais do estilo não faltam no livro. Paternostro é brasileiro. Depois é mocinho. Com a idade dirá as cousas mais directamente. E deixará esse lugar-comum da nossa poesia actual (já censurado por Mario de Andrade): meninice. E outros lugares-comuns: circo de cavallinhos, cidadelha do interior, preto velho, Brasil dos primeiros anos e assim por diante.

Das qualidades evidentes do poeta destaco esta: Julio Paternostro é malicioso. Vejam **Escola** e **Bento Manuel Ribeiro**. Reproduzo aquela:

**Hoje houve casamento
de gambá com raposa!
E foi de tardezinha
quando a guryzada
sahia da Escola...**

**E as meninas e os meninos
pareciam
uma porção de letras
a-e-i-o-u...
dependuradas dansando
nos fiozinhos de ouro
do sol...**

**Também havia
um guarda-chuva
era... a professora!**

Fiozinhos de ouro do sol e horrível. Mas há no resto qualquer cousa que enche a gente de esperança no futuro poético de Paternostro. De forma que eu acredito que essa e outras descidas tenham o seu lado útil: tropeçando é que se aprende a andar (não reivindico para mim a paternidade da frase).

A naturesa-alegre de Paim compensa na capa a feiura do título.

DARCY AZAMBUJA — No galpão — 3.ª ed. — Porto Alegre — 1928.

Obra coroada pela Academia Brasileira de Letras. No entanto a gente pode abrir o livro sem medo. É bom. Muito bom até. Seria ótimo se tivesse sido escrito mais ou menos pela época do **Pedro Barqueiro** de Afonso Arinos. Em todo o caso não atingiu ainda vinte edições porque nem todos os dias aparece um Rui Barbosa camarada.

São histórias puavas dos pagos do

gaúcho altanado. Com cheiro de fléte suado, estrupício de rôlo nos domingos vadões, riso do chinaredo cosquilhoso, lórgos contrabandistas nos guitas da fronteira.

Se o estilo fosse menos acadêmico e mais humano, se o autor escrevesse com o sabor que tem a fala de suas personagens, a maneira dele fosse mais directa de forma que os contos saíssem da pena dele e não da bôca de um palrador entre duas mordidas no matambre sangrento (como quase sempre acontece no livro) e ainda houvesse mais novidade nos assuntos e menos adjetivos e anexos enfeitando os períodos, **No galpão** por mais de um motivo seria obra de se lhe tirar o chapéu.

Mas tal como é já marca a nankin o nome do autor. Darcy Azambuja tem a faca e o queijo na mão. O jeito de cortar e servir a rola faminta é que decidirá de sua modernidade daqui para diante. É bom no entanto indagar primeiramente se ele faz questão de ser carimbado moderno.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — Laranja da China — São Paulo — 1928.

Alcântara ganhou fama (ou cousa parecida) de gozador e de séco desde o **Pathé-Baby**, **Brás, Bexiga e Barra Funda** não deu para desfazer essa fama (ou cousa e tal). Bom. Vamos ver agora o que dirão do **Laranja da China**. No fundo (desconfio muito) Alcântara não está fazendo questão de parecer séco ou molhado, gozador ou sofredor. Além de ser e parecer quanto possível Alcântara acho que nada mais o preocupa.

Laranja da China tem um jeito de catálogo brasileiro. É uma imitação-zinha de tipologia nacional. Isso não quer dizer que o desembargador Lamartine de Campos ou o guri Cicero Melo de Sá Ramos (para só citar dois) sejam produtos privilegiadamente indígenas. Lá fora também nascem. Mas acontece com eles o que acontece com o café: têm sabor quando são daqui.

Dito isso está dito tudo sobre as intenções do autor (se é que houve intenções). Querer descobrir mais não adianta nada. Principalmente tratando-se de histórias que podem ser tudo menos pretenciosas. O melhor portanto é aceitar o volume realizado sem procurar saber porque foi realizado assim e não assado. Depois quem publica livros trata primeiro de passar um pano nêle para enxugar o suor que custou.

O ponto de vista do autor desaparece impressa a obra se esta é de pura invenção. Gosto ou não gosto é ainda o modo mais certo da gente dar sua opinião em matéria de arte. Eu que acompanhei a construção do **Laranja da China** palavra por palavra não posso evidentemente separar o resultado do caminho percorrido para chegar até ele. Meu juízo seria fatalmente parcial por várias razões de ordem afectiva: quem assistiu ao esforço aprecia o produto sempre em relação a esse esforço.

Dirão que essa é justamente uma das funções da crítica: desmanchar o brinquedo para ver o que tem dentro. Pode ser. Eu não entendo nada de critica.

COMIDAS

MARIO GRACIOTTI

O sr. Coelho Netto foi coroado. Quem fez a bruta festança foi a redacção do Malho. Botaram na cabeça delle uma corôa. Dizem que é de príncipe. Tinha louros e espinhos cahindo pelas costas. Depois, encheram os pés com perfumes. E um sujeito grosso lascou uma falação virgulada, que ninguem entendeu.

Eu tive vontade de pegar no pescoço do Coelho Netto e botar elle no espeto. Para assar, feito churrasco. E comer. E dar a corôa de príncipe ao Adelmar Tavares. Pra engordar mais o bicho.

Infelizmente, o Brasil teve um príncipe na prosa. Teve. Hoje, feito comida, elle está ahi. E foi votadíssimo. Se foi. Aos milhares. Intensamente votado pelos mirins desta ter-

ra de palmeiras. Gosado mesmo.

Antes de comer a comida principesca:

"Meus irmãos. O dia de hoje é dia santo para as tabas. Tem carne de príncipe. Vella, mas não importa. Nós temos dentes de aço. E o fogo cozinhou que é uma boniteza. Pois bem, a gente comendo o Coelho Netto, sem allusão ao quadrupede veloz das mattarias, tem duas gostosuras: se enche a barriga e se presta um serviço, deste tamanho, ás letras nacionaes. Ha sujeitos que tem só um destino: serem comidos. O nosso príncipe tinha esse, mas foi demorando, demorando, até que envelheceu. Mas, agora, está ahi, nuzinho, meio tostado, no espeto, quente que nem

um churrasco. Pra não desagradar a vista, mandei tirar os pelinhos brancos. Assim, a gente tem a impressão de coisa nova. E tudo o que é novo, inclusive carne, tem saborosa atração.

Coroado, tornou-se completamente inoffensivo. Comido, esse individuo, que andou fazendo muita malandragem em papel inocente, não tem mais razão de ser. Felizmente, desse estamos livres. Enquanto fazemos a digestão do sr. Coelho Netto, vamos esperar que o Adelmar engorde mais. Aquillo é outra comida. E das boas. Tem carne e banha que não acaba mais. E ainda não tem coroas e espinhos pela cabeça."

Rapazes, podem trazer os palitos!

A Revista de Antropofagia

publicará em seus proximos numeros trabalhos de:

**Mario de Andrade, A. C. Couto de Barros,
Sergio Milliet, Augusto Meyer, Antonio
Gomide, Henrique de Resende, Plinio
Salgado, Cassiano Ricardo, José Ameri-
co de Almeida, Carlos D. de Andrade
e outros.**

SANGUE BRASILEIRO

As matas espessas eram noites escuras de breu
com sacis cachimbando de cocoras.

Os tições dos olhos de braza das onças pintadas
espreitavam por traz dos troncos das arvores.

Na beirinha dos rios as mães dagua traiçoeiras
penteavam os cabelos verdes molhados.

E bulindo na treva um assombramento
enchia de pavor os indios bravios.

Mas os homens de sangue azul saltaram das naus
e pizaram o paiz encantado.

Um homem disse que a terra era boa
e que o solo virgem daria de tudo.

E os descobridores guerreiros de sangue azulado
misturaram seu sangue com o sangue
preto dos negros retintos
com o sangue vermelho
dos homens vermelhos de bronze.

E do solo virgem da terra
brotaram homens novos possantes
com musculos de cordilheira
e impetos violentos de luta no sangue assanhado de febre.

E eles desceram pelas serras e rios
dominando quebrantos
domando selvagens
brigando com onças
despertando sacis
assustando mães dagua
varando florestas cheiroosas
pulando cachoeiras saltos e quedas.

Iam jogando sementes na terra
e da sola aspera de seus pés as cidades brotavam.

As mães dagua fujiram da beira das aguas
e acabaram os feitiços e bruxedos da terra
e o negrume negrinho das florestas escuras.

Só a mula sem caheça inda corria os caminhos...

E os homens novos ousados
cruzaram os rios largos molengos
e sonharam com pedras verdes numa serra encantada
e com ouro nos riachos cantantes
e com maravilhas no mato assombrado.

No sangue deles havia impetos violentos
e seus musculos de cordilheira ansiam lutas tremendas
e o sangue deles quente impetuoso vibrante
estuava nas arterias com rios encachoeirados reprezos.

E o soi quente dos tropicos
tornou vermelhinho esse sangue
temperou a alma dos homens heroicos
na fornalha escaldante da terra.

Alma selvagem de lutas aventuras encantos
sangue selvagem borbulhante nas veias.

Sangue dos desbravadores da terra verde da Amazonia
sangue dos plantadores de ruas alinhadas de café
nas terras roxas de Piratinha
sangue dos cavaleiros dos pampas
sangue dos cavaleiros heroicos das cavalhadas
sangue dos vaqueiros das correrias no sertão enorme
sangue herança dos negros dos boroçotós
sangue herança dos indios dos pajés e Cunhambebe
sangue dos homens que não possuindo terras
vieram arrancal-as do seio verde do mar.

Brasileiro!

Esse é teu sangue
que circulou' nas veias dos domadores de indios
e dos bandeirantes sonhadores valentes
e que estua que ruje nos nossos corpos amoreados pelo
sol vermelho e quente
que ha de vibrar nas arterias de nossos filhos
para que eles possam continuar a obra imensa do dominio
da terra
— a epopéa da raça.

(CATAGUAZES)

ASCANIO LOPES

Brevemente:

MACUNAÍMA

(Historia)

de

MARIO DE ANDRADE

e

Antologia de 4 poetas mineiros

JOÃO ALPHONSUS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

EMILIO MOURA

PEDRO NAVA

LEIAM:

MARTIM - CERERÊ — versos de

Cassiano Ricardo

COLONIA Z e outros poemas de

Ruy Cirne Lima

CANTO DO BRASILEIRO — (poema)

Augusto Frederico Schmidt

NO GALPÃO — contos de

Darcy Azambuja

POEMAS CRONOLOGICOS — de

Henrique de Rezende
Rosario Fusco e
Ascanio Lopes

OS TRES SARGENTOS

(Episodio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.º:

O JARDIM PUBLICO

I

Em S. Paulo, na primeira semana de Julho de 1924, as noites aquecidas por prolongada estiagem assemelhavam-se ás da primavera. Favorecida pela temperatura, acorrera grande afluencia ao Jardim da Luz na ultima vez em que a banda da Força Pública tocava antes da revolução. Em redor do lago central cruzavam-se operarios e soldados com mulheres de toda a casta, em que havia desde a menina das visinhanças acompanhada da familia até pretas empregadas em casas burguezas, que depois do trabalho vinham ali buscar amôres. Outras negras passeavam falando alto, mostrando aos homens o rosto enfarinhado de pó de arroz. Quedavam-se sob os reverberos da iluminação antiquada, numerosos soldados vindos dos quartéis circunvizinhos. Os que paravam debaixo das arvores ou sentavam nos bancos, eram os veteranos frequentadores do Jardim, que se contentavam em dirigir gracejos ás mulheres. Os novatos, pouco antes saídos do Corpo Escola, preferiam armar algazarra pelo caminho dando encontroes nas "fias" á guiza de divertimento. Algumas riam, outras zangavam-se revidando a ofensa com palavrões de bordel gritados em voz aguda. Variava a intensidade do melindre pelo aspéto de quem o causava. Si o gaiato caia na simpatia da mulher, diminuam os palavrões até se diluirem num sorriso promissor; então, ao se separarem novamente no decurso do passeio á roda do tanque dos cisnes, apparentava a rapariga um resto de zanga para dizer "que não repetisse mais aquela estupidez". Fingia-se a principio ainda irritada, por fim abrandando até aceitar as propostas de passeio ou de bebidas que lhe faziam.

Fechava o Jardim depois dos numeros da banda. Esseava-se a multidão aos poucos pelos portões do parque, enchendo as calçadas proximas. Era o momento em que lôgo adeante, na avenida Tiradentes ou do lado das ruas da estação, iam se encontrar os que tinham compromisso para "depois da musica". O soldado parava á esquina, junto de um poste de bonde, á espera da conquista que fizera. A conquistada, vinha de braço dado com uma amiga para mostrar o conquistador, todo ancho na farda azul ferrete. Quando o militar percebia ás mulheres, tufava a túnica ponteada de botões de metal, fazia tirir as esporas e rebrilhar as esamas do boné sob a luz das lampadas de arco. Despediam-se as amigas ao chegar á sua altura. Nesse momento ele travava o braço da que ficava, para

juntos seguirem em demanda de alguma casa de tolerancia situada em porão ou cortiço das redondezas.

O mulherio frequentado pela soldadesca, morava em quartos escassamente mobiliados, com as paredes forradas de fotografias de amantes. Eram do lugar, do Rio, ou do norte e sul do paiz, marujos, soldados da Brigada Policial, soldados do exercito, pessoal do Lóid, sós ou aos pares, muito serios, na melhor farda, no cenário do parque publico onde um fotografo economico lhes tirara o retrato. Alguns eram mais pródigos, tiravam fotografia num "Fotografo de verdade" como diziam. Pela parede havia morenos com cabelos corredios brilhantes como aleatrão a luzir, mulatos degenerados ou robustos; uns com a face rechupada, outros de rosto largo, ambos sensuas; brancos loiros, castanhos ou ruivos sardentos, junto da inextricável mixordia de todas as cores e matizes do branco com preto, preto com indio, indio com mulato, onde as vezes surgia um tipo atlético. Tinham tambem as raparigas amantes pretos que davam retratos, mas que as envergonhavam. Escondiam essas fotografias, embora fossem menos rebarbativas do que as de muito portuguez, hespanhol ou italiano, desageitados no trajo dominguero que lhes apertava o pescoco numa gravata amarrrotada, e lhes cobria as mãos com as mangas do paletó.

A mobilia das mulheres era preteniosa e miseravel. Sobre a cama a colcha pelintra, cheia de rendados e laçarotes, ocultava nódoas. Cobriam as cadeiras mancas, requifes de crochê semelhantes aos dos salões, em que as raparigas uma vez na vida tinham ensaiado trabalhar.

Pelo aposento corriam baratas das frestas da parede ao soalho disjunto e sujo. Os muros caiados de côres berlantes, levavam flores complicadas onde havia sinal dos escarros dos "fretes". Enlaçavam o fio da lampada elétrica rendados de papel enegrecidos pelo pó e pelas moscas. O quebra luz de setineta, estava rasgado ao meio, devido ao projétil que numa noite de briga o atingira.

Muitas das mulheres tinham vindo a pé do Nordeste, no meio de trabalhadores que se destinavam ás derrubadas de matas em S. Paulo e no Paraná. No principio tinham andado certo numero de leguas e descascado, para que os pés inchassem e desinchassem, a seguir rumavam para o sul em jornadas de dez leguas diárias tal como faziam os homens do rancho. Era diversa a situação das que vinham em caravanas

organizadas por gente movida pela ambição e capitaneada por alguém que já estivera no sul, e ás levas lamentaveis dos que fugiam da seca e da fome. Os primeiros tinham um esboço de organização; as mulheres, os bens e as vidas, iam garantidos.

As caravanas, que eram enxotadas pelo perigo da morte, só tinham uma norma: o direito do mais forte. Quem tem maior força ou valentia manda. Os fracos ou cobardes são escravizados; as mulheres pertencem ao senhor do bando. O trajeto do extremo norte até S. Paulo representa um rosario infinito de dôres, de sacrificios, de iniquidades, abusos e martirio. Aquela gente nada possue, nem bens, nem meios de vir a obter os graças a um oficio ou conhecimento qualquer. Chegam até a não dispôr dos braços tal a quantidade de mazelas que os molestam. Muitos da caravana não sabem o que é uma casa de tijolos, utensilio embora rudimentar de laboura, padre, igreja, par de sapatos. Entre eles há senhores e escravos.

De uma feita o director da hospedaria de Imigrantes do Brás, perguntou a certo matuto porque se deixava dominar por outro, por que razão consentia em ser despojado sem protesto nem veleidade de defeza. A resposta foi simples: "Vancê me garante da faca dele? Si não garante prefiro ficá ansim mesmo".

Atavez dificuldades sem nome eles vêm a pé desde o lugarejo natal até a Baía, onde embarcam em imundas alvarengas que os levam pelo S. Francisco á Pirapóra. Chegam esqueléticos de tantas provações, morrem pelo caminho, enlouquecem. Para se manterem, trabalham aqui e acolá a troco de niqueis ou de miseravel alimentação. Causa espanto que, no lugar perdido onde nasceram, conhecem o nome de S. Paulo, e que no percurso não desanimem ante tanta dificuldade. Chegados refazem-se em pouco, fortificam-se e civilizam-se. Assombram pela destreza com que abatem florestas virgens e resistem a tudo, ás maleitas, ás aguas salobras, á má alimentação. Houve o caso de um matuto acreano aprender a ler, a guiar automovel, e aparecer nas ruas de S. Paulo no seu carro de aluguel — que pagava em prestações — dois anos depois de chegar numa leva de imigrantes analfabetos, sem outro meio de vida do que os braços. Do mesmo modo, ainda mais facilmente, a caboclada que chegou com fome e com os pés sangrentos aparece seis meses depois com rouge nos labios e meias de séda no Jardim Publico.

(Continua)

BRASILIANA

III

ATITUDE

De uma correspondência de Santos para o Diário Nacional de S. Paulo, n. de 2-6-1928:

"Circunstância curiosa! Mau grado as enormes proporções que assumiu a ventania, fazendo lembrar um verdadeiro simoum, o Monte Serrat permaneceu impassível. Dir-se-ia que elle só pretende cahir numa noite tranquilla, enluarada, cheia de estrelas.

"Não deixa de ser interessante essa attitudo fleugmática, britannica, do Monte Serrat."

MÚSICA

Anúncio publicado no Diário Popular de S. Paulo (1928):

"A CRUZ DA TUA SEPULTURA ENCERRA UM MYSTÉRIO. — Valsa com letra; foi escripta junto a uma campa. Vende-se á rua do Theatro, 26."

CIVISMO

De uma correspondência de Tietê para o Diário Nacional de S. Paulo, n. de 3-5-1928:

"Em dias da semana passada, uma caravana do P. R. P., composta de alguns membros do directorio e de Antonio Malagueta, cidadão lusitano, dirigiu-se com destino ao bairro do Mato Dentro, na doce ilusão de encontrarem algum Joaquim Silverio.

Lá, o sr. Luiz Gervonetti, que é membro influente do Partido Democratico, recebeu-os com altivez e depois de lhes dar algumas lições de lealdade e de civismo, offereceu o livro de Affonso Celso "Porque me ufano do meu paiz".

Será que esses pretensos imitadores de Paulo de Tarso continuam com as suas caravanas?"

FILIAÇÃO

AVISO AO PÚBLICO publicado na secção livre da Folha da Noite de S. Paulo, n. de 6-9-1927:

"A firma do "Ao Café Moka", del Moro & Cia., não se responsabiliza de dívidas feitas por seu filho Attilio Del Moro. — Subscrevo-me, Nicolau Del Moro."

LITERATURA COMERCIAL

De um anúncio publicado no diário A Manhã do Rio, n. de 13-11-1927:

"Venci... ou não venci?

Venci, sim, pelo meu esforço e pela minha honestidade.

Salve 8 de novembro!

E por isso a CASA MATHIAS festejou mais um feliz anniversario.

Ha muita gente que encabula com o 13. Pois, amigos, cácula não péga. Só péga nos cabulosos, que andam mesmo pesados, bufando ao peso da "Zizinha"... O dia 8 foi um grande dia para a gloriosa CASA MATHIAS que completou o seu 13.º anniversario. Treze annos de lutas e de bons negócios.

Lembram-se Vocés, oh! Lanfranhudos, Lambões e Pategos cabulosos, lembram-se Vocés do que diziam em 1914, quando o Mathias, pobre e humilde, veiu abrir a sua casa de negocio? Por certo que se lembram. Entre cusparadas esverdeadas de inveja, aos saltos, e com risos de malteses, Vocés disseram: — qual! Este não vae lá das pernas... — Dentro de meses estará fallido... — Vae dar com os burros n'água... — Pedirá concordata no fim do mez... — Vae dar um "tiro" na praça...

Assim fallavam os invejosos e atrazados. Novas burras de Balaão, queriam adivinhar o futuro! Oh! Zixinhas estragadas! O Mathias não morreu! Tem os ossos duros!

Mas, apesar de tudo, eu venci. Trabalhei, lutei, esforcei-me e ,graças aos meus methodos de commerciar e à minha honestidade, fui para a frente, venci todos os obstáculos e, para maior inveja dos invejosos, o Mathias tem hoje um dos mais frequentados estabelecimentos do seu genero no Rio, não deve nada a ninguem e tem muito dinheiro na burra...

Os invejosos devem se estar comendo. Comidas, minha gente!... Mas é melhor deixar esse pessoal engulir-se sózinho. E' coisa tão ruim!

Para commemorar essa data vamos offerecer aos bons amigos uma novidade: é o BANQUETE SECCO, com todos os acepipes e pertences: Ficam todos á roda da mesa, nas respectivas cadeiras, mas comidas... "no hay"!"

FATALIDADE

- Sabes, Nanoca? Zé de Chanoca casou-se!
- O que é, mulher de Deus! tão bandoleiro!!
- Simsinhora... E o turum dum dum foi feio!...
- Cala a tua bocca creatura... lá vem o homem,

- Hó-hó... que geito!
- Mas homem de Deus, como foi isso?!
- Ora lá como foi isso... tudo tem seu dia.
- Anh!... nem todo cão é sem dono, Zé de Chanoca...

Nem todo cão é sem dono!

— Mas Zé de Chanoca

Conta-me lá como se deu este successo...

— "Eu vou contar meu casamento como foi:

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi!

Amarrado pelo pé

Inquirido como um boi"!...

(RECIFE)

JAYME GRIZ

A REVISTA DE

ANTROPOFAGIA

PEDE A' GENTE NOVA DAQUI E

DE FORA:

COLABORAÇÃO (PROSA,
POESIA, DESENHO)
ENDEREÇOS (ESCRITORES,
LIVRARIAIS, JORNALIS,
REVISTAS, ASSOCIAÇÕES
LITERARIAS).

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço : 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.^o Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.^o 1.269 — SÃO PAULO**A ENTRADA DOS MAMALUCOS****SUCESSÃO DE SÃO PEDRO**

Pode-se negar poesia á *Iliada*. E' impossivel negar a um anuário demográfico.

Há dias ando mergulhado no paulista de 1924. Produz os três efeitos do céu de Curitiba (na opinião da herma Alberto de Oliveira patinada a Negrita). E mais um. Faz cantar, orar, sonhar e instruir. Entre outras cousas a gente fica sabendo que japonês não é atropelado, apendicite não mata negro, raio não gosta de mulher.

Então a parte dedicada aos casamentos (nupcialidade diz o anuário) é uma gostosura que só vendo. A estatística da Capital, Santos, Campinas e Ribeirão Preto constitue nesse ponto um puro madrigal á morena desta terra de mais homens que mulheres.

Vão escutando. Em 1894 houve 456 casamentos entre brasileiros, 143 entre brasileiros e estrangeiras, 127 entre estrangeiros e brasileiras, 854 entre estrangeiros. O imigrante ainda andava arisco. Desgraçado. A parcela dos casamentos entre a gente de fora batia sozinha as três restantes somadas. E o brasileiro (engraçado) tinha medo que se pelava do juiz de paz.

Agora em 1924 o negócio mudou de uma vez: 4144 casamentos entre brasileiros, 627 de brasileiros com estrangeiras, 1311 de estrangeiros com brasileiras (estão vendendo?), 1629 entre estrangeiros. O pessoal da estranha se atirou feio na prata da casa.

Mas ele é que é o comido. Antropofagia legítima. E para quando será o coroamento da rainha dos antropófagos?

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

— Seu vigario!

está aqui esta galinha gorda

que eu trouxe pro martir São Sebastião!

— Está falando com ele!

Está falando com ele!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

“O SOL ESTA' NO OCCASO!!!”

LAURINDO RABELLO - O Genio e a Morte

AÇOUGUE**ANTROPOFAGIA SÓ. NÃO.
ORNITOFAGIA TAMBEM.**

A antropafagia venceu.
Não ha restaurante que se prese que não faça
figurar em seu menu a saborosa carne humana.
O Matadouro Academia de Letras está deserto.
Os academicos foram quasi todos devorados.
E, para não haver falta de comida, arranjemos
um succedaneo á carne humana.
Que seja, por exemplo, a ornitofagia.
E a comida, que vinha pulando, virá voando.
Vamos comer esse sabiá que canta nas palmeiras...
Vamos comer as pombas do pombal...
Vamos comer "Albatroz, Albatroz, aguia do oceano..."
E viva a ornitofagia.
Sabia, pomba, jurity, albatroz e tudo mais, só para
comida.
Para vôar ha o aeroplano...
E para rei do oceano, chega Lindenberg, até o dia
em que seja devorado tambem.

JOÃO DO PRESENTE

JA' SAIRAM:

Macunaíma

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves
n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos

para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO

Alcântara:

Agora sou eu que venho fazer uma proposta a você — na qualidade de chefe antropofago que você é — da deglutição imediata de todo sujeito que falar em brasiliade no Brasil. Principiando mesmo pelos amigos (quanta comida bôa esperdiçando aí em S. Paulo, hein?).

Pra inauguração do açougue o próprio Manuel Bandeira, apresentador da ótima carnadura Imbabai, carece ser — não digo comida porque assim perderíamos um dos nossos melhores comilões — porém mordido no cangote. E' uma "simpatia" canibal: sujeito mordido no cangote perde o gosto de falar da gente de sua tribo.

Pergunte ao sabio professor Laudelino Freire, da Revista da lingua portuguêsa e comida aproveitável até. Portém precisamos guarda-lo pra sexta feira da Paixão. Botaremos ele enfeitado de vermelho pro meio da rua (minas gerais) pra maior excitação dos instintos devorativos — porquê pela abstinencia enorme da Quaresma carne de cobra tem a gôsto de presunto.

Mas a melhor comida do mundo mesmo é a que te apresento hoje na pessoa do meu simpático Fabio Luz Pai. O meu amigo apesar de "crítico" é bem facil de ser pêgo.

Ficha de entrada pros compartimentos do talho:

— maio de 1928, chegada.
 — idade presumivel: 70 anos. Possivel: 40 e tantos.
 — côr: ?
 — obs.: não é muito gôrdo não, porém carne bôa e macia está ali.

Abaixo, carta de indentidade dèle apresentada por intermedio do Correio do Brasil de sete de maio de mil novecentos e vinte oito:

"A revivescencia de maus instictos jacobinos; a hyperesthesia patriotica; a pretenção de crear uma literatura brasileira, inteiramente á parte, sem influencia estrangeira, sem relações com as literaturas de outros paizes: a tal brasiliade, não passam de volta ao antigo, modificación do indianismo que dominou o romanismo no Brasil. E' em tudo o balbucio infantil, eivado de todos os plebeismos em uso nas diversas regiões do paiz, com todos os erros grammaticaes commettidos pelas creanças.

"Timbram os futuristas — modernistas em ser imperfeitos e defectivos na expressão, imperfeitos e negativos nas concepções, sempre simplistas e muito menos interessantes do que os absurdos symbolistas, impressionistas e illuminados, pois são sempre mais infantis e nem sequer pretendem dar côr ás vogaes.

"Julgam sua arte (?) a maior expressão dos phenomenos sociaes — e talvez a tenham como função social. Mas tudo nelles é "passadismo"; nada inovaram, nem reformaram".

"Sua arte se caracterizará pelos assumptos nacionaes preferidos; porém não pela forma barbara destes "poemas" (!) balbuciantes e pela prosa eivada de solecismos e barbarismos. O que vivifica é o espirito: a letra mata."

"O Brasil não pode fugir ao contacto dos povos mais civilizados e não pôde recusar a influencia das correntes literarias das outras terras." Etc.

Daqui a alguns ânos (antes que a gente comece a combater os brasiliatas — chefes disso que ninguêm entende mas chama de brasiliade, como vai fatalmente acontecer e não sei quem já lembrou isso até), é preciso não existir nem um desses idem entendidos pra remedio. E pra evitar trabalhos maiores precisamos desde já ir comendo essa gente toda, antes que ela nos devore.

Espere mais.

Currall cheinho que só vendo.

(CATAGUAZES)

CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE

LUIS DA CAMARA CASCUDO

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é principe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum cai-xote, lento e manso pelo rio. Seculo XVIII. Tem um rio e tem o mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco pharmacias. Bispado. Dois jornaes diarios. As mulheres votam. O Presidente guia automoveis e viaja de avião. O secretario mais velho roda os quarenta annos. Sal de Macau. Algodão do Seridó.

Cêra de carnaúba.

Couros. Assucar de quatro valles largos e verdes. Boiadao historico que em 1799 mandava desseis mil cabeças para Pernambuco. Instituto Historico. Escola Domestica numero um no Brasil. Aereo - Club - de - Natal com dois aviões e seis campos no sertão. Grupo-Escolar, grupo-escolar, grupo-escolar. Todo sertão se estorce no polvo das rodovias. O pneu amassa o chão vermelho dos comboios lerdos, langues, lindos. Poetas. Poetisas. Chronistas elegantes. Avenidas abertas para todos os ventos. Sem escuros. Nem buracões sorrentos de espanta-gury. Arvores apardinhinas estylo Nurem-

berg. Ruas calçadas, macias no escorregio das descidas. Raros-raros "mi dê umesmôla". Associações de caridade. Meia groza de grupos de Foot-Ball. Não ha Rotary-Club, nem Automovel-Club nem Street-Club. Radiomania.

— E' o que lhe digo. Péguei os cursos de propaganda do Hoover.

— O que está me dizendo?...

Morros, areias, orós, mangues, cirys e aratús grudados nas pedras. Pesca-ria em bote com terra encoberta. Tres botes destes foram ao Rio. Centros Operarios. Discursos relatorios. Bata-

lhão do Exercito. Item da Policia. Musica aos domingos nos jardins com auto-gyros perennes de soldados e creadas e vice-versa. Sorvete, pirolieto, folhadão. Uma livraria e duas casas de livros.

— Já chegou o ultimo livro de Ardel?

— Não senhora. Temos aqui agora o grande Marden.

Não ha revista nem Academia de Letras. Cidade pintada de sol com

Janeiro. Festa dos Santos-Reis. Congos com puitas e ganzás roucos e surdeadores.

“Acorda quem está dormindo na serena madrugada venhão ver o Rei de Congos general de nossa Armada”

Dezembro. Lapinhas e Pastoris com musicas de cem annos teimosos e recordadores.

“A remigio bate o gallo soltando a voz mavioza”

Bois. Bumba-Meu-Boi pedindo cinco dedos para riscar em papel aquellas toadas maravilhosas. Novembro. Festa da Padroeira. Irmandade dos Passos, solemnissima. Confederação Catholica. Escola de Commercio. Atheneu. Colégio Pedro II. Luar imponentemente romantico. Serenatas. Violões gementes assanhando pruridos nostálgicos.

“Neites nunca hei de ter como já tive na escuridão polar de teu cabello”

Bó-nito! Grog á frio. Magestic, Anaximandro, Cova da Onça. Riscos de navalha rombuda.

— Nem me fale! Pois este Jorge não escreveu dizendo que

dava a certidão do nascimento de Dom Antonio Felippe Camarão por cinco mil pés de laranjas da Bahia?

Avenida Tavares de Lyra. Cafés pro-sa estirada á café manhos.

— Gostei de seu artigo!

— Qual?...

— Homem, francamente... aquelle... eu sei que li... não estou bem lembrado... aquelle...

Bonds. Auto-Omnibus subindo. Prégões. Para oeste olhos compridos namorando possibilidades de chuveis. Por cima das casas zunzeiam, ronronantes e zonzos, motores roncando no caminho sem rastros dos aviões. (NATAL)



Desenho de ANTONIO GOMIDE — 1928

uma alegria de domingo. Jornaes do Rio. Politica. Sympathias furiosas aos Prestes Julio e Luis Carlos.

— Você vai ver a saíada de Minas...

— Nem pelêge...

Noticias de trinta horas, via aza do Laté. Sabbados monotonos com cinza triste de nada — fazer. Feijoadas heroicas. Pescaria de cóvo. A' noite, pesca de aratú com facho, nas praias longes de Areia Preta. Cajuieiros. Coqueiros. Mongubearas. Bailes do Natal-Club. “E' favor entregar esta sobre-carta na entrada.” “Toilette preta”.

UM POETA E UM HISTORIADOR

Canto do Brasileiro Augusto Frederico Schmidt — Rio de Janeiro — 1928.

No princípio parece uma reação contra o nosso romantismo (ainda o de hoje):

**Não quero mais o amor,
Nem mais quero cantar a minha terra.**

Não quero mais o Brasil

Mas no meio de repente rebenta um ritmo com onze pés que até lembra Gonçalves Dias:

**Depois no silencio da noite serena
Os homens pensavam nas lutas e guerras
Nas pescas e caças — que vida meu Deus!
Mas se tempestades tombavam medonhas
E raios riscavam o céo sempre azul
Que medos sombrios! Castigos medonhos!
Que medos tamanhos sentiam então!**

E no fim é a contrição:

**Meu Deus olhae para mim!
Meu Deus sou brasileiro!**

E' brasileiro. Seu lirismo é balan-

çado e preguiçoso. E' brasileiro. Vai se entregando ao desânimo. Até o dia em que endireita a cabeça e faz discurso bonito e bravo. Depois bate no peito. Está entregue de novo. Mas agora na mão de Deus que também é brasileiro.

E que gostosura em tudo isso. E que cantador bom é Augusto Frederico I, o Brasileiro.

Poema bêbado. Culpa da cachaça nacional que a inteligência do poeta distilou.

LUIS DA CAMARA CASCUDO — López do Paraguai — Natal — 1927.

Luis da Camara Cascudo quiz também intervir nessa nova Guerra do Paraguai (como disse alguém) ora aceita pelos exumadores entusiastas de um caudilho que já não tinha bom cheiro em vida. E entrou na luta com muita lealdade e bastante clareza. Disse o que queria dizer. E o que disse está certo.

Esse negócio de andarem endeuizando López se explica muito facilmente. E' a eterna história. O sujeito é ruim, não presta, vive brigando com toda a gente, acorda e dorme fazendo mal. Mas morre. Pronto. Em volta do caixão começam logo os comentários:

não era tão mau assim, uma noite recolheu na casa dele um cachorro doente, usava umas luvas tão bonitas e assim por diante. Depois quem é que não tem dó de um réu (ainda infame) quando responde a juri?

Em todo o caso não deixa de indignar a gente o facto de haver entre nós (sempre o maldito positivismo) quem para defender López procure diminuir o Brasil. O que o Império fez (exigindo a queda do caudilho como condição para a paz) agora em 1918 os aliados fizeram igualzinho. Veja-se o último capítulo do impressionante *Guilherme II* de Emil Ludwig. Principia assim: As cinco partes do mundo reclamavam o afastamento de um homem. Os próprios generais alemães (Hindenburg à frente) exigiam a abdicação do imperador por ser essa a única maneira de conseguir o armistício.

E ninguém gritou. Ninguém se lembrou de xingar a França ou a Inglaterra ou as cinco partes do mundo.

E preciso notar ainda que contra López o Brasil não agia sozinho: eram três a guerrear o bicho.

Por tudo isso o depoimento de Luis da Camara Cascudo nesse processo póstumo do paraguaio é dos que desafiam qualquer contestação honesta.

A. DE A. M.

ESTÃO NO PRELO:

Odilon Negrão — Poracê Tinguiresca (versos) — Curitiba

Octavio de Sá Barreto — Festa de nervos (versos) — Curitiba

Manuelito Ornellas — Rodeio de estrelas (versos) — Curitiba

ESTA' A' VENDA:

Oswald de Andrade — A estrella de absintho (romance) — São Paulo

Empreza Graphica Ltda.

Todo e qualquer serviço concernente á arte graphica. Trabalho rapido e artístico. Impressão de livros, talões, revistas, facturas, prospectos, folhetos, cartões, etc. Especialidade em trichromias. PREÇOS MODICOS.

RUA SANTO ANTONIO, 19 — Telep. 2-6560

SÃO PAULO

ROMANCE DO VELUDO

MARIO DE ANDRADE

Não sou folclorista não. Me parece mesmo que não sou nada na questão dos limites individuais, nem poeta. Sou mas é um individuo que quando sinão quando imagina sobre si mesmo e repara no ser gosado, morto de curiosidade por tudo o que faz mundo. Curiosidade cheia daquela simpatia que o poeta chamou de "quasi amor". Isso me permite ser multiplio e tenho até a impressão que: bom. Agora que principio examinar com o deficiente conhecimento meu, certos documentos folcloricos que arranjei, tenho mesmo

E a velhota desconfiada
De tão inocente santinha,
Resolveu ir vagarosa
Surpreende-la na cozinha.
(Refrão)

Ao chegar lá a velhota
Ficou toda admirada:
Nos braços do primo Joca
'Stava a moça recostada.
(Refrão)

Colhi este documento em Araraquara cantado por moças. Era coisa es-

ramente deformado e um refrão afro-brasileiro.

O texto é uma deformação de assunto europeu. A ideia de, se aproveitando dos fenomenos da natureza ou da vida, iludir na resposta a uma pergunta que desconfia dos nossos amores se satisfazendo, é antiquissima. Sei que vai pelo menos até à Idade Média. E se espalha tanto que a encontramos na Escandinavia, na Bretanha, na Italia, no sul da França, na Catalunha.

Em França temos as admiraveis ré-

Romance

M. L=69

- Ne-timba que estás fazendo ba-lada ahi na co-zin-ha? - 'Stou
fondo agua no fogo pra ca-fé, minha avozinha. - Ne zinha é viva-
qui todo sarapantado como gambá que caiu no melado! É viva aqui todo sarapan-
tado como gambá que caiu no melado!

que afirmar estas coisas verdadeiras. Não é humildade protocolar não. São coisas verdadeiras. Provam meu respeito pela sabença alheia e afirmam meus direitos de liberdade.

Eis o Romance do Veludo:

— Netinha, que estás fazendo
Calada aí na cozinha?
— Estou pondo agua no fogo
Pra café, minha avozinha.
— E vivo aqui todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado...

— Netinha, tu deste um beijo
Ou eu estar enganada?
— Vozinha, é o estalo da lenha
Que está no fogo molhada.
(Refrão)

— Netinha, tu não me negues,
Com quem estás conversando?
— Vozinha, é a chaleira
Que está no fogo chiando.
(Refrão)

— Netinha, que modo é esse!
Responde-me assim brejeira?
— Vozinha, eu me queimei, ai!
Nesta maldita chaleira.
(Refrão)

cutada na infancia, da boca dum palhaço preto que às vezes portava na cidade. Como chamava o palhaço não sabiam. Cresceram e nunca mais que o viram. De certo morreu.

Falo "de certo" porquê é muito possível que se trate do famoso palhaço Veludo. Si é o mesmo devia de estar velhusco pelo menos, quando as moças o escutaram nos primeiros anos d'este século. Porquê indagando indagando, sube que bem na Monarquia andou pelo estado um palhaço preto cantador, equilibrista, saltador, um faz-tudo muito apreciado, se chamanndo Veludo. Pelo menos é certo que este conhecia o refrão do Romance e o cantava no lundú bem espalhado, de que falarei no proximo número da Antropofaga. Ora como este lundú, tratando da vida do escravo, já não podia interessar muito os frequentadores de circo do seculo vinte, muito possivel que Veludo o tenha abandonado, intrometendo o refrão dele noutra cantiga se prestando a isso.

Mas do Veludo ou de outro palhaço preto, o Romance continua um documento literario-musical interessante do nosso populario. Se ajuntaram nele um texto tradicional português inteplicadas de Marion (H. Möller, "Fran-

zösische Volkslieder" ed. Schott, n.º 555) principiando assim:

- Qu'allais-tu faire à la fontaine?
Corbleu, Marion!
- J'étais allé quérir de l'eau,
Mon Dieu, mon ami!
- Mais qu'est-ce donc qui te parloit?
Corbleu, Marion!
- C'était la fille à not'voisine,
Mon Dieu, mon ami!
(etc.)

Um texto catalão (Grove's Dictionary) principia assim:

- Mare mia, mare mia, sento gran ruido.
- Ne son las cambreras que salten y riuhen (etc.)

Em Portugal a ideia aparece algumas feitas. Na "Dona Aldonça" (Th. Braga, "Romanceiro Geral Português" 2.ª ed. vol. I, pg. 389) a criança de pecado é disfarçada assim:

- Ai, dize-me, oh Valdivinos,
Que levas na aba da capa?
- Amendoadas verdes, meu tio,
Desejo de uma pejada. (etc.)

(Cont. na p. 6)

ORAÇÃO AO NEGRINHO DO PASTOREIO

AUGUSTO MEYER

(PORTO-ALEGRE)

Negrinho do Pastoreio,
venho acceder a velinha
que palpita em seu louvor.

A luz da vela me mostre
os caminhos do meu amor.

A luz da vela me mostre
onde está Nosso Senhor.

Eu quero ver outra luz
na luz da vela, Negrinho,
clarão santo, clarão grande
como a verdade e o caminho
na falação de Jesus.

Negrinho do Pastoreio,
diz que Você acha tudo
si a gente acceder um lume
de velinha em seu louvor.

Vou levando esta luzinha
treme-treme, protegida
contra o vento, contra a noite...
E' uma esperança queimando
na palma da minha mão.

Que não se apague este lume!

Ha sempre um novo clarão.
Quem espera acha o caminho
pela voz do coração.

Eu quero achar-me, Negrinho!
(Diz que Você acha tudo.)
Ando tão longe, perdido...
Eu quero achar-me Negrinho:
a luz da vela me mostre
o caminho do meu amor.

Negrinho, Você que achou
pela mão da sua Madrinha
os trinta tordilhos negros
e varou a noite toda
de vela accesa na mão,
(piava a coruja rouca
no arrepiado escuridão,
manházinha, a estrella d'alva
na voz do gallo cantava,
mas quando a vela pingava,
cada pingo era um clarão)
Negrinho, Você que achou,
me leve á estrada batida
que vae dar no coração.

(Ah! os caminhos da vida
ninguem sabe onde é que estão.)

Negrinho, Você que foi
amarrado num palanque,
rebenqueado a sangue pelo
rebenque do seu patrão,
e depois foi enterrado
na cova de um fôrmigueiro
pra ser comido inteirinho
sem a luz da extrema-uncção,
se levantou saradinho,
se levantou inteirinho!
Seu riso ficou mais branco
de enxergar Nossa Senhora
com seu Filho pela mão!

Negrinho santo, Negrinho,
Negrinho do Pastoreio,
Você me ensine o caminho
pra chegar á devoção,
pra sangrar na Cruz bemdita
pelos cravos da Paixão.

Negrinho santo, Negrinho,
quero aprender a não ser!
Quero ser como a semente
na falação de Jesus,
semente que só vivia
e dava fruto enterrada,
apodrecendo no chão!

ROMANCE DO VELUDO

(Cont. da pag. 5)

A ideia volta no romance do Frei João. Na versão de Pedro F. Tomás ("Velhas Canções e Romances Populares", Coimbra, 1913, pg. 51) a mulher secunda pro amante que não pode abrir a porta porquê tem "o menino ao colo" e o "marido à ilharga". Este acorda porém e o texto corre:

— Quem é esse, mulher minha,
A quem da-las tuas falas?
— E' a moça a perguntar
Si cozia si amassava. (etc.)

Frei João infelizmente veio namorar também as cunhãs do Brasil. A intimidade foi tamanha que elas até botaram nele o diminutivo dengoso de Frei Joanico, numa das versões que Pereira da Costa dá no "Folclore Pernambucano". (pg. 326).

O mais desagradável pra mim é que não acho nos meus livros o romance português donde saiu o do Veludo. Deixo isso pra quem tiver mais livros e mais conhecimentos. Na certa que existe lá pois que Eugenio de Castro o parafraseou lindamente do Romance que vem em "Silva":

— Quem é que anda abrindo portas,
Filha, aqui ao pé de mim?
— Senhora mäi, é o vento
Que abre as portas do jardim. (etc.)

Entre os cleftas porém (Canti Populares Greci, N. Tommaseo, ed Sandron, pg. 123) a "Maria", violenta como era justo que fosse entre aqueles cangaceiros, se aproxima bem do nosso romance:

— Maria, ch'ha egli il tuo letto che schianta come canna?
— Mamma, una pulce m'ha morso al capezzolo della zinna.
— Matta, pulce non era, ma gli era un giovanelotto,
Era il giovane che t'ama, il giovane che ti piglierá.
— Mamma, non immalizire; mamma, noi prendere a male:
Il giovane che me ama, é lontano in terra straniera.

Quanto à música o Romance do Veludo é na estrofe um documento luso-brasileiro com base rítmica e melodica na habanera e no refrão é tradicionalmente reconhecido como afrobrasileiro. É delicioso. É bem familiar pros que sabem um bocado a música... brasileira do século dezenove.

A primeira frase da estrofe é curiosa. Possui um salto de quarta justa difícil de entoar. O natural era a terça menor pulando pro sol. De fato: Um dos temas espanhóis empregados por E. Lalo na "Sinfonia Espanhola" (1875) principia por uma frase que é exatamente a do nosso Romance como arabesco melódico. Também a frase inicial na estrofe do "Balancé" português, repete sem arsis o mesmo refrão. Ambos os documentos trazem o salto de terça menor porém. O fato é que as moças cantavam a quarta justa e essa dificuldade rebuscada que não sei, nem elas, si era do Veludo ou deles, apesar da tendência natural do curiosamente com a melódica brasileira das modinhas, tão torturada no geral.

Quanto à tercina que aparece no

12.º compasso, é realizada com um apressando, característico da música popular brasileira. O tempo fica na realidade diminuído da semicolcheia que devia de estar logicamente no 1.º som dele pra que o motivo rítmico do tempo anterior se repetisse. Esse apressando é um dos tiques curiosos e sistemáticos do nosso popular e ocorre até em danças. É uma subtileza rica da nossa música e proveio naturalmente do cacoete popular que, facilitado pela ignorância, leva os cantadores a diminuir o valor dos sons compridos difíceis de sustentar. Sistematizado no Brasil em elemento expressivo e correto, de certo foi a causa das antecipações sincopadas nos finais de frase, coisa vulgaríssima (coscos, martelos, emboladas, maxixes, sambas) e também ocorrente nos "Spirituais" e peças de jazz afro-iâncas. De fato: depois do apressando as moças faziam uma paradinha no ré imediato, de maneira que o movimento, prejudicado um instante, se normalizava outra vez.

O Romance do Veludo é um documento curioso da nossa mixordia étnica. Quer como literatura quer como música, dançam nele portugueses, africanos, espanhóis e já brasileiros, se amoldando com as circunstâncias do Brasil. Gosto muito desses cocteis. Por mais forte e indigesta que seja a mistura, os elementos que entram nela afinal são todos irumogueras e a droga é bem digerida pelo estomago brasileiro, acostumado com os chinfrins da pimenta, do tutú, do dendê, da caninha e outros palimpsestos que escondem a moleza nossa. Esta imagem sai completamente pretensiosa.

OS TRES SARGENTOS

(Episodio da revolução de 1924 em S. Paulo)

CAPITULO 1.

YAN DE ALMEIDA PRADO

O JARDIM PUBLICO

II

Algumas das mulheres provinham do Norte, de Pernambuco, Paraíba, e mais longe, desde o Ceará até o Maranhão. De certo ponto em diante escasseavam as negras. As poucas que aí restavam si viesssem a São Paulo encontrariam os parentes que no fim do Império os cearenses tinham vendido aos paulistas. Inversamente eram numerosas na Baía e Estados vizinhos, onde não existe morféa e os traços das pretinhas são delicados. Do Ceará havia o tipo branco puro, o caboclo de cabeça redonda e nuca chata, e o índio. Nos Estados imediatos pouco variava o caldeamento das duas raças, quasi não havia intervenção de terceira. Mais ao Norte ficavam os nestiços do índio, mais a Leste os do negro, em ambos se juntava o branco.

Algumas das raparigas tinham ido a pé do sertão natal à sede do Estado, de onde seguiam por mar ao Rio de Janeiro e daí eram atraídas pelas diversas cidades do Estado de São Paulo em que o súbito afluxo de homens determinava falta de mulheres. A maior escala no percurso era feita na rua da Cruz Branca, em seguimento da rua Martim Affonso, em Santos, que tinha sinificação de despedida da marinagem. O adeus por vezes custava, porque vinha de longe o convívio, desde o embarque no Ceará, Cabedelo, Recife, Maceió, Baía, que insensivelmente as tinha familiarizado com os marítimos da viagem e dos portos.

Nem todas, depois de estarem em São Paulo, frequentavam o Jardim Público. Algumas só raramente lá iam, transpondo os portões quando impelidas por curiosidade ou ciumes; porém estas eram as mais apegadas aos fusos de sanfona, violão, cachaca e soldados.

As raparigas claras tinham vindo dos grandes centros, ou das aldeias europeias do Sul do país, do Paraná, de São Catarina, do Rio Grande. Em-

barcavam com as famílias em Porto Alegre, Itajaí, São Francisco, Florianópolis, Paranaguá, destinando-se ao emprego nas casas burguesas da cidade. Formavam a camada superior do mulherio, em virtude do seu estado de civilização mais adeantado e também porque rapariga branca e nova era título de ufanía para o amasio. Havia algumas que usavam chapéu nos baiules dominicaes do Jardim de Aclimação: eram as que vinham dos grandes centros. As outras, mais modestas, que mal sabiam português, não perdiam a música do Jardim Público; eram as descendentes de poloneses, alemães e vênitos, que no Sul vivem insulados entre si como os antigos aborigens do lugar. Apezar de duplamente privilegiadas, as primeiras prezavam militares, sem exceção de mulatos e negros. Em compensação, homens ruivos, agigantados, com cattinga peor do que a dos pretos, falando línguas arrevezadas, percorriam o Jardim atrás de crioulas. Eram os maiores rivaes das praças de pré, com que os quarteis vizinhos abasteciam o lugar de caçadores de mulheres.

Na multidão a passear à roda do coreto, viam-se amostras de todas as nacionalidades do mundo que em proporção crescente tinham afluído à cidade depois da grande guerra, alemães enxotados pela ocupação militar do Ruhr, imigrantes menos desejáveis, russos do exército branco de Wrangel, aportados após sofrerem tifo na Criméa, colera em Constantinopla, finalmente em Santos, daí seguindo para a Noroeste do Estado onde se iam tornar maleitosos. Também daí chegavam aos milhares na esteira dos russos, os antigos protegidos gente dos Bálcãs e adjacências, rumenos com trajes bordados e perfis angulosos, servios, croatas, búlgaros, gregos, acompanhados dos antigos opressores, turcos, austriacos, dalmatas, ungares de cabeça rapada e bigode à Carlito. To-

dos trilhavam o mesmo caminho para o Interior, depois vinham ter de volta à cidade, sendo substituídos na roça pelos brasileiros que chegavam dos outros Estados. Era um vai e vem continuo, sempre repetido, sem parar sem descanso.

O Jardim às quintas e domingos quando tocava a banda, era o ponto preferido por aquela multidão para espalhacer. Enchiam-se as alamedas com os moradores dos bairros operários, letões, norte-americanos, centro-americanos, platinos, que se acotovelavam com raças indefiníveis, judeus da Alsácia, Transilvânia, Polônia, Galícia, Síria, Palestina. Havia raças turbulentas, montanhezes albaneses, montenegrinos, bessarabios, persas. Havia também raças que ainda estão escravizadas, libaneses, arménios, vilnenses, tirolezes, que no parque se divertiam em definitivo sozinho. O mesmo faziam trânsfugas do próximo e longínquo oriente, fugidos de regiões onde ainda existem parias.

Ali o brasileiro nem sempre é maioria e o paulista é raridade.

Entre a gente de cônjuges que passeava havia muitos vindos de longe, pretos de Barbados, mulatos perigosos de Cabo Verde, indús dos grandes portos da Índia Inglesa, africanos que viajam pelos mares nas carvoarias dos navios.

Os que tinham chegado por último, se misturavam sem se mesclarem com estrangeiros aclimados, os de todas as províncias da Itália, Portugal e da Espanha, já confundidos com o lugar. Reprovavam os mais antigos a vinda dos outros, sentiam-se espoliados, e o mosaico que todos perfaziam sob as árvores parte nacionais parte exóticas do Jardim, refletia na noite morna toda a ambição, cobiça e miseria da Terra.

(Continua)

BRASILIANA

IV

CATECÚMENOS

Anúncio publicado no *Estado de S. Paulo*, n. de 24-6-28:
 "Em S. José do Alegrete, distrito do Município de Pedra Branca, Sul do Estado de Minas Gerais, logar aprazível, tendo um clima óptimo, com excelente água potável, boa iluminação elétrica, farmácia, casa parochial, povo civilizado e ordeiro, precisa-se de um padre, havendo para esse f. m. ordem de sua Reverendíssima o Sr. Bispo de Campanha.

Além de todas essas comodidades, o padre que desejar vir para essa terra, terá uma subvenção por parte dos seus parochianos.

As demais informações devem ser pedidas ao Sr. Cel. Deolindo Daniel de Carvalho, que também fará todas as despesas de viagem e mesmo as de regresso, caso o vigário não deseje permanecer no logar."

VOCAÇÃO HEREDITÁRIA

De um artigo da *Gazeta dos Tribunaes* do Rio de Janeiro, n. de 5-6-28:

"Filho de um grande médico, a ninguém surpreendeu os pendores que bem cedo o dr. Pedro Paulo revelou pela nobre profissão paterna. Dir-se-ia que sugará, ainda no berço, com o leite materno, o entrânado amor a esse incomparável sacerdócio que tanto havia de nobilitar e engrandecer."

SOCIOLOGIA

De um discurso do dr. Granadeiro Junior proferido na Escola de Comércio de Taubaté (Est. de S. Paulo) em 1926:

"Fazendo praça de faculdades aprehensoras, que só o estudo meticoloso da Biologia, como cúpula dos conhecimentos nos outorga, não é sem desgosto que assisto ao seu transporte para o domínio das ciências transcendentes. Não é sem um protesto que ouço a impropriedade da frase: o indivíduo é célula no organismo social. Nada mais improprio como alcance; 1.º porque o indivíduo, no caso, é "Homo sapiens" e este é um agregado de indivíduos que são as células; "porção autónoma de protoplasma"; — 2.º porque si a referência se fizesse à célula, a sociedade seria o indivíduo. Admitto que esteja eu em erro, mas, convenho que sou desassombrado confessando a feição da minha visão, e, talvez por ser visão um substantivo feminino, é quasi certo se deleitará em alterar o visado para seu eterno sentimento: — a contradição."

ORADOR EM MEDICINA

Trecho final de um discurso do dr. Abreu Fialho, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, publicado na *Folha Acadêmica* de 16-2-28:

"No salgueiro que lhe ha de cobrir a quieta pousada pendurarei a minha regaçada de roxiscuras saudades, e diante da sua tumba pedirei a Deus que vele pela sua alma e o tenha em paz e réquie!"

SOCIEDADE

Da *Gazeta do Sergipe*, de Aracaju, n. de 12-7-28:
 "MADAME BRANDÃO — Deu-nos hontem o prazer de sua visita a exma. Madame Brandão, cartomante, presentemente nesta capital no exercício da sua profissão.

Agradecendo a visita da distinta senhora, desejamos-lhe feliz permanência nesta capital."

BALCÃO

LIVROS A' VENDA :

Na *Livraria Universal* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

- S. Leopoldo — *Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
- Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *Livraria Gazeau* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

- *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
- *Panorama* — 17 vs. enc.
- *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
- Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
- Innocencio F. da Silva — *Diccionario Bibliographico* — 19 vs. enc.
- F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.
- Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela *Livraria Universal*:

- Roquette Pinto — *Rondonia*.
- Ruy Barbosa — *Replica*.
- Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
- *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

- Manoel Calado — *Valeroso Lucideno*.
- Duarte de Albuquerque Coelho — *Memorias Diarias*.
- Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

Assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA
custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

PACTO DO DIA

Responsável por este restaurante antropófago venho hoje oferecer ás queixadas catedicúmenas uma comida de arromba:

— Salta o pacto de Kellog com mólho de hipocrisia norte-americana!

Pois os senhores já viram imbecilidade mais revoltante?

Reunem-se em grave assemblea os conhecidos bandoleiros Janjão Taco, Neco Facão, Prazer das Morenas e Totó Sururú. E que é que resolvem? Declarar o assassinio e o roubo fôra da lei. E o mundo inteiro aplaude o pacto solene.

O norte-americano que inventou essa obra-prima de cinismo e falsidade é o mesmíssimo norte-americano que intervém na Nicarágua e aumenta todos os dias a sua força guerreira. E a Europa que nessa obra-prima colaborou é a mesmíssima Europa que trucida chineses e africanos e vive há muito tempo lavando a sua roupa ensanguentada em publico.

O Brasil foi convidado para aderir a essa pouca-vergonha. Mas antes de pôr o seu jamegão no pacto deve perguntar aos pandegós se só agora descobriram que a guerra é uma infamia. E se quizer participar da pagodeira que vá até Paris munido de máscara contra gazes asfixiantes. Com gente de tal ordem toda a precaução é insuficiente.

Quanto a nós, deglutido o pacto de Kellog, atacaremos a pombinha da paz.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

NOTURNO DA RUA DA LAPA

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, porém o que entrava era o vento dos luanpanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas ciclodais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que fazia: se meditava, se morria de espanto, ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! porquê precisamente nesse momento?) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacável, implacável!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo tambem não adeantava. — A bomba de flit! pensei comigo. E' um insecto.

Quando o jacto fumigatorio partiu, nada mudou em mim, os sinos da redenção continuaram em silencio, nenhuma porta se abriu, nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR. Sentí que ele não morreria nunca mais, nem sairia, enquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minh'alma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora.

MANUEL BANDEIRA

**“ESTA TERRA E’ NOSSA EMPRESA,
E O MAIS GENTIO DO MUNDO.”**

MANOEL DA NOBREGA

POEMA BRASILEIRO N. 2**DESLUMBRAMENTO**

(do Meia-pataca)

ao Mario de Andrade

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.
Morena batuta
segura essas frutas
segura que cãem.

Meus olhos cobiçam
delícias assim
que a fome chegou.
Meus olhos cobiçam.
E doidos nem vêm
que são temporans.

Morena batuta
de seios de fruta
novinha que dóe.

(CATAGUAZES)

GUILHERMINO CESAR.

Eram doze touros novos que vinham vindo
de longes pastos separados — aboiados
por treis negros vaqueiros amontados
em velhos pungas desengonçados.

E eram doze novilhas — já no ponto — viciadas,
ha muito tempo separadas
em outras pastagens afastadas,
e, agora, na Fazenda, encurraladas.

Os doze touros novos vinham vindo,
— com ruidoso estrépito —
as palpebras caídas sobre os olhos túmidos,
em urros bravios e mugidos tétricos,
ora afundando os chifres grossos nos barrancos
húmidos,
ora erguendo, no alto, nuvens espessas pela estrada
poenta.

E quando a porteira do curral se abriu,
e aqueles doze touros, numa furia, se confundiram
com as doze novilhas viciadas,
os vaqueiros, num impeto, se acoraram no velho
côcho da Fazenda em ruínas,
pra gozar a testança da boiada.

(CATAGUASES)

HENRIQUE DE REZENDE.

JA' SAIRAM:**Macunaíma**

de Mario de Andrade —

7\$000 — pedidos para rua Lopes Chaves
n. 108 — SÃO PAULO

e

Laranja da China

de António de Alcântara Machado —

6\$000 — pedidos

para Caixa Postal n. 1269 —

SÃO PAULO**PETROPOLIS**

Cidadesinha do monumento de Pedro o Imperador
Cidadesinha férias
e "Frigidaire"

O verão alegre e fresco
banha-se no Piabanga
e enxuga-se na sombra do arvoredo
Cubos brancos e de tons vivos

dão vivas
ao quadrado azul do céo
No ar ha gorgelos maduros
d'aqui

da pontinha
Villas de cariocas neurasthenicas
com grammados pensativos
e hortensias

hortensias
recolhem-se silenciosas
hortensias toda a vida
e repousam

Carruagens estremecem apavoradas
sobre as pontes de madeira trovejantes

A paysagem abacate
faz um esforço banbanban para se parecer
com os quadros de Baptista da Costa
(RIO DE JANEIRO)

ALBERTO DEZON

SCHEMA AO TRISTÃO DE ATHAYDE

Oswald de Andrade

Saberá você que pelo desenvolvimento lógico de minha pesquiza, o Brasil é um grilo de seis milhões de quilometros, talhado em Tordesilhas. Pelo que ainda o instinto antropofágico de nosso povo se prolonga até a secção livre dos jornaes, ficando bem como symbolo de uma consciencia jurídica nativa de um lado a lei das doze taboas sobre uma caravella e do outro uma banana. Da mesma maneira nós todos com o padre Cicero à frente somos católicos romanos. Romanos por causa do centurião das procissões. Não foi inutil vermos de olhos de crença a via-lactea das semanas santas empareladas com o soldado e a legião, atraç da cruz. O Christianismo absorvemol-o. Se não! Trazia dois graves argumentos. Jesus filho do totém e da tribo. O maior tranco da historia no patriarcado! Chamar São José de patriarca é ironia. O patriarcado erigido pelo catolicismo com o espírito-santo como totém, a annunciação etc. Dona Sebastiana vae pular de gana! Mas o facto é que ha tambem a antropofagia trazida em pessoa na comunhão. Este é o meu corpo, *Hoc est corpus meum*. O Brasil indio não podia deixar de adoptar um deus filio só da mãe que, atém disso, satisfazia plenamente gutas atavicas. Católicos românicos.

O facto do grilo historico, (onde sahirá, revendo-se o nomadismo anterior, a veridica legislação patria) afirma como pedra do direito antropofágico o seguinte: A POSSE CONTRA A PROPRIEDADE. Como prova humana de que isso está certo é que nunca houve duvida sobre a legitima acclamação de Casanova (a posse) contra Menelau (a propriedade). Isso nos Estados Unidos foi significado ainda ultimamente pela defesa de Rodolpho Valentino, produzida pela gravidade de Mencken. Tinha muito mais razão de ganhar dinheiro do que os sabios que vivem analysando escarros e tirando botões dos narizes dos bebês. Muito mais! Porque afinal é preciso se pescar a onda de gozo romântico que elle despejou sobre os milhões de vidas das senhoras dos caixas e dos burocratas. Isso é que é importante.

No Brasil chegámos á maravilha de crear o DIREITO COSTUMEIRO ANTI-TRADICIONAL. E quando a gente

fala que o divoreio existe em Portugal desde 1910, respondem: — aqui não é preciso tratar dessas cogitações porque tem um juiz em Piracicabassu que annulla tudo quanto é casamento ruim. E' só ir lá. Ou então, o Uruguay! Prompto! A Russia pôde ter equiparado a ramília natural á legal e suprimido a herança. Nós já fizemos tudo isso. Filho de padre só tem dado sorte entre nós. E quanto á herança, os filhos põem mesmo fóra!

Ora, o que para mim, estraga o. Ocidente, é a placenta jurídica em que se envolve o homem desde o acto de amor que, alias, nada tem que ver com a concepção. Filhos do totém! Do Espírito Santo! Isto sim! Como aqui! Viva o Brasil!

Mas vamos a factos. Sahiram dois livros puramente antropotágicos. Mario escreveu a nossa Odyssea e creou dumta tacapada o heroe cyclico e por cincuenta annos o idioma poético nacional. Antonio de Alcantara Machado deu uma coisa tão gostosa e profunda como a secção livre do Estado.

NOTA —

A secção livre do Estado é o campo onde se debatem com tesouras D. Chiquinha Dell'Osso e D. Maria F. Brandão. A Grecia tinha as suas escolas de philosophia. Nós temos as de corte.

Ha homens, meu caro, no Brasil novo. Acabo de conhecer Edgard Sanches, lente de philosophia do direito na Faculdade da Bahia. Um homem fecundante. E estupende. Outros são a mocidade de Martinelli e Outros Arranha Céos. Daqui! Eduardo Pellegrini, Paulo Mendes e Americo Portugal. E Raul Bopp? E' um colosso! A elle devo immenso! A rede telegraphica mais possante da verdade brasileira. Eis um trecho de carta sua a propósito da fundação que ora tentamos de um Club de Antropofagia e de uma grande festa que proponho para a vespresa de 12 de Outubro. E' uma carta a Jurandyr Manfredini, de Curitiba, publicada a 2 de Setembro na Gazeta do Povo, dali. Depois de detalhar os argumentos do grilo — base do direito patrio e il-o que diz:

"Comemos o resto do Territorio.

Ahi está a lição do nosso Direito. Devenimos nos plasmar nessas origens historicas.

Revisão da religião. O nosso povo tem um temperamento supersticioso, religioso. Não contrariemos. Vamos crear a santoral brasileira: Nossa Senhora das Cobras, Santo Antonio das Moças Tristes, tudo isso... Admitir a macumba e a missa do gallo. Tudo no fundo é a mesma cousa. O instinto acima de tudo. O indio como expressão maxima. Educação de selva. Sensibilidade aprendendo com a terra. O Amor natural fóra da civilização, apparatusa e polpuda. Indio simples: instinctivo. (Só comia o forte).

E' a communhão adoptada por todas as religiões. O indio commungava a carne viva, real. O catolicismo insitituio a mesma cousa, porém acovardou-se, mascarando o nosso symbolo. Veja só que vigor: -- Lá vem a nossa comida pulando! E a "comida" dizia: come essa carne porque vae sentir nella o gosto do sanguê dos teus antepassados.

(Só comiam os fortes). Hans Staden salvou-se porque chorou. O club de Anthropophagia quer agregar todos os elementos sérios. Precisamos rever tudo — o idioma, o direito de propriedade, a familia, a necessidade do divoreio —, escrever como se fala, sinceridade maxima.

(O macunaima é a maior obra nacional. Você precisa lêr. Macunaima em estado de ebólition. Depois isso cõa-se. Toma festim moderado, com saldo a favor). Vamos fazer um levantamento topographico da moral brasileira, a funda sexualidade do nosso povo. Vamos rever a história, daqui e da Europa. Festejar o dia 11 de Outubro, o ultimo dia da America livre, pura, descolonizada, encantada e bravia".

Quanto ao equivoco de se pensar que eu quero é a fanga, afirmo e provarei que todo progresso real humano é patrimonio do homem antropofágico (Galileu, Fulton etc.). De resto, Bernard Shaw já disse: Está mais proximo do homem natural quem come caviar com gosto de que quem se abstém de alcool por principio. E' isso!

UM POETA E UM PROSADOR

**MANUEL DE ABREU —
Substância — Rio de Janeiro — 1928.**

Uma das poesias podia dar o título ao livro: *Are you ready?* Porque *Substância* é um jogo de tênis entre autor e leitor. As bolas vêm violentamente, sem parar, num bate-pula danado. Nem tempo para respirar a gente tem.

Tudo é mais ou menos deste geito:

**Sinto em mim uma Cidade
jardins
lirismo da minha
raça os arranha-céus da ilusão
piscam
na via-lactea das vidraças
arrabaldes
debalde!**

E tomem bola.

Nesse fogo e nesse arrojo não é difícil descobrir talento e sensibilidade.

A poesia de Manuel de Abreu não possui colorido brasileiro algum. É internacional. Europeia talvez seja mais certo. Causa que hoje em dia é entre nós constitue originalidade. E quem sabe qualidade. Porque afinal de contas sempre é melhor tomar um expresso-internacional do que o mixto de São Pedro do Cariri. Leva onde se queira. Inclusive à própria terra em que a gente nasceu.

**MARIO DE ANDRADE —
Macunaíma — São Paulo —
1928.**

A's vezes a gente em literatura pede

a Deus que apareça um livro bom só para poder dizer aos autores de livros maus: Assim é que vocês deviam ter feito.

Macunaíma tem esses dois valores: é um livro bom (não sei se já repararam na força que há nessa palavra: parece um tiro de canhão) e é um livro oportuno. E' o bem oportuno portanto. Chegou na hora. Veio pôr no seu devido pé a famigerada brasiliadezinha da qual correm suados e errados desde muitos anos os escritores dêsse Brasil tão imenso mas tão arraial aínda.

Há que tempo Machado de Assis dizia por outras palavras que ser escritor brasileiro não é tão simplesmente cantar o índio e bolar numa paisagem ipê em flor. O Brasil não é isso só. Ou melhor: o Brasil não é isso. Qualquer estrangeiro é capaz de fazer um romance muito bem feitinho com personagens dessa terra movendo-se nesta terra. Agora o romance da terra só um brasileiro pode escrever. E há de escrever passando além do visível e do palpável. Não se contentar com aquilo que a terra oferece e mete pelos olhos da gente a dentro. Mas sofrer o sofrimento da terra, gozar o gôzo da terra, rir o riso da terra, viver a vida da terra.

Só este refrão de Macunaíma — Ai! que preguiça!... — vale como brasiliadezinha mais do que todas as ruazinhas de arrabalde, todos os tutus de feijão, morenas de chita e tal que enchem os versos dos nossos curumins contemporâneos.

Paulo Prado em conversa costuma caçoar dessa mania que muito novo (ou pretendente a tal) tem de gritar esmurrando o peito: Eu sou brasileiro! Eu sou brasileiro! Eu é que sou o verdadeiro brasileiro! Burrice, moço. Se você é brasileiro não precisa gritar que é: a gente vê logo.

Mario de Andrade é dos que não gritam nem fazem questão de parecer. Pois ele é ainda que não queira.

Macunaíma tem tanta moleza, tanta senvergonhice, tanta basófia bem-nascidas e talvez só nossas que dá vontade da gente se estirar nas páginas dele como numa rede e balanço vai balanço vem se abandonar e se esquecer naquela gostosura.

Rapsódia nacional (com o r bem rogado) de lendas, de anedotas, de cheiros de tudo. A língua então é a mais poética possível. Parece uma música. O violão sempre acompanhando.

E o mais bonito é que Mario se mostra inteirinho no livro (o que acontece em todos os que publica aliás). Poucas vezes tenho visto tamanha falta de respeito humano. Há páginas em que a gente se contém para não disparar com o autor: Saia daí, diabo. Como ele mesmo fêz no *Amar*, verbo intransitivo.

Percebe-se claramente que Mario ama o herói a tal ponto que quer ser o herói. Mas é bom que a gente o desiluda. Mario é um pedacinho do herói. O herói somos nós todos juntos. Até eu, porque não?

A. DE A. M.

LEIAM :

Augusto Meyer —

GIRALUZ (versos)

Manuel de Abreu —

SUBSTANCIA (versos)

B R E V E :

Menotti del Picchia —

E. U. DO BRASIL (versos)

F. T. Peixoto e Guilhermino Cesar —

MEIA - PATACA (versos)

C A E T È S

Esta é de um sabio que cultiva em S. Paulo a sciencia e a blague:

— Pedirei, com devoção, ao Senhor de Bonfim, Santo bahiano que realizou o milagre de nunca fazer um discurso, que resuscite os caetês, porque assim como devoraram o bispo Sardinha, que construiu a memorável igreja que agora se quer destruir na Bahia, devorem o sr. Arcebispo, que a quer botar abaixo...

Talvez os caetês — illuminados! — comeram Sardinha por ter erguido a santa igreja. Previam a heresia 1928 do antistrite. Sabios videntes os nossos paes de tanga!

LUNDU' DO ESCRAVO

MARIO DE ANDRADE

Tendo colhido aquele Romance que dei notícia no último número desta "Antropofaga", como falei, sube da existência do palhaço preto Veludo. Pelas coincidências dele ter portado muita feita em Araraquara, ser preto e as moças guardarem o Romance da boca dum palhaço preto de Araraquara mesmo, achei que de certo o Veludo é que cantava o documento.

Sei com firmeza mas é só que esse palhaço tirava um lundu em que vinha o refrão do Romance, com variante mirim:

"Eu fiquei todo sarapantado
Como gambá que caiu no melado".

Mais outra senhora de Araraquara mais uma estrofe também. E foi da memória dela que Veludo renasceu com as macaques nome cor e tudo.

Finalmente minha felicidade me levou pra um senhor velhudo já, com memória de genipapo indelevel, voz musical e bondade como ninguem. Este senhor foi praceano aqui da capital toda a vida e ali por 1876 vasava as energias de curumim frequentando o circo da companhia Casali que parava sempre meses no largo de S. Bento. Depois o menino tomava sorvetes na confeitoria perto. Pois nessa companhia é que estava o Antoninho Correia, palhaço brasileiro de cor bran-

III (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai cortá as tuas unha
Que tu tá para casá,

E eu fiquei todo contentado
Como gambá que saiu do laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de casá!

IV (Minas, D. Alexina de M. Pinto)

Quando meu sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;

Lundu do Escravo

Recitando
(M 672)

Quando mia sinhô me disse: — Pai Francisco, venha cá! Vai chama'
metrificando (M 100)
sua feito, que tu tá para apanhá. Eu fiquei todo espartarado como ungam-
(M 6716)
bá que caiu no laço seu bem me dizia, seu bem me dizia, seu bem me di-
zia que havia de pagá!

Esse lundu é bem da nossa tradição pelo menos no Brasil central. Dona Alexina de Magalhães Pinto ("Cantigas das Crianças e do Povo", ed. Alves, pg. 82) dá uma variante da música em que também o refrão se modifica assim:

"Iô ficou todo espartarado
Como um pintinho que caiu no melado".

(Também a versão de S. Paulo capital, que vem adiante conserva "espartarado").

Das estrofes da que chama "cantiga de palhaço" dona Alexina de Magalhães Pinto dá só uma.

Um senhor de Araraquara, junto com outra estrofe me restabeleceu o refrão em fala mais tipica:

"E iô ficô todo assarapantado
Como gambá que caiu na raçada".

("Raçada" com r brando é laçada).
Outro senhor do Tietê trouxe pra mim mais uma estrofe, escutada lá.

ca. Se pintava de preto e tirava também o lundu. E pude ajudar mais uma estrofe e a versão musical completa que vai aqui junto. Com mais outra estrofe me dadô por uma senhora de S. Paulo, reuno um Lundu do Escravo, já bem satisfatório no tamanho. Assim:

I (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pá (i) Francisco, venha cá;
Vá lá na sanzalaria
Zicuiéra (recolher) us criurinho.

Eu fiquei todo espartarado
Como gambá que caiu no laço!
Seu bem me dizia (ter)
Que eu havia de pagá!

II (S. Paulo)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai chamá sua feito
Que tu tá para apanhá,
(Refrão)

Vá lavá tua zipé
Que tu tá pra te casá,
(Refrão)

V (Araraquara)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai lá na sanzalaria
Que tu tá para easá,
(Refrão)

VI (Tietê)

Quando mia sinhô me disse:
— Pai Francisco, venha cá;
Vai buscá papé e tinta,
Pra você se escrevinhá,
(Refrão)

Como estão vendo, os passos principais da vida do escravo vêm ai todos. (Aliás a última estrofe interpretei por mim como alforria). Trabucou, recolheu os criolinhos, levou bacalhau que não foi vida mas porém na sanzalaria se arregalou tirando uma linha com as boas, lavou o pé, cortou unha, casou, casou, casou! Casou por

(Cont. na p. 6)

Um pedaço do meu poema A VOZ TRISTE DA TERRA

Eu devia ter ficado
perdido nos meus terrores

Não me deviam ter dito
os nomes das coisas bonitas
que os barcos trouxeram de longe
nem a natureza de tudo o que eu via.
Deviam ter deixado que eu adivinhasse...
Eu adivinharia!

E nera me ensinaram a amar
as coisas tão simples e puras
que eu tinha na terra.
E deram-me uma alma
mais velha e mais triste que a minha!
E eu que era menino
dei para pensar
e envelheci esquecido de mim mesmo.

Agora é que eu vejo que não vivi
que estou entre coisas immensas e bellas
que a terra desprene um aroma excitante.
Agora é que eu vejo que ha vida
em torno de mim.
E eu sinto em desejo febril de viver.

Agora é que eu quero
a alma ingenua que a terra me deu
pra sentir pra gozar isto tudo
isto tudo que vejo juntinho de mim.

Voltar! Mas agora que eu devo ir buscar
a alma forte
a alma pura
a alma simples de outrora
agora meu Deus eu não posso voltar!

Os rumos são outros.
Não sei pra que lado ficou meu passado.
Já nem sei como andar.
Me perco no tempo.
Me perco no espaço.
E soffro esta angustia sem fim de ficar!
E ha tantos caminhos que fogem chamando!

Mas agora meu Deus é impossivel voltar!

(PARAHYBA)

PERYLLO DOLIVEIRA

LUNDU' DO ESCRAVO

(Cont. da p. 5)

tres estrofes dando tempo prá velhice chegar. Pois então depois dum quarta-feira em que geou na cabeça dele Francisco virou Pai Francisco e o dono o alforriou. E essa vida os palhaços eternisavam no circo pra divertir filho de branco. "Fio dim baranco" os Pais Franciscos falavam...

("Quando iô tava na minha terra
Iô chamava capitão,
Chega na terra dim baranco
Iô me chama Pai João")
(“Canções Populares do Brasil”, Brito Mendes.)

Na versão musical que registro parece ter junção de música diferentes ou pelo menos acrescentamento de parte. Com efeito nem dona Alexina de Magalhães Pinto nem ninguem, a não ser o menino que comia sorvete espetaculo acabado, conhecia o distico:

"Seu bem me dizia
Que eu havia de pagá (ou, casá)".

Porém essa parte, falando musicalmente, não discrepa do resto do refrão e parece de origem africana também.

A reunião de documentos musicais distintos é muito comum no populario brasileiro. Pode ser tendência nossa pra... engrandecer as coisas... Ah, rapazes! vocês nunca não verão país nenhum talequal o nosso!... Exemplo tipico desse engrandecimento foi no nordeste (Silvio Romero) a mania de finalizar qualquer chegança ou reisando com a representação de Bumba-

meu-Boi, embora discrepando do assunto anterior. (O que aliás concorda com a arquitetura da trilogia grega terminando com uma comédia.) No meu proximo “Ensaio sobre Música Brasileira” dou uma versão paulista do “Sapo Cururú” em que o texto e a música têm acrescidos dum refrão mas discrepante por completo. Nas rodas infantis brasileiras é comum esse processo de encompridár a cantiga pela junção de várias rodas.

A forma musical da Suite é positivamente uma das preferidas pela nossa gente. Está nos fandangos de Cananeia, se manifesta no Congado, no Maracatú, no Samba-do-Matuto, no Boi-Bumbá, no Pastoril, etc. Essa tendência foi em parte, me parece, o que impedia maior generalização dos documentos musicais pelo país. As peças eram compridas por demais pra ser facil a transmissão oral de texto e música. Si essas danças por serem dramaticas e por isso com entrecho mais ou menos obrigado, forçavam a que no texto se desse apenas variantes dum modelo inicial, ficou hábito cantarem êle com música nova, inventada no lugar. Lá no norte onde principalmente o Bumba-meu-Boi é representado todo ano (no nordeste pelo Natal, na Amazonia pelo S. João) a música muda de cidade pra cidade, de engenho pra engenho até. Em certos lugares como em Belém com o Boi-Bumbá e no Recife com o Maracatú a música muda de ano pra ano, pelo que me informaram. Não digo que seja bem nem mal isso porém levou o pessoal prá utilização de foxtrotes e maxixes importados, o que pode aca-

chapar a invenção dêste povo preguiçoso.

Quanto especialmente ao documento que revelo hoje, o principal valor crítico dele está na liberdade ritmica da estrofe cantada. Si não botei compasso pra ela foi pra caracterizar mais isso. O primeiro verso vai bem batido no ritmo e no tempo. Os outros tres vão com uma liberdade prosódica, um rubato de expressão oratoria, impossível da gente registrar com os valores da grafia musical tão deficiente. Me parece que os nossos compositores deviam de estudar mais essa tendência pro recitativo de expressão prosódica e pro ritmo livre de muito documento popular brasileiro. Porquê na composição artística, os que estão inventando já dentro da especie brasileira, permanecem por demais dentro da forma quadrada. Isso dá prá obra deles uma essência de pasticho muito! Do mesmo jeito que, dos nossos romances tradicionais a poesia artística poude tirar uma liberdade estrofica em que a gente fica bem comodo (foi a solução de Catulo Cearense; ver também a “Oração ao Negrinho do Pastoreio” de Augusto Meyer, n.º 4 desta revista); do mesmo jeito os nossos compositores podem conceber normas muito caracteristicamente brasileiras de criar melodia infinita. Nas emboladas, nos cocos, nos desafios, nos pregões, nos abóios, nos lundus e até nos fandangos a gente colhe formas de metro musical livre e processos prosódicos e fantasistas de recitativos que são normais por ai tudo no pais. Isso os artistas carecem observar mais.

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

O JARDIM PUBLICO

YAN DE ALMEIDA PRADO

III

No parque havia duas zonas de amôres completamente diversas — a das meninas da vizinhança que namoravam, é a das mulheres da vida a cata de fretes para conseguirem pagar a diaria do bordel. A primeira zona consistia nas duas avenidas que esquadriham em angulo réto o coreto; a segunda era delineada pelo caminho que dá volta ao tanque. O capão de altas arvores cuja ramarria forma toldo sobre a musica era o limite das duas e a linha divisoria.

Na zona das meninas os almofadinhos do bairro paravam na beirada das largas avenidas, enquanto as namoradas transitavam deante deles e com eles comunicavam-se apenas por meio de olhares e risos. Muito diferente era o trecho reservado às mulheres da vida. A exiguidade do passeio mal dava para elas se esgueirarem quando nos dias de muita afluencia os homens enchiam o caminho. Nessas ocasiões, ao se encontrarem dois magotes — um composto de desordeiros e outro de mulheres fáceis — resultavam correrias que escandalisavam os burgueses extraviados no lugar. O habitante do Interior por ali a passeio com a mulher e filhos, de repente percebiais atravez da inexperiencia, quanto as margens do tanque eram mal frequentadas. Via com passmo na confusão provocada pelo choque de homens e mulheres, os apalpões dos gaiatos obrigando as mulatas e pretas a fugir no meio de gritaria e gargalhadas. O sertanejo (vindo de onde ainda existe receio da farra), extranhava serem os mais barulhentos entre a molecada os soldados da polícia, que não respeitavam mulher alguma encontrada a passear em redor do tanque. Ao burguez antigo da cidade (mórmente o paulista legítimo, que sempre arrenegou militares), o efeito causado era diferente. Lembravam-lhe os excessos da soldadesca, os tempos da "Guarda Urbana", composta do rebotalho das tropas da campanha do Paraguai, que pela tradição popular, tornava perigosa a vizinhança dos quarteis. Dizia-se então, que só criaturas feias se aventuravam de propósito à noite, nos lugares frequentados pelos "urbanos".

Uma mulatinha que desgarrara das companheiras, atemorizada pela brutalidade dos homens, refugiou-se no extremo do caminho entre uma nesga do gramado e o gradil de uma ponte. Apezar do retraimento era alvejada com piadas grosseiras, obscenidades,

convites atrevidos, tentando os mais ousados, esbarrões que ela evitava subindo no canteiro. Enfrentando o receio não lhe impedia de mariscar na multidão homem que a satisfizesse naquela noite.

O olhar furtivo e repetido com que repassava soldados e páisanos, deparou em certo momento tres sargentos da Força Publica que caminhavam juntos. Diversos na tez e na corpulencia, regulavam a mesma altura. O primeiro robusto, castanho e claro, o segundo ossudo e moreno, o ultimo tambem trigueiro, provido de ampla musculatura a modelar a túnica do uniforme. Representavam a mescala da milicia do Estado, onde elementos vindos de tão longe, e tão diversos, os do Norte diferindo dos do Sul até na origem da raça branca; no Pará ou no Maranhão descendentes de alentejanos, no Rio Grande de imigrantes das Ilhas; confundiam-se entretanto num molde unico — a farda azul ferrete largamente listada de encarnado.

Ao passarem os rapazes perto da mulatinha coincidiu chegarem tambem as companheiras. Fermou-se bolo em volta da rapariga, que estimulada pela presença das outras disse alto para ser ouvida de longe:

— I... Dita, era um moreno assim que me servia...

Mas quem devia receber a indíreta, não a ouviu. Quando o mais ossudo dos tres adyertio-o a tir, já iam longe das mulheres que tinham parado no mesmo sítio.

O rapaz que reparara caçou com o distraído.

— Gostei agora do Cândido, ando tão farto de rapariga que já nem liga para gadinho miúdo, de hoje em dia tem só francesa...

Pouco antes queixara-se Cândido da falta de mulheres bonitas no Jardim, de sorte que a reflexão provocou gargalhadas.

— Onde é que você está enxergando gado?

— Olha aquela vestida de branco, ali na esquerda perto da arvore, ali homen... não está vendo! Ela quer alguma coisa com você...

O interpelado voltou-se lôgo que o companheiro falou, olhando na direção apontada, mas poude apenas vislumbrar na turba o rosto da mulata que lhe pareceu bonito.

A exclamação da moça iscou o interesse dos rapazes que resolveram esperar a mais as outras perto do co-

reto. Não era acontecimento unico no Jardim — nem tampouco comum — mulheres provocarem de forma tão descarada os homens que lhes apeteciam. Porém mesmo as mais desfavorecidas, as que tinham noção de serem as ultimas entre a peior negrada, só davam demonstrações diretas ao homem que viam pela primeira vez, quando fortemente tocadas de pinga. Em outra ocasião a vaidade feminina impedia que elas se oferecessem deante das outras. Sómente a certeza de exito podia levar-as a praticar o contrario, tratando-se algum recruta novo, que desprovido de dinheiro e cheio de seiva, aceitava qualquer mulher. O rapaz aceitava e esquecia com igual rapidez; era o mesmo que uma necessidade aliviada atraç de um muro. Não faltavam então nem siquer os transeuntes para surpreenderem o coito (no recanto do Canindé onde o par tinha ido depois do Jardim), e que não resentiam da espetaculo mais especie do que si fosse de cães no cio. A gente do bairro estava familiarizada com a scena, frequente pelos terrenos reunos e atraç das cercas desde a boca da noite até o alvorecer. Todos sabiam que quando alguém parava e aproximava, não era por troça ou por curiosidade, era na realidade outro macho que vinha buscar o seu quinhão. Si o primeiro consentia tudo se passava sem maiores novidades, na maior camaradagem, do contrario, registavam os jornaes do dia seguinte mais um caso policial de ferimentos ou morte na varzea.

As mulheres que não pertenciam á ultima categoria — das que nem teto possuem para recolher homem — não careciam de se dirigir primeiro para o individuo que as impressionava. Era suficiente pisar no caminho do tanque para sentirem-se seguidas de matilha infinita, perseguidas com propostas e ditos pesados como pancadas. Quando a brutalidade dos homens ultrapassava certos limites vinha a resposta na mesma forma, bocas desdentadas ferviam num diluvio de insultos, quando a crioula não repelia com o braço os mais atrevidos. Por outra, ao aceitarem alguem, rião de modo que o perseguidor lôgo comprendia. Daí por deante ele não largava mais da saia que a poder de encontrões ia varando a multidão, e apóz algumas voltas dadas á volta do tanque apareciam na rua com trato feito e destino certo para o resto da noite.

(Continua)

BRASILIANA

V

EAU - DE - VIE

De uma nota intitulada **Extraordinaria diffusão do alcoolismo na Russia**, publicada pelo **Estado de S. Paulo**, n. de 6-IX-28:

"O mesmo jornal publica os resultados de um inquerito feito em duas escolas, a respeito de alcoolismo.

.....
Resultados:

.....
8 p. c. das meninas bebem agua de vida; 92 p. c., cerveja e vinho. Somente 11 p. c. dos escolares desconhecem a agua de vida."

NEGÓCIO BRASILEIRO

De uma correspondência do interior do Estado para o **Diario Nacional** de São Paulo, n. de 13-VI-28:

"Na vizinha cidade de Cândido Motta, ha dias, apareceu um individuo que se dirigiu a uma fazenda, offerecendo ao fazendeiro uma troca esquisita: offerecia 40 contos, que queria trocar por 6, sem outras condições..."

O fazendeiro, desconfiado, entaboliu negocio, enquanto mandava á cidade avisar o delegado. O homem foi preso, mas, logo depois, solto, pois o delegado não encontrou entre os 40 contos nenhum dinheiro falso."

POLÍTICA

Da marcha **O voto secreto**, letra de Sidney Avila e música de Donatilla Machado, á venda em São Paulo:

"Minas teceste em epopeas
D'um povo heroico a mais brilhante historia!
Mansa e serena
Ne proficuo labor sempre em progresso,
Escalas a pyramide suprema
Sem retrocesso
..... E hoje mais uma vez
Pelo dictame da consciencia recto
Sempre altaneira e liberal
Creas a sabia lei Voto Secreto"

REALIDADE

De uma crónica de Gastão de Carvalho no **O Paiz** do Rio, n. de 4-IX-28:

"E' por isso que os bons repertorios possuem **Loreley**, que além de conter linda musica, presta-se á phantasmagoria de uma ensenação que prende e seduz quando executada como hontem o foi, com scenarios apropriados, excellentes jogos de luz e as visões executadas com perfeição e verosimilhança tanto quanto possível, aproximada do real."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS:

Por **YAN DE ALMEIDA PRADO** (Av. B. L. Antonio 188, S. Paulo):

Accioli — "Memorias Historicas da Provincia da Bahia." — 6 vols.

Guerreiro, Bartholomeu — "Jornada dos Vasalos, etc..." — Lisboa, 1625.

id. id. "Gloriosa Coroa etc..." — Lisboa 1642.

Cunha Mattos. "Memorias da Campanha de D. Pedro..." — 2 vols. Rio de Janeiro 1833.

Lisboa, José da Silva (Cayrú). "Historia dos Principaes Successos..." 2 vols. Rio de Janeiro 1826-1830.

Nos seus próximos
numeros a **REVISTA DE ANTROPOFAGIA**
publicará em fac-simile dois autógrafos de

KRISHNAMURTI

e

MAX JACOB

trasidos de Paris por

Oswald de Andrade

A assinatura anual
da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA
custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal
para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

ANO I -- NUMERO 6

500 RS.

OUTUBRO - 1928

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Endereço : 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Gerência etc. de RAUL BOPP

V A C A

Os portugueses do Rio de Janeiro ofereceram ao ministro brasileiro das Relações Exteriores uma vasta placa de bronze. Quizeram com isso homenagear o homem que obrigou os membros de um congresso qualquer a ouvirem discursos no grego de Camões.

Mais uma vez o Brasil defendeu o que em Portugal chamam de patrimônio comum da raça. Defesa que cabia aos lusitanos. Mas não tendo mais força nem autoridade para isso arranjaram advogado convencendo-o de que também tinha interesse na causa. De forma que não pagam honorários. Contentam-se em dar um presentinho de tempos em tempos.

Está tudo errado. A língua portuguesa não é patrimônio comum da raça. Primeiro porque não há raça mas raças. Segundo porque não há língua mas línguas.

O português diz que sim. Préga a unidade e tal. E' a causa de sempre: quando estava de cima só gritava eu, agora que está por baixo faz questão do nós.

Essa união luso-brasileira é que nem aquela de Mutt e Jeff deante do cinema numa caricatura de J. Carlos:

— Vamos fazer uma vaca, Jeff?

— Vamos: você entra com dez tostões e eu entro com você.

Sem tirar nem pôr.

Ballada triste

Eu estou hoje inhabitavel...
Não sei porque,
levantei com o pé esquerdo:
meu primeiro cigarro amargou na minha bocca
como uma colherada de fel.
A tristeza de varios corações bem tristes
veiu, sem que, nem porque,
encher meu coração vazio... vazio...
Eu estou hoje inhabitavel...

A vida está doendo... doendo...
A vida está toda atrapalhada...
Estou sozinho numa estrada
fazendo a pé um "raid" impossível.
Eu estou hoje inhabitavel...

Ah! si eu pudesse me embebedar
e cambalear... cambalear,
e cahir, e acordar desta tristeza
que ninguem, ninguem sabe...
Todo mundo vai rir destes meus versos...
Mas eu juro por Deus, si fôr preciso,
que eu estou hoje inhabitavel.

(BELLO HORISONTE)

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ABGAR RENAULT

"De idea superior em idea superior, nós acabaremos por não ter mais ideas".

PRUDHON

COMO ME TORNEI ESCRIPTOR BRASILEIRO

JOSE' AMERICO DE ALMEIDA

Lendo os escriptores estrangeiros (E note-se que de testo o paradoxo, a ironia e todas as deformações de sentido). Lendo e pensando no Brasil. Lendo e comparando. Era ver a descrição de uma paisagem exotica, vinham-me á ideia as nossas paisagens. Achava logo a diferença. Pa-

tem dito que só faz por conhecer países estrangeiros para ficar amando cada vez mais o seu país. Mas dá certo, a menos que o sujeito não tenha senso objectivo nem ném discernimento. Ou seja daquelles que, cuidando estarem pensando no Brasil, estão pensando é na

leiro ainda me faltava escrever em brasileiro.

Ora, eu nasci num tempo em que ainda se falava português no Brasil.

Inventei, assim, outro sistema: ler os classicos (porque não posso deixar de ler Bernardes, frei Luis de Sou-

à la Revista de anthropophagia

*Les grands hommes sont modestes
c'est la famille qui porte leur
orgueil comme des reliques*
Muse) acab.

ra fixar traços diferenciaes não ha como pôr uma coisa defronte da outra.

E assim os costumes, as paixões, etc.

Quis adoptar o mesmo metodo no cinema, mas o cinema tem pouca variedade. E' a ma tem quarte dos directores. Só os quarte dos nocturnos servem de pontos de diferenciação.

E' um processo pouco original porque muita gente já

Grecia antiga ou no mundo da lúa.

O metodo é, porém, de applicação difficilima. Quem se acha embebido em obra-prima da estranja não tem nenhuma vontade de alternar a attenção, desse modo, porque perde o fio da leitura, perde o tempo e perde ainda mais se, por isso, se tornar nacionalista...

E para ser escriptor brasi-

sa, etc.) por cima, como quem está traduzindo, fazendo de conta que é castelhano, procurando apenas o sentido.

(Lingua pega como visgo).

Não sei se dará resultado. Mas o diabo é que, além das palavras, não acho nada nos classicos...

(Parahyba do Norte.)

2 POETAS

AUGUSTO MEYER — GI-
RALUZ — PORTO ALE-
GRE — 1928.

A poesia de Augusto Meyer tem uma fôrça que a gente sente logo de saída e fica respeitando. A linguagem bate de chapa e não se esborracha porque dentro há um sentido à prova de fogo.

Nada de canto de passarinho. Meyer quando desentraava a voz de barítono é para fim certo e medido. E canta cousas robustas. Não é um terro. Ou melhor: não é um piegas. A ternura dêle é máscula, Meyer sempre domina as paisagens, os sentimentos, as cousas. Vai pelo mundo enrolado na fôrça do sol mas não dominado.

Há uma inquietação nos seus versos que muito provavelmente Daniel Rops incluiria na que ele definiu como moderna. Inquietação que apesar disso ter ás vezes acentos antigos como aquèle Mãe, eu quero o sol! já gritado pelo Osvaldo de Ibsen. Em todo o caso a tristeza atravez da qual essa inquietação por acaso se revela é medida como tudo no poeta.

Voz equilibrada que nunca desafina, capaz de agudos truculentos mas incapaz de soltar um só para prazer das galerias, Augusto Meyer se afirma no sul brasileiro um dos valores mais certos da literatura tão embrulhada deste país e dêste momento.

Digo isso apoiado nêste Batuque (é há muita cousa igual no Giraluz):

**Negramina que morreu
currupáque pá páque!
dança batuque dança,
e o olho claro da lua espia na crista
da serra.**

Ficou tudo gelado arripiado no friume
lunar.

O caminho branquinho mergulha na
boca do mato.
Marulha a saudade gemente da pedra
calcária na fonte,
olho d'água glonglona e a cachoeira
chóra — uah!

De noite na estrada as carretas vêm
do outro mundo.
Vagalume accende e apaga, pisca-pisca.
Corta o escuro o assobio do gury sóli-
to que foi para o povo.

E batuque batuca:
**negramina que dança que dança e que
dança
toda a noite — uê!**

O gallo cantou lá na serra, longe...
lá...
Parecia que tinha uma estrella de or-
valho na voz.

Mas batuque não cança e batuca toda
a noite — uê!
**Negramina que dança que dança e que
dança
toda a noite — uah!**

MENOTTI DEL PICCHIA
— REPUBLICA DOS ES-
TADOS UNIDOS DO BRA-
SIL — S. PAULO — 1928.

O que me parece mais curioso e mais elogiável nos livros de Menotti Del Picchia é que êles nunca satisfazem a gente. A obra de Menotti é uma fita em séries. Quando vai chegando no momento gostoso pára: continua no proximo livro. De forma que o interesse está sempre alerta e insatisfeito, pedindo mais.

Sujeito por demais talentoso tem a

manha de um gato: brinca, brinca, agarra o rato, a gente force para que êle engula, êle vai e não engole.

E faz tudo isso sem cansar o espectador. Porque o jôgo dêle tem sempre aspectos inéditos, o jogador é excelente, a gente sente que a vitória não lhe pode escapar. Atrai inelutavelmente portanto. A assistência (nem se discute) voltará para os jogos seguintes cada vez mais numerosa e interessada. Façanha de que poucos são caçados.

Assim o Republica dos Estados Unidos do Brasil como todos os livros desse brigão da reação brasileira não é definitivo. Jamais se dirá para efeitos de critica que êle é o autor de tal poema, romance ou conto. Não poderá ser julgado senão atravez de sua obra considerada em conjunto. Cada livro é um pedacinho e uma continuação.

Neste Republica a gente encontra todas as qualidades do autor mas não as qualidades inteiras do autor. Será um quinto andar por exemplo. E só Deus sabe quantos ainda virão. Fazenda, Tarde Fazendeira, a terceira parte da Torre de Babel, Drama, A noite africana, Banzo, tanta cousa e tanto lirismo envolvente firmando Menotti no lugar que êle conquistou na literatura nacional de agora e deixando adivinhar e desejar o que êle conquistará querendo na de amanhã. E olhem que o homem não tem medo de nada: é poeta, é romancista, é jornalista, é contista, é crítico, orador, desenhista (as figurinhas do Republica são dêle mesmo), é o diabo o diabo do Menotti.

A. DE A. M.

O HOMEM QUE EU COMI AOS BOCADINHOS

Elle me amolava tanto que eu já o tinha de olho para um churrasco.

Úma vez elle falou em "Amor por principio".

Eu achei que uma citação dessa merecia uma dentada. E ferrei-lhe os dentes.

Outra vez sahiu-se com "A ordem por base".

Eu me indignei tanto que mordi-lhe de novo.

De uma feita, passeando com elle, ouvi de sua boca "O progresso por fim".

Era demais!

Rasguei a carne do "cidadão" a custa de dentadas.

Agora elle anda branquinho por causa da brancura do esqueleto.

Eu comi toda carne d'elle e sómente deixei a lingua avermelhando na alvura da caveira.

Eu deixei a lingua de propósito.

E quero ver si elle tem coragem de me dizer "Viver para outrem, viver ás claras".

Si elle disser, então morrerá como peixe: pela boca.

O coitado é positivista, e talvez por isso estava com a carne mesmo no ponto de ser comida.

E eu comi.

JOÃO DO PRESENTE

A PESCA MILAGROSA

(do Samburá)

De primeiro,
eu ia lá pra biquinha
— aquella biquinha tão boa da minha terra —
arrumava o anzol nagua
e ficava esperando o peixe.

Acontece, porém,
que o peixe não vinha nunca.

Mas, mesmo assim,
todo o dia eu ia pra biquinha,
mesmo sabendo que o peixe não vinha nunca,
só pra ter aquella esperança,
aquele prazer de esperar o peixe.

(RIO DE JANEIRO)

AZEVEDO CORREIA FILHO

CARTA A ORRIS BARBOSA

Você é um sujeito intelligent, e, por isso, vai merecer que eu perca alguns instantes de minha vida exgotada mode lhe dizer duas palavras como resposta á parte que me toca no seu artigo sobre a Revista de Antropofagia.

Primeiro que tudo eu estou de pleno acordo com você: — o meu poema Bahia é uma jossa!... Mas não é uma jossa pela questão-rithmica que você julga, erroneamente, influenciada por João de Deus.

Elle é uma jossa porque foi uma simples brincadeira que eu fiz só para meter o pão nas tendencias oratorias dos bahianos.

Eu passei lá e comi aquellas comedorias gostosas que valem mais do que qualquer literatura minha, sua ou seja lá de quem fôr...

E vi o bahiano discursando em vez de comer! Perdendo tempo.

Ora, quando a creada diz a você: "Seu Orre a janta tá na meza", estou certo de que você, nordestino como eu, e, como eu, filho de tres raças gulosas, das quaes duas antropofagas e uma que fazia pratos pra comer do tamanho da lua cheia no nascedôro, não ha de continuar com os olhos fitos no papel (caso esteja produzindo) para deixar a comida ficar fria.

Não; parece que estou vendo você avançar pra cima das buxadas, dos mocotós, das feijoadas com tripa de porco e cabeça do dito, que é aquella desgraciera!

A menos que você não seja empalemado, ou sofra de sezões, ou de espinhela caida, ou do tan-

golo, ou do mangolo, ou da modestia do ar...

Mas, como ia dizendo: comi as comidas gostosas da Bahia e dei um berro de entusiasmo!

O diabo da literatura, entretanto, me estragou o poema, que teria sido excellente, como obra de modernidade, se eu tivesse posto em jogo nelle apenas um sentido: — o do paladar.

Por isso é que ele é ruim; pela metrica não.

Porque a sua afirmativa de que é de João de Deus a metrica de cinco silabas nelle usada por mim, só serve para comprovar, mais uma vez, quanto essa mania de cultura estraga a mentalidade do brasileiro.

Ora vejamos: Você tem ahí cantando no pé do ouvido os versos do Martelo:

"Lá no meu sertão,
Tem muita quixaba,
Que é cumê de caba,
Tambem de cristão...
Faz massa na mão,
Dá dô de barriga,
Tem caba do aço
Qui morre e não briga!"

e vem falar de João de Deus, o qual escreveu, realmente, alguns versos de cinco silabas, todos quase, entretanto, ajustados em quintilhas, enquanto a forma do Martelo é sempre de oitavas!

Alem disso você não notou que eu vou fazendo alternativas para outros metros, continuando, comtudo, absolutamente rithmico o conjunto:

Recife é bonito, — 5
Recife tem pontes, — 5
Tem "bois" tem Reisados, — 5

Tem Maracatús... — 5
Porem o Recife — 5
Não tem mais as Evas — 5
De chales vistosos — 5

Vendendo de tarde — 5
Peixe frito — 3
Agulha frita — 4
Siry cosinhado — 5
Pirão de aratú! — 5
Emquanto a Bahia tem tudo e
inda mais! — 11

Essas alternativas, e sobretudo as passagens por mim realisadas dos rithmos mais marcados para os rithmos mais dissolutos, são o que constituem algo de modernidade em meus poemas.

Antes de você ler João de Deus, bichão, cuja unica approximação com minha poetica é ter sido um cantor popular em uma lingua de onde a nossa lingua nasceu, precisa prestar attenção ao modo de versejar dos cantadores da zona da matta e do sertão, e, bem de pressa, se convencerá de que, em meio do modernismo brasileiro, eu constituo um caso aparte.

Um caso ruim, convenhamos, mas, em todo caso, sempre um caso...

Deixe, pois, João de Deus em paz para escutar violas, meu bem, depois entre na carnificina que a mocidade brasileira está fazendo para banquete da geração de amanhã.

Mesmo porque, se você não entrar na dança entra na faca! Vamos!

Pega o pirão, esmorecido!!!

(RECIFE)

ASCENSO FERREIRA

JA' SAIRAM:

Menotti del Picchia: **Republica dos Estados Unidos do Brasil** (versos)

Augusto Meyer: **Giraluz** (versos)

Mario de Andrade: **Macunaíma** (historia)

António de Alcântara Machado: **Laranja da China** (contos)

José Americo de Almeida — **Bagaceira** (romance)

VÃO SAIR:

Paulo Prado: **Retrato do Brasil** (ensaio sobre a tristesa brasileira)

João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura e Pedro Nava: **Antologia de 4 poetas mineiros**

Guilhermino Cesar — **Meia-pataca** (versos)

DIABO BRASILEIRO

JORGE DE LIMA

Enxofre, botija, gallinha preta.
 Credo em cruz, capeta, pé de pato.
 Diabo brasileiro, dente de ouro, botija onde está?
 Credo, capeta, pé de pato!

Diabo brasileiro quero saber quando dá
 a dezena do carneiro!
 Enxofre, botija, gallinha preta.
 Credo em cruz, capeta, pé de pato.

Capeta, dente de ouro, tome gallinha preta,
 quero dormir com a Zefa!
 Capeta, bode preto, quero dormir com a Zefa!

Capeta, diabo brasileiro, só lhe dou gallinha preta!
 Capeta quero casar com a Zefa, quero que séo
 Vigario
 me case logo com a Zefa!

Capeta tome gallinha preta!
 Capeta, diabo brasileiro, quando dá
 a centena do macaco?
 Quero quebrar banqueiro, capeta damnado, pé de
 pato,
 dente de ouro, cheiro de enxofre, tome gallinha
 preta!
 Capeta, pé de pato, quero acertar com o bicho,
 quero comprar gravata, botina de bico fino

terno de casemira pra quando Zefa me vê.
 Capeta, pé de pato, tome gallinha preta!
 Capeta, pé de pato, dente de ouro, quero dente de
 ouro,
 quero capa de borracha, punho engomado,
 camisa,
 bengalla castão de ouro, capeta, pé de pato,
 tome gallinha preta!

Quero saber suas partes, suas sabedorias,
 quero saber mandingas,
 Capeta, pé de pato, tome gallinha preta,
 que eu quero quebrar banqueiro, que eu quero
 tirar botija,
 que eu não quero é trabalhar, que eu também sou
 brasileiro!

Capeta, tome gallinha preta,
 que eu quero saber embolada,
 quero saber martello, quero ser um cantador,
 capeta, quero dizer a Zefa, essa quentura de amor!
 Capeta tome gallinha preta, que eu quero casar
 com a Zefa!
 Por Deus, que eu quero, capeta, pé de pato!
 Tome gallinha preta!

(MACEIO')

O TRAVO

SEBASTIÃO DIAS

Talvez não fosse só o capricho. De mais, se confessava impotente pra analisar seu drama íntimo.

Dizia drama conscientemente: ainda acreditava que o theatro e a vida se plajayam mutuamente. O cinema seria assim uma especie de gigolô de ambos. Nunca lhe importara quem fosse o coronel.

A principio quiz fazer sua vida. Ordenou-a, catalogou-a e preparou-se pra realisa-la. Como tinha algum tacto, botou na conta imprevistos e acidentes. Mas sem particularizar ou discriminá-los.

E foi se aguentando algum tempo. O primeiro mez, o segundo... Apenas uma coisa sem importancia: uma queda. Algo perigosa: ficou em estado de choque, passou uns dias de cama.

Ficou radiante porque comemorou o aniversario na data justa que havia marcado: 8 de novembro, puxa! não houve nenhum contratempo e por cumulo de coincidencia o dia 8 de novembro caiu numa sexta-feira. Talmudicamente havia previsto.

Mas quando chegou neste ponto, percebeu uma coisa seria: o amor. Aliás todas as coizas lhe pareciam sérias e respeitáveis, inclusive as circunspectas propriamente ditas. Propriamente ditas pelo dicionario, pelas pessoas mais velhas ou livro de máximas.

Depois, antes mesmo de escrever qualquer regulamento sobre a nova descoberta, pensou que o amor não era uma coiza, mas um problema. Re-

zolvel? Não lhe importava por enquanto que não lhe tinha sido proposto. E se admirou disso não ter sido ainda objeto de suas cojitações.

Falava assim "disso" com certa superioridade especialmente com os outros. Se decidiu a se por em equações e se solutionar com presteza. Depois pôr que viesse aplicaria a formula conseguida. Seria, quando muito uma simples prova: real ou dos nove.

Não acertou a principio. Recomeçou. Com paciencia, com método, até que enfim se convenceu da inutilidade de pelo menos atual das matematicas. Todas elas. Sem exceutar mesmo a tábua de Callet, o calculo das probabilidades e as vertiginosas geometrias não euclidianas de Riemann, Lobatchewsky e epigonos.

Nova admiração. Então o negocio não era tão sinjelo. Exorbitava das ciencias exatas. Falar verdade não entraava a minima particula de amor naqueles estudos. Mas procurava se convencer modestamente que não pesava bem, pra salvar, o prestígio dos numeros.

Se diriu com ardor prás ciencias biologicas. Necessariamente elas viam de lhe esclarecer qualquer coiza. Não se ia adiantando quasi nada. Mas se satisfazia pelo pasmo quotidiano de descobrir novas sendas da bedoria humana. Se conteve pra não publicar com escandalo suas descobertas; muito ao contrario do pensar

de seus mestres verificava de visu haver algo alem dos numeros.

Estudou com afino muitas materias. Se esqueceu de metodos e catalogos. Só tinha uma preocupação. Um dia deu adeus á vida e se recolheu na solidute.

Muito tempo. Sempre a pensar no magno e unico problema. Tinha fuiido dos homens mas a humanidade não lhe fez o mesmo. Aquela complicada maquina social e administrativa que conhecera nos livros puzerá seus servidores na sua pista.

Foi para a prizão. E fizeram-lhe perguntas. Como ha muito não utilizasse da linguagem articulada, porque estivesse fóra do trato de seus semblantes, não os comprehendeu nem lhes poude responder. Fez sinal que escrevessem.

Leu então que lhe inquiriam do seu nome, idade e sexo.

Olhou com profundo espanto pra todos aqueles fieis cumpridores da lei, pra todo aquele aperato solene de recepção e mudando o semblante pra uma encantadora injenuidade e piedade indizivel, escreveu tres vezes com uma bonita letra, clara e separada:

NÃO SEI.

Em seguida na mizericordioza supozição que não entendessem todos traduziu a inscrição em dezoito idiomas e dialetos.

(RIO)

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

O JARDIM PUBLICO

YAN DE ALMEIDA PRADO

IV

A timidez da rapariga, ainda mal familiarizada com o lugar, fizera com que um impulso repentino a nivellasse com as mais reles frequentadoras do passeio. Quando a mulher se oferecia tanto, o homem inversamente se retratava e a aproximação perdia-se. Naquela feita, embora com decrescimo, a mulatinha obteve mais exito do que esperava apezar do repente que lhe escapara; seu aspéto infantil, novidade na zona duvidosa, causou grande interesse no grupo dos sargentos.

Para cercarem o rancho das mulheres foram os rapazes até o melhor ponto de espera do percurso, na encruzilhada fronteira ao coreto. Alinhados pelo cotovelo como si estivessem na revista, ficaram á espreita na beira do caminho onde tinham subido para enxergar melhor. Resistiam aos encontroes no aneio de distinguir a rapariga e as companheiras na turba que passava, esforço cada vez mais custoso devido á afluencia cada vez mais densa de gente naquele momento. A dificuldade do exame ainda era aumentada por causa dos colegas espalhados pelo parque, passeando ociosos, e que se juntavam aos sargentos, demorando-se em contar ou trocar pilherias antes de seguir na esteira de alguma saia. Estavam por ali, como todos, á procura de aventuras. A prosa com os militares encontrados pelo caminho não passava de pretexto para esperar alguém que desejavam descobrir no redemoinho.

Nessa altura o modo como um conhecido se abeirava de outro não variava, era sempre alusivo ao que ambos vinham fazer no parque. "Então pirata, sempre invocando?" "Que é que está fazendo aí?" "Esperando a Deusa?". Ou, ainda, "Que tal hoje, vae ou não vae?". A que o interrogado respondia: "Fica firme, banca como eu o Firmiano Pinto."

Havia por esse tempo o costume de dar o nome do prefeito da cidade a uma porção de significados de firmeza, calma, espreita, e palavras parecidas. A razão não provinha de qualquer ato extraordinario praticado pelo administrador, que foi dos apagados que S. Paulo teve, porém tão sómente pelo que sugeria a assonancia de Firmiano. Durante muito tempo o linguajar paulista fez deste nome um adjetivo, que se tornou corrente e durou além do governo daquele prefeito.

Entre os frequentadores do Jardim havia tambem familiarismos mais res-tritos, que giravam incansavelmente entre a soldadesca afeiçoadas ao par-

O mais conhecido era a historia da onça. Circulava pela rapaziada, branca ou mestiça da "Força" a graça que asseverava odiarem as onças aos pretos. Diziam concistir numa terrivel ogeriza, sempre crescente desde a hora em que uma canguçu' vira um preto mina. Daí esclamava lógo o soldado ao ver a negrada atulhando o parque, "Imagina uma onça solta agora, não ficava nem uma tia para amos tra!", e por mais que repetisse a mesma cousa, sempre em torno dele ecoavam gargalhadas. Alguns acrecentavam modificações ou imaginavam variantes, "Qual o quê, tem cada cara no meio dos joão que si a onça enxergava era capaz de morrer de susto!". Decorrente desta modificação nascera outra inventada por um soldado nortista, fazedor de quadrinhas e contós, que percorriam o quartel em que ele estava indo até aos oficiaes. Narrava a historia do domador de circo que pretendeu alimentar enorme onça com as negras do Jardim. Para aquele "artista", (denominação que o povo dá a todos que se exibem em publico) conseguir seu intento foi preciso trazer a onça perto do tanque, onde solta investiu contra as mulheres que passavam. Não demorou muito voltou o bicho fugindo apavorado de uma preta que gritava, "Que onça linda, meu Deus! Mais bonita do que defunto Bnidito meu marido...", ao passo que a perseguida apelava para o dono afim de que a protegesse da mulher. A historia, e semelhantes, estava afinal à ingenuidade do auditorio, na maior parte, composto de homens vindos da roça ou de sertões longínquos.

Longe de onças e de perigos demoravam as mulheres em aparecer. Com o tempo aumentou a impaciencia dos rapazes. A desordem na multidão fizera com que elas tivessem relado por diversas vezes o grupo sem serem percebidas.

A demora irritou o mais magro dos sargentos que acusou os outros do desencontro.

— Nós devia ter falado lógo com elas. Vocês são lerdo mesmo. Assim não dá certo, quem faz cavação não dorme.

Da censura partiram apreciações ob-cenas feitas por todos do grupo acerca das mulheres em geral, e daquelas que esperavam no momento.

— Vae ver que já foram embora.
— Parece mesmo...

— Vamos então esperar até o maxixe?

— Eur não espero. Até o maxixe é muita coisa, vou embora.

— Eu tambem, mas vamos esperar ainda um pouco.

— Que'sperança, já passaram, perto de nós mais de um par de vez. Ficar aqui comendo mosca não é comigo, si vocês quizer ficar fique, eu vou embora.

Era costume da banda terminar o concerto com musica de dança, que no momento estivesse em moda. Muitas pertenciam ao regente Lorena, que grangeara fama graças á difusão dos seus trabalhos em revistas de teatros populares. Quando os soldados da polícia a ele se referiam davam-lhe um "Eta" admirativo antes do nome, que neste modo entrou no rol das couças admiraveis da Força Publica. Tambem os sargentos partilhavam da admiração dos colegas porém o insucesso da espera tornara-os mal humorados.

A insistencia de um deles venceu a resistencia dos outros. Dirigiram-se devagar em direção da saída percorrendo com a vista todos os vultos femininos que alcançavam.

— Eu conheço aquele pessoal, é rampeiro, não vale a pena perder tempo...

— Ah! Você conhece? Indagaram os outros interessados.

— Já estiveram de-já-hoje por aqui. Eu estive manjando elas, tinha um grupo pronto para entrar na conversa, quando chegou o grude do Colatino que estragou tudo. Fiquei com uma raiva...

— Será então o pessoal do vinte-quatro? A Mariquinha me disse que estava esperando as raparigas que estiveram no mez passado em Campinas.

— Não é não. Eu passei lá hontem. E' outro pessoal, desconfio que foi a mais alta que pegou um fubá no Zé Maria.

— Qual é delas?

— A vestida de branco com sapato preto.

— Qual o quê, não é essa não, essa que você fala já sei quem é, estava por aqui mesmo, mas tinha uma gola vermelha na blusa...

Todos riram.

— Da pirataria nem rato escapa, nem a blusa vermelha da tia! O gadinho que rodeia o tanque é a mesma coisa que malandro que tira escacha na rua 7 de Abril.

— Vamos voltar?

— Cé dôido homem, vamos embora. O mais corpulento dos tres apoiou o convite.

— Na vespera de riscar o punga a gente afia a espada na cama...

(Continua)

BRASILIANA

VI

FOLHETIM

Do romance *O soldado desconhecido (O heroico legionario brasileiro)*, de Zenato d'Alvamilo, ed. da Casa Editora Vecchi do Rio de Janeiro, fasc. II, cap. XXIII intitulado *O guerrilheiro Ab-El-Akrim*, p. 171:

"O guerrilheiro, acostumado ao seu domínio absoluto, estrenhou a resistência inesperada daquela jovem e pergunto friamente:

— Quem és tu e de onde vens?

Nélia, num tom firme que surpreendeu a todos os presentes, immediatamente respondeu:

— Chamo-me Nélia e sou noiva do Soldado Desconhecido; quanto ao lugar de onde venho, basta que saibas que fui raptada covardemente pelo teu bando de malfiteiros!

Aquella captiva era a noiva do Soldado Desconhecido!...

Que maravilhosa presa!"

CIVISMO

Circular distribuída pelo Gremio Silva Jardim de Niterói (agosto de 1928):

"GREMIO SILVA JARDIM

entidade cívica nacional

(Secção do Estado do Rio)

Séde — Rua da Conceição, 2 sob. — Tel. 2177 — NITHEROY

O GREMIO SILVA JARDIM HOMENAGEIA O SEU PATRONO — APOSTOLO DE BRAVURA CIVICA — Homenagens no dia de seu natalício — 18 de agosto.

(Não haverá discursos; mas, exaltação cívica).

SILVA JARDIM nasceu em Capivari no anno de 1860 e morreu em 1.º de Julho de 1891, no Vesuvio, o vulcão italiano em Nápoles.

EM NITHEROY
(A's 10 1/2 hs.)

— Romaria ao monumento da Republica (Praça Padre Feijó) onde se encontra a estatua de Silva Jardim (barca de 9,50 e de 10,10 no caes Pharoux).

O GREMIO SILVA JARDIM precisa dos brasileiros (que têm orgulho deste nome) em torno do brasileiro que mais expôz a vida pela Pátria, empunhando esta arma — o seu cívismo incomparável.

NO RIO DE JANEIRO

(De 4 1/2 até 5 e 15)

— Sessão cívica na Associação Brasileira de Educação (Rua Chile 23, 2.º andar). Devem comparecer o Embaixador italiano, o aviador Ferrarin, o jurisconsulto Clóvis Bevilacqua, condiscípulo do patrono do Gremio e seu único irmão sobrevivente, Gabriel da Silva Jardim. Em plena sessão, ao antigo escoteiro Armando da Silva Magalhães, (que salvou o aviador Ferrarin) — será conferido o primeiro "Prêmio EUCLYDES DA CUNHA: valor brasileiro", criado pelo G. S. J. no dia euclídeo, 15 ultimo. (Esse prêmio é um volume de "OS SERTÕES, o livro da raça brasileira, escrito pelo mais brasileiro dos brasileiros").

(A's 5 1/2 hs.)

— Romaria à casa n.º 17, da rua Silva Jardim (antiga travessa da Barreira) onde existiu a Société Française de Gymnastique, ponto obrigatório de reunião, para os propagandistas entre elles — SILVA JARDIM.

Trata-se, apenas, de solennidade cívica. Foi suprimido qualquer caráter festivo; isto em homenagem a Del Prete — "peregrino audaz": filho da Itália, falecido no Brasil.

O G. S. J. assinala: Silva Jardim também foi — "peregrino audaz": filho do Brasil, falecido na Itália.

A epopeia italiana de hoje lembra a grande tragédia brasileira de 1891.

Gloria a DEL PRETE — nas alturas!

Gloria a SILVA JARDIM — no seio da terra italiana!

AVE! LATINIDADE!

AVE! BRASILIDADE!"

BALCÃO

LIVROS A' VENDA:

Na LIVRARIA UNIVERSAL (r. 15 de novembro n.º 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — *Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.ª ed.
— Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na LIVRARIA GAZEAU (praça da Sé n.º 40 — S. Paulo):

— *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
— *Panorama* — 17 vs. enc.
— *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
— Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.ª ed.
— Innocencio F. da Silva — *Diccionario Biographico* — 19 vs. enc.
— F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varias Historias* — 1660.
— Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela LIVRARIA UNIVERSAL:

— Roquette Pinto — *Rondonia*.
— Ruy Barbosa — *Replica*.
— Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
— *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n.º 188 — S. Paulo):

— Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.
— Duarte de Albuquerque Coelho — *Memórias Diárias*.
— Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.ª ed.

A assinatura anua:

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n.º 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Endereço : 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Gerência etc. de RAUL BOPP

CONCURSO DE LACTANTES**R E P U B L I C A**

Estão tratando de erguer não sei onde (mas sempre aqui no Brasil) um monumento á mãe preta. Os denodados que para isso trabalham querem confessadamente prestar uma homenagem de gratidão ás amas molhadas e sêcas mas sobretudo molhadas da linda côr do urubu. E atravez delas á raça escrava.

Eu acho isso muito bonito e comovente porém perigoso. Marmorizada ou bronzeada a preta, as mulatas e as brancas protestarão na certa. E será preciso erguer outros monumentos. Um para cada côr. Depois um para cada nacionalidade. A homenagem provocará uma competição de raças, de origens, até de tipos de leite. Por fim os fabricantes de leite condensado também reclamarão a sua estátua e com toda a justiça. E haverá o diabo quando o governo holandês exigir uma para as vacas suas súbditas.

Eu não estou ofendendo. Eu estou prevenindo.

Deodoro todo nos trinques
bate na porta de Dão Pedro 2.º.
Seu Imperadô, dê o fóra
que nós queremos tomar conta desta bugi-
ganga.

Mande vir os muzicos.

O Imperador camarada responde
Pois não meus filhos não se vexem
me deixem calçar as chinelas
pôdem entrar á vontade.
Só peço que não me bulam nas obras comple-
tas de Vitor Hugo.

(RIO DE JANEIRO)

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

MURILO MENDES

SAIBAM QUANTOS

Certifico a pedido verbal de pessoa interessada que o meu parente Mario de Andrade é o peor critico do mundo mas o melhor poeta dos Estados Desunidos do Brasil. De que dou esperança.

JOÃO MIRAMAR

PROFANACÃO

A cathedral de Ribeirão Preto no tempo em que
eu era menino
Tinha um aspecto respeitável de volume
E uma côr gothica de tijolo
Que bastava para definir a sua intenção silenciosa
de humildade.

Agóra,
Na symetria civilisada dum jardim
Pintada de vivo
E emmagrecida pela ambição condoreira de sua
torre
A cathedral de Ribeirão Preto que eu temia em
criança
Tem a elegancia galga e nobre de uma pose.

E no setimo dia de descanso
Uma alegria moça de religiosidade
Vae
Intimamente
Desafiar as côres de sua igreja
Com a festividate colorida de seus vestidos

(S. PAULO)

A. DE ALMEIDA CAMARGO



LEIAM :

Vargas Netto: **Gado chucro** (versos)

Augusto Meyer: **Giraluz** (versos)

Mario de Andrade: **Macunaíma** (historia)

Ruy Cirne Lima: **Colonia Z e outros poemas**
(versos)

Menotti del Picchia: **Republica dos Estados Unidos do Brasil** (versos)

Cassiano Ricardo: **Martim Sererê** (versos)

O NORDESTE DO SR. PALHANO

Ha diversos nordestes entupindo livrarias. Uns, sinceros. Outros — e é o maior numero — exagerados. Para mais ou para menos. Conforme a capacidade de exagerar de cada um. O do snr. Palhano de Jesus não é insincero. E' apenas interessante. Mesmo ha muito de sinceridade em s. s. afirmar nada entender da terra carrasco e dos seus problemas. Causa desculpável aliás, dado o motivo simplesmente burocratico do seu cargo. E é pena. Porque si alguma justiça ha de se fazer neste artigo, é reconhecer a sua bela atividate. Graças a ela ficamos conhecedores da existencia de todo um complicado serviço de indiferença à fome. O que já é muito para o inferno das bôas intenções.

* * *

O engenheiro snr. Palhano de Jesus ouviu dizer que havia chuvido no Nordeste entre Fevereiro e Março. E o engenheiro mezes depois de acurados estudos correu à imprensa para comunicar o resultado das suas investigações. E os linotipos e os telegrafos espalharam a bôa nova.

"O competentíssimo snr. inspector da zona nordestina diz que a seca atual é atenuada.

Choveu no principio do ano. Que saíram todos os sertanejos."

Foi um reboliço. Houve até salvias de bombas reaes. Atenuada!... E muita gente começou a respirar satisfeitaamente. Que beleza!

Si porem o snr. inspector houvesse levantado gado magro, batido macambira, levado na péle para a terra carioca o vergão do sol e a marca das juremas; tivesse comido carne de ceará com rapadura, armado a sua rête nos galhos dos umbuzeiros, marchado no trote duro de burros estropiados, leguas e mais leguas atraç de pasto, não teria o atrevimento de tamanha eresia. Porque, contra todas as suas previsões, a seca começou depois das chuvas. E' que essas chuvas caíram depois de um longo anô sem pingar. E caíram espaçadamente. Até então o unico recurso do sertanejo para conseguir ter de pé os seus animaes, era queimar espinhos. Bater macambira. Com as chuvas a macambira enverdeceu. Não queimou mais. E a rama que nasceu era fraca. O gado começou a cair. Os giraus e os fanguês foram armados nos revêses. E pelas estradas poeirentas, debaixo de um sol de endoidecer, começou o sacrificio das retiradas. Retiradas vagarosas de animaes exaustos e de homens abatidos. Tinha levantado o tempo, definitivamente.

* * *

Snr. Palhano, leia isto para quando quizer fazer mais uma gostosa pilheria.

Não sâos os açudes e as estradas que resolvem as nossas eternas questões. Não deixa de ser isso. Mas são sobre-tudo metodos regionaes de educação, medidas inteligentes de aproveitamento. Para fazermos verdadeiramente obra de construção, temos que enxergar o Nordeste como uma região à parte. E especializar então para ela educação, instituições sociaes, administração. E isso simplesmente. Uma simplicidade primitiva é o que exigem os problemas da vida primitiva, diz Chesterton. E nada mais primitivo que a vida nos nossos sertões. Querer, por exemplo, alfabetizar essa gente antes de educá-la na prática do trabalho da sua terra, é incorrer na eterna questão de começar pelo fim. Porque o sertanejo só é preguiçoso nos sertões. As fazendas de café em S. Paulo e os seringaes do Amazonas não tiveram braço mais forte. Explica-se isso pelo completo desconhecimento dos recursos da terra por parte deles. A criação é mais um divertimento — é a sua coleção de selos. Criar bois não é cousa que deva ser enxergada como factôr economico positivo no nosso futuro. As secas não o permitem. E quando não fosse isso a criação em larga escala no sul do paiz, trará muito em breve para a industria da carne, um mercado amplo, mesmo mundial. Como factôr de desvalorização não se pode desejar mais poderoso.

O nosso recurso fabuloso é o algodão. E imposto por lei o sistema da pequena propriedade, ter-se-á atacado o problema capital da nossa economia.

Enxergar as necessidades do Nordeste como de criadôres de gado, é malhar em ferro frio. Só acabando com as secas. Os açudes não o conseguêao. São apenas medida preventiva. Medida para a agricultura. E' verdade que nos descampados vastos dos nossos sertões, a humidade dos açudes, diminuindo a marcha dos ventos, força a queda das chuvas. Não deixará, porém, de entrar como influencia poderosa, o capricho climaterico.

(RECIFE)

A. DE LIMEYRA TEJO

ABRIDEIRA

MATEUS CAVALCANTE

A America acaba de receber uma grande missão: a missão do entusiasmo. Delegou-lhe a incumbência o fino poeta Ronald de Carvalho, numa conferencia sobre a moderna poesia americana. Em nome da mandataria aceitaram o encargo, agradecendo a honra da escolha imerecida, S. Exa. o sr. embaixador Morgan e a selecta assistencia.

Segundo todas as aparencias o que ditou tão sabia decisão foi a necessidade em que se viu aquêle poeta modernista de definir o espirito americano no que ele tem de original e inconfundivel, para, pesquisando as diversas modalidades desse caracter geral em cada um dos grupos etnicos deste continente, assignar-lhes uma voz á parte no côro das civilizações contemporaneas. Para isso era preciso perscrutar as tendencias intimas da América, que devia sentir-se á vontade no seu papel, destinar-lhe uma função compativel com a sua indole: "The right continent in the right place". Reservando-lhe a missão do entusiasmo, o esteta dos "Epigramas", coerente, aliás, com os seus precedentes intelectuais, reconheceu "ipso facto" em tal missão o procurado caracter diferencial. Para ele a poesia americana será a poesia do entusiasmo ou não será. Essa lhe parecendo a sua finalidade natural, foi disso que ele a inculcou, oficializando assim uma situação de facto anterior.

Os quadros vastos dificultam a compreensão das coisas. Ninguem pôde ter uma visão total da América sinão na escala das cartas geográficas. E não é necessário dizer quanto é difícil reconhecer na realidade o que só se conhece através dds mapas, ainda que sejam em relevo. Por outro lado a incumbencia que

recebeu o Novo Continente diz respeito á actividade espiritual dos seus habitantes. Ora, nessa materia principalmente, o qué verdade para o todo, é verdade para cada uma de suas partes. Alem do mais, falando em "poesia americana" o sr. Ronald de Carvalho usava, evidentemente

esse individuo se haverá no desempenho do mandato.

Imaginemos um poeta americano estalão. Ele recebeu a palavra de ordem: "Entusiasmo, hein! Muito entusiasmo!" O poeta americano é brioso. Não é preciso insistir. Ele dará conta do recado. Empertigou-se. Respirou — 1. Espiou — 2. Outra vez : 1—2. Bem. Bateu no peito (com força). Fez um olhar sobranceiro. Pegou no chapéu num gesto agil e elegante. Saíu seguro de si, pisando duro.

Lá vai êle, dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—Quem é aquêle camaraada ?

—E' um americano, o poeta.

—Ah ! é um americano ! é o poeta !

A multidão se curva á passagem do vate. Lá vai êle dominador, altivo, com uma chama estranha a perpassar nos olhos deslumbrados.

—“Alô, poeta !

—Ale-guá guá guá ! Ale-guá guá guá ! hurrah ! hurrah ! America !

—E's do campeão ?

—Não.

—Quem é esse então, poeta ? Agora reparo nessa chama estranha a te perpassar nos olhos deslumbrados. Que é que tu tens hoje ?

—Entusiasmo !

—Viva ! Pegaste a centena ! Escreveste a obra-prima ! Amas e és amado ! Amar e ser amado, ó que ventura !

—Nescio !

—Então ? Fala, meu louro. Me diga o que ha...

—Não sei não, uai ! São ordes."

Canibal, meu négo, que fastio é esse, onde estavas tu á hora da conferencia ?

(RIO DE JANEIRO)

LUNDU' DO ESCRITOR DIFÍCIL

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquisila
Porém essa culpa é facil
De se acabar duma vez:
E' só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

Cortina de brim caipora
Com teia caranguejeira
E enfeite rúim de caipira,
Fale fala brasileira
Que você enxerga bonito
Tanta luz nesta capoeira
Tal-e-qual numa gupiara.

Misturo tudo num saco
Mas gaúcho maranhense
Que para no Mato Grosso
Bate êste angú de caroço
Ver sopa de carurú;
A vida é mesmo um buraco,
Bobo é quem não é tatú!

Eu sou um escritor difícil
Porém culpa de quem é!
Todo difícil é facil
Abasta a gente saber.
Bagé piché chué, ôh "xavié",
De tão facil virou fossil,
O difícil é aprender!

Virtude de urubutinga
De enxergar tudo de longe!
Não carece vestir tanga
Pra penetrar meu cassange!
Você sabe o francês "singe"
Mas não sabe o que é guariba?
Pois é macaco, seu mano,
Que só sabe o que é da estranja.

MARIO DE ANDRADE

de uma abstracção, que é preciso entender-se no seu verdadeiro sentido de "poesia dos americanos, de cada americano, considerada em conjunto".

Para melhor compreender o alcance da missão devemos, portanto esamina-la do ponto de vista do individuo americano. Desse modo tudo se reduz a saber como

2 POETAS E 1 PROSADOR

A. DE A. M.

VARGAS NETTO — *Gado chucro* — Porto Alegre — 1928.

O poeta mesmo confessa no fim do volume: *o que cantei meu coração mandou*. E como é coração gaucho ditou versos gauchescos. O que não é rigorosamente lógico mas explica o regionalismo do *Gado chucro*.

Aliás um regionalismo que se entende, sem abuso de expressões e alusões locais.

Vargas Netto exalta a paisagem e a vida heroica e trabalhosa dos pagos. Com o entusiasmo e a força a que já nos habituaram os poetas do sul. No autor de *Joá* porém a inspiração é mais popular, o troveiro se manifesta de modo mais flagrante. Além disso o ritmo quase sempre é marcado, a poesia vira canção sem querer.

A gente cantarola com gôsto cousas assim:

*Tropa crioula de gado sem costeio,
de pello desigual...
Tropa de gado que não viu mangueira
nem laço jamais...*

Ou então:

*Negrinho do pastoreio,
que malvado é teu patrão!
Vae te picando miudinho
depois te amassa na mão;
e te enrolando na palha,
com cuidado, de vagar,
encontra o fogo na ponta,
negrinho, pra te pitar!*

Gosto menos da parte denominada Poema das Missões. Não porque nela tenha sido infeliz o cantador. Mas porque acho pau e já surrado por demais

isso de glorificar em verso o passado brasileiro. O talento de Vargas Netto não tem precisão de bater no bumbo patriótico para mostrar que aqui nasceu.

CHARLES LUCIFER — *Cynismes suivis de Sensualismes* — Paris — 1928.

Escrevendo em francês o poeta brasileiro que adotou o pseudônimo de Charles Lucifer pegou a ginástica poética lá da França. E com essa ginástica o desprezo alegre pelo mundo, sua gente e suas cousas. Fala da tarde que

*...finit come une dépêche
sans signature
pour le rendez-vous du couchant,*

do dia que se vai e que

*... se moque du monde
et en prend congé par simple politesse,*

do crepúsculo

*où brille l'astérique de Vénus
rappelant un soleil mis au bas de la
page,*

para depois concluir:

On s'en passe...

De modo que a gente deve considerá-lo como francês e não como brasileiro traduzido. Porque ele pensa e sente em francês. Do contrário Copacabana não lhe sairia assim:

*Le promontoire chirurgical
surgit parmi l'ouate des compresses
du portefeuille de ce soir opératoire,*

*Et sur le ventre de la mer
d'un coup sur et soudain
luit le bistouri tranchant du phare
en tour de force laparatomique,*

*Dans le bas-ventre horizontal
coule sur la concavité de la plage
la pléthore blanche
de la leucocytose nébuleuse des lu-
mières.*

Opinião provinciana talvez: a poesia de Charles Lucifer é um exercício.

Opinião não provinciana talvez: a poesia de Charles Lucifer é um saxonfone.

Está claro que niguém (nem eu mesmo) é obrigado a adotar uma das duas.

MONTIEL BALLESTEROS
— *Montevideo y su cerro* —
Montevideo — 1928.

São contos sincopados com um pouco de sátira e um pouco de invenção. Pensando bem: mais de invenção do que de qualquer outra cousa.

E' o sétimo livro do autor de *La Raza*. Autor inquieto e apressado. Principalmente de um bom humor que não tem fim. Passa gozando por todos os assuntos. O conto chamado 20 Blasco Ibáñez é bem característico de sua maneira: nem é propriamente conto nem deixá de o ser.

Ignoro se Montiel Ballesteros é jornalista. Se não é devia ser. Tem qualidades ótimas de cronista. Escreve com extraordinária facilidade, põe logo o negócio em pratos limpos, parece ser um vivido.

Montevideo y su cerro tem cousas que nós do Brasil não podemos entender. O que não impede que se goste do ritmo secundido do livro.

NAMÔRO

Um arsinho frio
fazendo frufrú na cara da gente
e a gente fazendo calentura
de beijos na noite friorenta
— Tá com as mãos frias? meu bem
— Mas tou com o coração quente, amorsinho!

(RIO DE JANEIRO)

JOSUE' DE CASTRO

EMPREZA GRAPHICA LTD.

LIVROS, REVISTAS,
EDIÇÕES DE LUXO
— SERVIÇOS —
COMMERCIAES



RUA SANTO ANTONIO, N. 17
TELEPHONE 2-6560

S. PAULO

A TARDINHA EM VIAGEM NO SERIDÓ

JORGE FERNANDES

O meu carro vae rodando nas estradas de areia barrenta ou de cascalhos e eu vou vendo o verde longe e o verde perto das ju remas junto a estrada...

As caatingas vão se tornando escuras esfregando os olhos com somno...

Na carreira do carro aparece de sopetão um serróte, as vezes com uma pedra fina e sisuda apontando o céo. Outros com pedras tambem parecendo dêdos muito grandes apontando: — Olhem aquilo ali — E eu olho e vêjo só desertos de serras e um restinho de

luz do sol se acabando nas coreundas das serras, verdes... verdes...

Outras pedras agrupadas e enfeitadas de facheiros vão passando na ligereza da viagem...

E o carro corre entre arvores e serrótes até que a bôca-da-noite — chega agasalhando tudo acendendo os olhos dos bacuráus, das rapôzas, das tacácas, antes que o meu carro abra tambem os seus olhos atrapalhadores dos bichos que precisam ganhar o seu pão, a noite, farejando nas estradas...

(NATAL)

Lundú do Escravo

6-72, Recitando

Quando mia Sinhô me disse: — Pai Francisco, venha cá! Vai cha-
medindo, *b=100*

ma sua feitô, Que tu tá para casa. — Eu fiquei todo espantado Começou gam-
b=116

ba que caw no la - ça! Seu bem me dizia, Seu bem me dizia, Seu bem me di-
zia que eu havia de pagá!

**Por ter saido com incorrecções no n. 5 re-
produzimos o “Lundú do Escravo” que fará
parte do “Compêndio de Historia da Música”
de MARIO DE ANDRADE já no prelo.**

O POEMA DA ESPERA

MARIO GRACIOTTI

Hontem, eu fiquei na esquina. Paradinho. Feito lampeão de bairro pobre. Só prá esperar você. Acho que levei mais de uma hora, e o solzão do meio-dia cantando no meu lombo, que nem cigarra, uma canção que até doia. Mas, eu firme. Não arredava pé. Você tinha entrado e tinha que sahir. A' muque. E saboreando você como se você fosse coisa bôa e gostosa pro meu paladar. O grillo da rua — um hungaro todo azulado — me dava cada grellada que eu até estremecia por dentro. Mas, firme. Eu me lembraava, romanticamente (e o sol queimando no lombo...) daquelle olhar meio-doce que você mandou quando entrou na casa amarella.

Esperei. Eu parecia até a sombra imaginária de um poste que não existia. Quando você rumou prá cidade, eu fui atrás. Mas, voltei depressa. Zuniram nos meus ouvidos as taes: "Você não enxerga, seu convencido!".

Passei, na volta, tão tonto pela esquina, que levei uma trombada de automovel. Escarrapachei-me no asfalto quente. De bruços. Com poeira na boca. E o grillo — aquelle mesmo hungarão todo azulado — deu tamanha gargalhada que botou ruas e praças nos meus pés.

Tambem, nunca mais!

(S. PAULO)

PAIZAGEM DE MINHA TERRA

BRASIL PINHEIRO MACHADO

Manhã de domingo de sol reto.
A grande igreja sem estilo
Decorada por dentro por um batismo de Cristo
Feito por um pintor ingenuo.
Que quiz ser classico e foi primitivista.

Missa internacional
Com gentes de todas as raças
Ouvindo o padre alemão rezar em latim.

Agente nem tem vontade de olhar o crucifixo dezolado
Nem de rezar
Porque tem lá dentro tanta menina bonita
Que não reza tambem
E fica sapeando agente com meiguice...

Só os polacos de camiza nova por ser domingo
Que vieram com as familias de carroça lá das colonias
Rezam fervorozamente
Em quanto nos seus quintaes
Os chupins malvados e alegres
Comem todo o centeio
Cantando glorias pro sol de domingo.

(PONTA GROSSA)

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

O JARDIM PUBLICO

YAN DE ALMEIDA PRADO

V

Devagar tinha chegado o grupo de sargentos á avenida Tiradentes, examinando sempre as mulheres que viam pelo caminho. Ainda era possível topar com as raparigas que de noite vagueavam pela rua João Theodoro até a beira do Quartel. Eram de fácil conquista, bastando poucas palavras para ajustar passeio á Ponte dos Amôres, ou coloquio no quarto de um companheiro camarada, situado nos cortiços da redondeza. Pararam os rapazes durante alguns momentos na larga esplanada que forma a avenida naquele ponto. Do lado da estação o movimento de gente era intenso; do lado oposto iam rareando os transeuntes á medida que se adiantavam pela zona militar. Antes de transpor o último trecho do caminho e chegar á rua que demandavam, correram os sargentos a vista pelo espaço diante deles, numa derradeira tentativa de enxergar alguma rapariga facil.

Ao soldado só não convém mulher contaminada por doença venérea: a côn, idade ou formosura são pormenores que desaparecem devido á escassez do soldo que tudo reduz a uma questão de saúde. No entrar para o quartel, os recrutas aprendem, pelo exemplo quotidiano e pelos comentários que ouvem a todo momento, a aproveitar qualquer saia-que lhes chegue ao alcance. Procuram as raparigas mais caras e melhores para os dias do recebimento de soldo, deixando as outras para o fim do mês, quando está vazia a algibeira. Resulta do costume ser frequente o espetáculo de um par em que a mulher aparece quasi repugnante ao lado de um jovem soldado no viço dos vinte anos. Ela, sem asseio porque no bordel em que mora ha falta de agua (antigamente nos bairros pobres de S. Paulo as torneiras para nada serviam durante quasi o ano inteiro). Ele, asseiado pelo banho diario obrigatorio do quartel, de onde também o não deixam sair com a farda em desalinho. Apezar das diferenças de condições, continuavam por 1924 (e não terá mudado muito) os amôres entre soldados limpos e mulheres misérvias, sem interrupção, sempre na mesma, através das levadas de homens que se sucediam no Corpo Escola. Por vezes, naquele meio militarizado, aprecia a informação de que tal mulher estava "pegando molestia", porém só lhe davam crédito deante de provas do anuciado acidente. Não sendo assim, supunham decorrer a informação de algum despeito ou rusga, vulgares no invariável circulo formado pelas decaídas e seus freguezes. A mulher da

praça de pré não sae de certa roda, composta do primeiro soldado que conheceu, dos amigos deste e de todos os amigos dos amigos deles que veio a conhecer com o tempo. Quando a cabocha, mulata ou negra, deixava os braços de um infante era para cair nos de um cavalaria, ou bombeiro, chegando muito raramente ao extremo de se amasiar naqueles tempos anteriores á revolução com guardas civicos. Estes eram os "galegos", como lhes chamavam na gíria, na quasi totalidade portuguezes bigodudos, antigos moços da lavoura, grande apreciadores de mulheres de côn, porém aquartelados em outra zona muito diversa, nos confins da varzea do Carmo, longe da séde da Força Pública.

Os tres sargentos parados na avenida demonstravam pouca pressa em cumprir a resolução de se recolherem cedo. Recomeçaram a caminhada de má vontade, arrastando os pés, esmiuçando o exame das mulheres que passavam ao alcance da vista. Ao ver de longe duas raparigas que iam em direcção á rua Ribeiro de Lima, um dos rapazes convidou os outros para seguir-as.

— Vamos ver si ainda pegamos aquelas.

— Vá você. A esta hora, já quasi no alojamento, sem ter certeza, não vale a pena. Vá você sozinho si quizer.

Todo soldado daquela zona conhece o desânimo de certos momentos da noite, depois de muito tempo passado á cata de aventuras. O tempo vai passando, cada vez mais enervante e vazio á medida que se aproxima a hora de entrar para o quartel.

Continuaram os outros o trajecto, chegando aos poucos á rua João Theodoro, que desceram lentamente. A' esquina da primeira travessa estava um grupo rumoroso de meninas da vizinhança (italianinhas como lhes chamavam por causa do sotaque carregado) que falavam e riam alto.

— Você si alembra Celestina, do canarinho que eu teneva?

— Me alembro sim. Quedele?

— Si deixô comer o gato...

O habito de ouvir falar daquele modo impedia que os sargentos achassem extravagante a conversa das moças. Olharam atentamente para o grupo das meninas, exuberantes de saúde e vida em que havia tipos verdadeiramente lindos de beleza popular.

— Para mim esse negócio de meninas de família não vale nada.

— Para mim também.

— Pode ser bonita como quizer, dá no mesmo. Namorar por ai atôa, passar as noites arretando em seco com

menina que só quer casar, é coisa que eu passo.

— Nem comprehendo como o Tito gasta tempo nessa bobagem. Ele conta muita garganta mas eu sei como é a escrita. Eu tambem já namorei muito noutro tempo, quando eu era anspesada. Sei o que é essa cavação, não dá licença, não se pôde fazer nada por essas ruas porque tem sempre uma amiga ou conhecida que está vendendo para dar um beijo é a mesma coisa que acertar no milhar. Só mesmo num dia de chuva, escondido na porta da casa dela, quando não passa ninguem, mas pertinho da familia, de relance, é que a gente chega perto e isso mesmo com muito luxo. Não me serve, não.

— Tem casos diferente. Uma vez na vila Sá Barbosa eu fui atras de um mu-ro e dei de cara com dois que estavam ali de pé. A moça quando me viu deu tamanho pinote que até os grampos do cabelo desprenderam caindo no chão. O rapaz era um cabo do segundo que achou ruim. Eu fui, disse para ele que não me incomodava com a vida alheia, que até si ele quizesse podia continuar á vontade que eu nem olhava.

— E continuou?

— Qual o quê, a moça corria que nem dôida. Sumiu numa travessa e nunca mais vi ela.

— Então você empatau o cabo...

— Foi mesmo. Mas tambem quem mandou naquele lugar. Ainda eles tiveram sorte que não foi o Cassiano em vez de mim.

— Mas isso acontecia lá para os lados da Vila. Aqui com esse movimento e pessoal que traz de noite a cadeira para sentar na calçada, nem é bom pensar nisso.

Continuaram os rapazes a comentar a dificuldade da conquista de mulheres para quem não dispõe de fartos recursos. A certa altura o mais cansado perguntou si não iam embora. O outro, que estava apreciando o grupo das meninas apesar de tudo que tinham dito, insistiu para que esperassem ainda um pouco.

— Vamos esperar o Antonio: não demora ele está aí.

— E' capaz de demorar.

— Qual! Ele corre, corre, banca o pato atras das gansas e depois volta com um bruto carão! Aquelas vagabundas que ele está perseguindo já estavam de trato com os infantaria da esquina.

— Você tem certeza?

— Tenho. Eu não sou cego, si não disse para ele foi só de mau.

(Continua)

BRASILIANA**BALCÃO**

VII

MÃE

De um artigo de Manoel Victor na *Folha da Noite* de S. Paulo, n. de 28-9-28:

"A qualidade de ser mãe não exige distinção de raça, de classe ou de côr"

GOVERNISMO CEGO

Noticia do *Minas Geraes* de Belo Horizonte, n. de 8-9-28:

"Realizou-se no Instituto de Cegos São Raphael, de modo singelo e significativo, um momento cívico em commemoração à gloriosa data da independencia.

Na sala de palestra, com a presença dos funcionários do Instituto, iniciou-se a cerimonia com o Hymno Nacional, cantado pelos alunos e acompanhado ao piano pelos professores João Freire de Castro e José Ferreira de Oliveira.

Para melhor conhecimento dos ceguinhas ali reunidos, o director do Instituto leu no "Minas Geraes" o movimento patriótico de Belo Horizonte em commemoração à gloriosa data.

Depois de terminar a leitura na parte referente á resenha administrativa do 1.^o e 2.^o anos do actual governo do Estado, os ceguinhas, alegres e satisfeitos, proromperam em vivas ao governo.

Ao encerrar o momento cívico, foi cantado o Hymno à Republica".

PROGRESSO

De uma correspondencia para *O Guarará* (Minas Geraes), n. de 1-7-28:

"Acaba de fazer aquisição de uma excellente victrola ortophonica, o nosso distinto amigo cel. Bertholdo Garcia Machado.

Graças á divina inspiração deste amigo, e ao espirito elevado e culto de Bianco Filho, representante da Empreza Ortophonica, o Maripá collocase á vanguarda do progresso com a chegada da victrola, portadora das produções musicas dos mais afamados maestros.

Muito gratos, somos ao cel. Bertholdo Machado, pelos agradaveis momentos que nos tem proporcionado com a sua excellente Ortophonica."

ABDIÇÃO

Telegrama de Curitiba para a *Folha da Noite* de São Paulo, n. de 7-7-28:

"A senhorita Rosinha Pinheiro Lima acaba de dirigir um officio aos directores da Federação de Academicos do Paraná, renunciando o lugar de "Rainha dos Estudantes Paranaenses" que desempenhou durante dois annos.

Tem sido muito commentado, nas rodas esportivas e sociaes, essa determinação da senhorita Pinheiro Lima."

LIVROS A' VENDA:

Na *Livraria Universal* (r. 15 de novembro n. 19 — S. Paulo):

- S. Leopoldo — *Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul* — 2.^a ed.
- Monteiro Baena — *Compendio* — Pará.

Na *Livraria Gazeau* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

- *Archivo Pittoresco* — 11 vs. enc.
- *Panorama* — 17 vs. enc.
- *Lusiadas* — coment. por Faria e Sousa.
- Vieira — *Sermões* — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.^a ed.
- Innocencio F. da Silva — *Diccionario Biographico* — 19 vs. enc.
- F. Manoel de Mello — *Epanaphoras de Varia Historia* — 1660.
- Fr. B. Brandão — *Monarquia Lusitana*.

LIVROS PROCURADOS:

Pela *Livraria Universal*:

- Roquette Pinto — *Rondonia*.
- Ruy Barbosa — *Replica*.
- Oliveira Lima — *D. João VI no Brasil* — 2 vs.
- *Revista do Instituto Histórico Brasileiro* — tomos ns. 20, 21, 22 e 32.

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (av. brig. Luis Antonio n. 188 — S. Paulo):

- Manoel Calado — *Valeroso Lucidemo*.
- Duarte de Albuquerque Coelho — *Memorias Diarias*.
- Alvarenga Peixoto — *Obras* em 1.^a ed.

A assinatura anual**da****REVISTA DE ANTROPOFAGIA****custa****RS. 5\$000**

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Gerência etc. de RAUL BOPP

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

P E S C A R I A

Hoover vem aí. Quando ele se candidatou à presidência norte-americana o Brasil cafeeiro vetou seu nome. Foi das cousas mais engracadas desta terra tão engracada além de essencialmente agrícola. Agora estão sendo preparadas manifestações oratórias. Está claro que está certo.

Hoover vem aí e vem pescando. O batalhão de jornalistas que o acompanha radiotelegraфа todos os dias contando os sucessos da pescaria. Nem tubarão tem refugado diante da isca. E o presidente sorri cada vez mais contente da vida.

Hoover vem aí. Vem pescando no mar. E desce de anzol feito bengala. Na terra continua a pescaria. Daqui a pouco a costa sul-americana do Pacífico está no papo. E só substituir a minhoca da isca. O pessoal todo já abriu a bôca esperando as comidinhas irresistíveis: panamericanismo, fraternidade continental, a América dos americanos.

Hoover vem aí. Vem aí e vem pescando perguntar que fim levaram as nossas tradições antropófagas.

Brasil, meu amor, você também virou peixe?

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

ANECDÓTA DA BULGARIA

Era uma vez um kzar naturalista que caçava homens.

Quando lhe disseram que também se caçam borboletas e andorinhas,

ele ficou muito espantado, e achou uma barbaridade.

(Belo-Horizonte)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

“A'S VEZES ASSENTAVA-ME SOBRE UMA PEDRA OU SOBRE ALGUM TRONCO DE MADEIRA RODEIADO DE TRINTA OU QUARENTA INDIOS. CONTAVA COUSAS DA EUROPA PROCURANDO EXPLICAR-ME POR MEIO DE IMAGENS. ELLES IMAGINAVAM QUE O BRASIL FOSSE TODO O MUNDO; ADMIRAVAM-SE POIS OUVINDO DIZER QUE ALEM DO GRANDE RIO (OCEANO) EXISTIA A EUROPA DIVIDA EM MUITOS PAIZES DE LINGUAS DIFFERENTES ETC.; O CUMULO DE ADMIRACAO ERA SIGNIFICADO POR SONORA GARGALHADA.”

P. Nicolau Badariotti - Exploração no Matto Grosso - p. 69

MANHÃSINHA

Um homem. Dois homens.
Tres homens.
Os parallelepipedos lustrosos
escorriam agua
dos autos barulhentos
da Prefeitura Municipal.
Quatro homens.
Cinco homens que gastam 4.000 calorias
entraram na Fabrica.
No 6.^o Andar
uma mulher debruçou-se na sacada
com o corpo quente
amassado numa cama de ferro...
O dia vinha chutando

OXYGENIO

no fim da rua...
O chaminé da Fabrica
preto esguio
que tinha jogado petéca
a noite inteirinha
com a lua de couro
soltou uma fumaça parda.

(Rio de Janeiro)

JULIO PATERNOSTRO

A**Sociedade Capistrano
de Abreu**

(45, rua Capistrano de Abreu —

Rio de Janeiro)

está publicando o edital para o

CONCURSO DE 1929

com a tese

"O RIO SÃO FRANCISCO

NA

HISTORIA DO BRASIL"

**A ANTROPOPHAGIA EM
CAMPINAS**

Dizem os tolos que a anthropophagia desapareceu de nossa boa terra brasilica.

Que sarambés e que sarambelões! Se ha cousa vinculada á alma brasileira é este pequeno e inocente vicio guloso que levava a velha india convertida a pedir *in extremis* ao seu confessor um dedinho de curumim a chupar!

Ouçam os povos a veridicissima historia campineira que lhes vou contar. E reflectam: a voz da infancia é a voz de Deus! e a voz da Deusa que, na opinião dos horripilantes e felizmente defuntos gregos e romanos, habitava o fundo dos poços.

Assim, um infante campineiro, pelas palavras da sua innocencia, trahirá esta preocupação racial intensa da gente do Brasil (com *s* e com *z*): A ANTHROPOPHAGIA.

Assassinaram ha tempo um coitado de um campineiro que deixou enorme filharada numa pinda "disgraciada" ou antes "indisgraziata" como nos ensina o nosso grande Juó Bananére, brasileiro "inlustre".

Um de seus pequenos foi recolhido á casa de bom e rico parente que deu optima vida ao tal crila. Tinha elle seus tres annos. Passados uns meses foi o pequeno reclamado por um tio paterno que pediu lho mandassem, por uns dias, afim de que conhecesse os priminhos...

Poz-se o typinho a urrar desesperadamente, no auge do desespero. "No ultimo!" como se diz no Oeste. "Não quero ir para a casa de Titio! Não quero! Elle não tem o que comer! Elle não tem o que comer!"

Ficou o protector abysmado com a attitude do pequeno! — Sim senhor! Que guela se preparava alli! Que sujeitinho interesseiro e safadinho! Que aguia! Resolveu pois interpellal-o:

— Que historia é esta? Porque não quer você ir para a casa de seu tio, seu diabinho?

Derretido em lagrimas poz-se o menino a berar, esperneando como o classicoo possesso:

— Foi Você mesmo quem disse que elle não tem o que comer. Se elle não tem q que comer é capaz de me comer! E' capaz de me comer! E' capaz de me comer!

Era a voz dos ancestris! Era a voz da velha do curumim! Era a voz grave e magestosa do velho Brasil que resurgindo echoava em Campinas!

E diga-se depois disto que a anthropophagia desapareceu do Brasil! que não é a unica legitima manifestação destes Brasis hodiernos!

E que nestes não ha lugar, para a *Revista da Anthropophagia*. Tantans! Bucuvas! Sarambés! Sararás!

(CAMPINAS)

UBALDINO DE SENRA

UMA REZOLUÇÃO HEROICA

SEBASTIÃO DIAS

Entre o chirriar insistente dos grilos, o coaxar das rãs e a segunda sóca dos canaviais me situei ha um mez. Nos limites da horta jardim e a encosta do monte ha tambem o barulho do riacho que se despeja pela bica no banheiro arruinado.

Como tudo ali ele recorda a epoca de tempos outros que deveriam ter sido melhores. Havia nas coizas um ar abatido respirando melancólica rezignação: só o terraço alto persistia altivamente nobre mau grado os andrjos de cimento que lhe enchiam as fendas.

com outros poetas.

Dezanimado me sentindo incapaz de pensar coizas absurdas rezolvi escrever uma carta cujo tema fosse um que eu vira num Secretario Universal "a um parente transviado aconselhando-o voltar a trilhar a senda do bem". Escrevi 29 linhas sem entrar no assunto. Receei bater o 31 ou a 31 sem conseguir principiar. Tentei recordar todas as primeiras frazes dos romances que eu já tinha lido. Comecei pela "Volta ao Mundo por Dois Garotos" (4 Vols.). Não me lembrei. Segui prás "20 Mil Leguas Submari-

que o relojio fosforecente dele marcasce.

Pensei nas cauzas da minha atual vacuidade de espirito; a auencia da possibilidade proxima duma aventura amoroza mais ou menos complicada devia contribuir mais que a falta de sensações daquela vida monotoná.

O candieiro por cauza do pouco querozene ameaçava apagar e a noite me enguliria com toda a sala e mais a caza. A luz era portanto necessaria. Era a unica defesa que eu possuia naquele instante contra a ameaça

Pour Revista de Antropofagia,

*Happiness is the freedom from
the yoke of experience.*

J. Krishnamurti

A sala ampla que devia ter sido de vizitas onde eu dormia com meu irmão em redes, que pela manhã enrolavamos e penduravamos nos proprios tornos estava fria na noite humida.

Fóra o sereno ia apagando inexoravelmente uma por uma as luzes dos cassacos.

Algumas recalcitravam mas tinham de ceder á força maior da obrigação do trabalho matinal.

Diante do candieiro a gaz o romance não conseguia me interessar. Levantei a cabeça, tirei os oculos, fechei os olhos e fiz força pra dizer um soneto de Cruz e Souza. Não consegui. Fiz a mesma experienca improfiqua

nas" de Julio Verne. Nada. "David Copperfield" de Dickens, "O Estigma Rubro", romance cinepocial; tambem inutil.

Então pensei na primeira palavra de cada um desses e outros romances. Em vão. Comprovada a minha esterilidade mental naquela noite procurei conversar: ninguem, fóra meu irmão que estava entra não entra no sono, estava acordado.

Antes disso abri a janela, entrou aquela friajem e eu só vi no bloco cerrado da noite a luzinha da caza do vijia. Com pouco mais ele havia de bater com a maçaneta de ferro no peado de trilho pendurado na frente da caza grande as horas

na minha integralização nas trevas.

Sim, porque nenhuma vela eu possuia no momento.

Perhaps next season my great delicious dream be already dead.

Quanto eu desejaría ter escrito estas palavras, embora mesmo se em vez de perhaps eu puzesse suponhamos surely. Mas foi a Deirdre que escreveu. Só o prazer de ter uma iluzão. Devididamente o unico remedio seria o sono que custava. Puz a boca fora da janela e recolhi 15 gotas de orvalho; em seguida enguli-as, dei graças a Deus e adormeci profundamente.

(RIO DE JANEIRO)

2 ENSAISTAS

PAULO PRADO — Retrato do Brasil — S. Paulo — 1928.

Este ensaio sobre a tristeza brasileira não tem nada de alegre. Também não se pode dizer que seja triste. É severo e mais nada.

Se Paulo Prado tivesse se contentado no seu quadro impressionista em desenhar o grupo das quatro desgraças — a luxúria, a cubiça, a tristeza, o romantismo — o livro não provocaria o protesto dos patriotas. Mas quiz concluir, devia concluir. E a conclusão amargou na boca dos tristes.

O doente não tem medo da doença. Tem medo do diagnóstico e pavor do tratamento. Você se queixa disto? É. Sente isto? Sinto. Sente mais isto? Também sinto. Então tem isto. Não, não tenho, não é possível, não estou assim tão ruim que diabo.

Toda a gente confessa que o pintor foi muito feliz no pegar a boca, os olhos, o nariz, a testa, o queixo do modelo. Mas o rosto não saiu parecido.

A feiura do retrato era sabida de todos. Nos jornais e nos congressos não há dia em que ela não se apresente até deformada para peor. Mas até agora não havia aparecido integralmente. Um gritava contra a política. Outro contra os costumes. O lavrador falava das aperturas da lavoura. O educador dos absurdos do ensino. Tudo isso parceladamente e nem sempre com conhecimento exato das causas.

Mas surge Paulo Prado. Então é uma inteligência acima de toda e qualquer suspeita (como certas virgindades) que descobre as mazelas. E o mal impressiona porque o médico tem inegável autoridade. Não se trata mais de um anônimo ou de um isolado confinado em seu isolamento. Porém de uma individualidade pioneira que sabe o que diz e sabe como diz. Depois a maravilha se repetiu: estudado como foi o tema ficou novo. Daí o escândalo.

O *Retrato do Brasil* tem para mim outro grande valor: é o testemunho de quem pertenceu à geração do Brasil-primeiro país do mundo e esse testemunho concorda com o da geração do Brasil — todo errado. Muita gente de minha idade vai agora dizer que não. Mas será fácil provar a incoerência. Geração revoltada que tem feito senão destruir, combater, renovar? Você na literatura. Você no jornalismo. Você na política. Você na crítica. Você na música. E assim por diante.

Paulo Prado escreveu um livro admirável. Se for preciso gritarei e com certeza repetirei.

**MARIO DE ANDRADE —
Ensaio sobre música brasileira — S. Paulo — 1928.**

E Mário de Andrade escreveu outro indispensável. Chego até o superlativo: notabilíssimo.

Há livros ruins como cobra porém

indispensáveis. Aquêles em que o autor sabe colher mas não sabe comentar. O que é dos outros é bom. O que é dele não presta.

Mário de Andrade com um método e uma paciência fora do comum andou pegando na cidade e no mato os motivos raciais da música brasileira. São mais de cem melodias populares, música e canto. Trabalheira benemerita de folclorista. Do jeito que ele fez ninguém entre nós fez ainda. É uma exposição (como ele chama) muito ordenada e muito clara. Tudo catalogado, fácil de achar e discutido com sabedoria.

Livro indispensável portanto e notabilíssimo. Notabilíssimo graças em grande parte à introdução onde Mario discorre sobre os problemas essenciais e atuais da música brasileira. É uma cartilha que devia ser adotada nos conservatórios.

E digo cartilha mas de facto é tratado. Há mesmo umas afirmações de Mário que transbordam da matéria do livro e merecem meditação na literatura e no mais. Infelizmente o espaço aqui não chega para a gente se aprofundar em certas frases do Ensaio.

Em todo o caso eu sempre quero dizer que Mário não faz só literatura de ação como ele diz. Toda a literatura dele é de ação não tem dúvida. Mas não só de ação. Às vezes o artista puro aparece sem querer. O que em geral é raro mas sempre bom.

A. DE A. M.

LEIAM:

PAULO PRADO — RETRATO DO BRASIL (ensaio sobre a tristeza brasileira)

MÁRIO DE ANDRADE — ENSAIO SOBRE MUSICA BRASILEIRA

TRISTÃO DE ATHAYDE — ESTUDOS (2.ª série)

VARGAS NETTO — GADO CHUCRO (versos)

AUGUSTO MEYER — GIRALUZ (versos)

O JAPONEZ

SYLVESTRE MACHADO

Deprehende-se das estatisticas policiaes que o japonez não é ladrão, nem bebado contumaz, nem tampouco desordeiro ou patriota em excesso. Esse ser excepcional, pequeno de estatura, não soffre do cancer. No Japão, dizem que essa doença é desconhecida. Deve-se attribuir isso ao chá, ou senão, ao arroz. Esses dois productos são enormemente consumidos no Japão, segundo o testemunho irrefutavel do snr. Aoki, pintor de paredes, que introduziu em S. Paulo a pintura á esponja, e que pintou as paredes de minha casa ha doze annos, quando eu tinha doze annos. Affirmativa tão retumbante, gravada na mente em tão tenra idade, da mente não ha de mais sahir. Nem que me venham provar o contrario os propagandistas do café paulista.

Além de não ter os defeitos arriba apontados, o japonez tem qualidades, uma das quaes é deliciosa, numa cidade como São Paulo, em que ha multidão de grosseiras aves de arribação, que guélam a torto e á direita, pisam e cospem sem cerimonia nos

transeuntes desprevenidos. Uma vez parou na minha frente um nippão. Fez tres profundas reverencias e pediu se, por favor, eu lhe podia fornecer um... phosphoro.

O japonez é o unico imigrante que se nacionalisa em poucos annos. Os filhos são brasileiros sem discussão na casa paterna. Aos poucos vão se tornando catholicos, o que é essencial para a sua integração na raça brasileira. As nossas tradições e festas são todas catholicas. O nosso passado é catholico e somos atavicamente impregnados de catholicismo, rezas, procissões, velas, confrarias, dia de S. João, etc.

Mas os nossos illustres medicos, que não quizeram receber Voronoff, acham que o japonez não é tipo "eugenico". O italiano-malaria, o espanhol-trachoma, o bessarabiano-torre-de-babel e outras migalhas de raças balcanicas, assim como os russos cheios de vodha, são, ao ver dos nossos sabios, raças sãs e fortes, que virão formar a bella raça brasileira de amanhã.

A nossa gente culta tem uma cultura tamanha que geralmente ignora que os nossos bugres são de raça amarella. Ha por ahi muito brasileiro puro sangue, legitimo e indiscutivel descendente de indio, olhos em amendoa, pelle oliva, estatura baixa, que não admitté o japonez, porque este viria estragar o nosso padrão eugenico. Não se enxerga.

Eu só desejo mais clarividencia nos caciques que mandam no Brasil.

Que façam uma viagem a Iguape, peguem num japonez e num bugre puro sangue e comparem.

Ora se o japonez é de raça mais brasileira que os "brasileiros" descendentes de portuguez, negro, italiano, espanhol, etc., porque resmungar á sua entrada na terra do guarany? O guarany é um irmão mais velho delle, que se installou em sua terra o Brasil, quando os brasileiros do litoral ainda se achavam em projecto nas espanhas, portugaes, italias e bessarabias.

(CAMPINAS)

A sair brevemente:

MÁRIO DE ANDRADE — **COMPÊNDIO DE HISTÓRIA DA MÚSICA**

OSWALD DE ANDRADE — **SERAFIM PONTE-GRADE** (romance)

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO — **LIRA PAULISTANA** (coleção de mo-
dinhas)

RUBENS DE MORAES — **UMA FAMÍLIA ESSENCIALMENTE AGRÍCOLA**
(contos)

ROMANCE DE UM MENINO TRELOSO

L. SOUSA COSTA

(Para o Jorge de Lima)

Quando eu era menino
Vivia fazendo gaiolas
De tabocas
De ponteiros
De barbas de bode
Para um gallo de campina
Que um dia
Num cajueiro
Fui encontrar num ninho!

Eu era menino
E elle tambem...
Eu porem
Gostava de procurar
Ninhos de passarinho
De matar rolinhas de bodoque
De fazer gaiolas
Pro meu gallinho de campina!...

Um dia o bichinho
Passava á larga
E ia dormir empapado!
Outro jejuava, jejuava, piava, piava
E eu não ligava...

“Ou menino marvado:
— Dizia a mãe preta —
Na Semana Santa
E esse treloso
Judiando com os passarinhos!”

Piu-piu! Piu-piu! Piu-piu!
E minha mãe dizia:
“Menino, vae dar pirão ao gallo de campina!”

(PARAHIBA)

ENCANTAMENTO

O sacy pererê do alto da serra
entrou na taba rasteira
do pagé de pelle de cobre,
e roubou a filha do velho.

E levou ella para a matta verde
para a festa pagã das mães-dagua
que tavam dansando
no limo verde da lagôa parada
a dansa tapuya do véo encantado.

E a moça começou a dansar
sobre o vidro verde da lagôa parada
e os olhos vidrilhos do anhanguéra
encantaram a moça morena.

E a tribu morena
perdeu a virgem morena de cabellos verdes.

E de noite as uyáras verdes
cantaram na noite cinzenta
no limo verde da lagôa parada
debaixo da sombra verde do jequitibá.

E mais uma uyára cantou.

(MINAS)



Empreza Graphica Ltda.

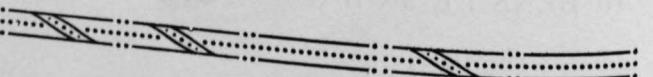
**Livros, Revistas
Edições de luxo
serviços
commerciaes**

Rua Sto. Antonio, 17

Teleph. 2-6560

S. PAULO

CAMILLO SOARES



OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

A PONTE DOS AMÔRES

YAN DE ALMEIDA PRADO

Capítulo 2º

Os sargentos pararam á esquina. Já estavam alguns minutos á espera do companheiro quando chegou um conhecido pertencente ao corpo de monitores da Força. Vinha todo satisfeito aparentando envaidecimento por algum facto lisongeiro que lhe acontecera. Cumprimentava prazenteiramente as relações que encontrava e, ao deparar os rapazes que estavam á esquina, expandiu-se em grandes manifestações de amizade convidando-os a entrar no botequim fronteiro.

— Vamos pessoal, eu pago. Vamos ver qualquer coisa, anda...

— O quê... você está embandeirado hoje!

— Talvez. Aconteceu um caso que depois eu conto para vocês. Vamos entrar...

— Nós estamos esperando o António.

— Não faz mal, não tem importância, de ali dentro mesmo nós chamamos ele quando ele aparecer.

Vencidos pelo argumento, os cavalarias aceitaram o convite do ginasta. Entraram todos no botequim. Abancaram-se á roda de uma mesa de onde podiam devassar a rua. Atraz deles estava o balcão do portuguez, dono da tasca, e ao lado a inevitável vitrina com doces e pasteis, existente em todos os "botécos" de igual categoria. Na sala atravancada era um vae-vem de soldados que iam ou voltavam dos quartéis. Antes de entrar de guarda, as praças costumavam comer um bocado ou beber um trago, quando não se abasteciam com qualquer cousa para comer de manhã cedinho. Um infantaria louro, moço conhecido dos sargentos, fez menção de tirar uma cocada da vitrina. O graduado espantou o rapaz:

— Não coma essa porcaria, Hugo. Você morre hoje!

— Por que?

— É veneno. No outro dia fiz a besteira de comer um desses troços... I... rapaz! Vomitei naquela árvore ali em frente, que até o sargento Aquino pensou que eu estava no pôrre!

— Não diga, seu sargento...

— Esses... de portugais só pensa em ganhar dinheiro envenenando a humanidade. Si você soubesse como isso é feito, você nem olhava para a vitrina.

O dono do botequim julgou que devia protestar;

— Nam sinhoire. Os dôces de cá sam feitos com leite du milhoire e óvos frescos.

— Qual seu galego, vá contar isso para outro. Pensa que eu não vi você comprar na feira óvos quebrados porque sae mais barato...

Desandaram numa discussão amistosa acompanhada de tapas na barriga e empurrões, cujo resultado foi o portuguê derrubar uma mesa e se espichar com estrondo no chão.

— Má raios... quasi que me parte as cadeiras... Olha, caí porque nam te quiz machucaire, sinão quando levantavas da mesa eu te passava uma rasteira quétatirava no barracão du picadeiro... — dizia o homem ofegante, ainda atordoado da queda.

— Sae dai, seu. Onde é que portugueiz sabe dar rastera! Vá contar garganta para os trouxa... Vá contar isso para teus patrício...

O outro foi atender um freguez arrastando a perna. Explicava ao cliente com riso um tanto amarelo:

— Isto são rapaziadas, coñeço o sargento Cândido desde que ele apareceu por cá recruta. E' muito bom rapaz, é camarada que intê parece portuguez. Prefiro assim a certos tipos, que querem ser óficiaes, que já arrotam galões, todos cheios de novhoras, a bancarem os neurasténicos antes do tempo!

— Não teria acontecido o tombo — dizia o Cândido — si estivesse aqui o Joaquim.

— Pruquê?

— Porque quem caia era ele...

— E' verdade — indagou o outro sargento, que fim levou o Joaquim, teu patrício?

— U que é feito dele?

— E'.

— Despedi-o pruque nam tinha presença de balcão.

— Eim...

— Incomodava-me ver ao pé de mim aquele gajo enfezado, seco a modos de tuberculoso. Eu quero é um tipo lègitimo, genuino lá la minha terra Mirandela, gente valente de Traz-os-Montes. Um pimpão que agrade ás donas, e si calhar saiba partir a lata dum hómm.

— Reforçado que nem Dudú

o lutador? — perguntou o ginasta.

— Temos muitos melhores. Vou mandar vir o mano Maneli. Vócês vão veri, aquilo é que é hómm, hómm.

— Vá, deixe de gargantas familiares, e traga mais uma cerveja — interrompeu Cândido.

Augmentara a barulheira em torno dos sargentos. Era um troar de chamados, bulha intensa de chicaras e assucareiros, pragas e trócas, que apezar do alarido pareciam atravessar a custo a atmosfera espessa do lugar. O botequim enchia-se cada vez mais de militares — os graduados nas mesas, os inferiores em grupos deante do balcão ou da vitrina das comidas. No ambiente turvo, reuniam-se homens vindos dos quatro angulos do paiz, do Norte, Sul, Leste e Oeste. — As suas vistas, antes de ver a scena que o quadro da tasca apresentava, tinham pousado sobre a margem de todos os rios, que correm para o mar ou para o interior, desde a Amazônia até o fim do Rio Grande. Tinham contemplado as monótonas coxilhas onde por vezes se arredondam capões circulares de araucárias, ou a caatinga reles, ou a floresta dominada pela Sumauma. Tinham visto Biribas, Chiriubas, Guaximas, Aningas, Andiróbas, Assacús, Anonas que sombream á ventura Goarás vermelhas ou Jaguariés — unas, ou sussuananas côn de óca. Tinham visto o leque e a palma do Buritizeiro, Assai, Guacumam, Carnauba, Muriti, sobre os quaes voejam Sanhaços, Tucanos, Periquitos, Arara verde e encarnada, Piranga azul e vermelha, Unas azul claro e azul ferrete, e Canindés amarelas e azul celeste. Tinham visto de longe o cimo verdejante e sem fim da mata, em que as ramarias das árvores disputam a altura para alcançar luz e calor e a base afunda na serrapilheira impenetravel. Tinham visto tambem a Caróba em flôr, a Suinam e a Pineira gigantescas, a Canafistula, o Ipé roxo e amarelo, o Canudo de Pito e tantos outros em que sobe a Bougainvilia, e onde se aninharam Oncidiuns juntamente com catléias El-Dorado ou alélia Tennebrosa. Cada retina daqueles homens guardara um trecho da sua terra, e a reunião de todas formava o paiz inteiro.

(Continua)

BRASILIANA

AVIAÇÃO

VIII

De uma nota da redacção do Diario Popular de S. Paulo, n. de 17-8-1928:

"Com o mesmo sorriso com que abraçou os companheiros ao deixar Roma para a travessia memorável até Natal, Del Prete despediu-se de todos, no leito de dor da Casa de Saúde, rumo à derradeira viagem. Para elle não tinha importância aquella partida e se viesse a ter, era como a prova maior, pois, quem percorreu a distância enorme, ligando, em horas, a Itália ao Brasil, só a travessia da Vida à Morte, poderia superar o seu grande record."

LITERATURA

Sub-título de uma notícia publicada pela Gazeta de Sergipe de Aracaju, n. de 14-9-1928:

"Lindíssimas "geishas" de olhos de velludo negro enccherão as alléas do parque "Theophilo Dantas" da graça sumptuosa dos "kimonos" esvoaçantes."

RELIGIÃO

De uma nota intitulada O meteorito "Santa Luzia de Goyaz" publicada pelo Triângulo de Araguari (Minas Geraes) e transcrita pelo Diario Nacional de S. Paulo, n. de 22-11-1928:

"Na ponta do "Corumbá", o sr. Ney Vidal, naturalista do Museu Nacional que o acompanhava, resolveu levá-lo a efeito o baptismo do meteorito — para o que convidou o dr. Americano do Brasil, para padrinho, e a senhorita Escolástica Ribeiro, para madrinha. Deram-lhe o nome de "Santa Luzia de Goyaz". Desse acto foi lavrada uma acta."

NECROLÓGIO

De um discurso pronunciado pelo snr. Anastácio Vieira Machado no enterro do snr. Balini Serafini e publicado pelo *Machado-Jornal* de Machado (Minas Geraes), 1928:

"Srs.

"Bem aventureados os humildes, os mansos de coração, porque delles é o reino dos céus", disse Jesus quando desceu a este valle de lágrimas, a que chamamos mundo.

Que poderei eu dizer, pensareis vós, sobre este humilde operário, cujos despojos aqui presentes vão, dentro em pouco, servir de pasto aos vermes da terra?

Direi do morto presente que foi talvez um fraco, que tropeçou algumas vezes, muitas vezes mesmo no caminho do vício...

Srs.: o morto presente, como disse, teve os seus destinos, mas, a esta hora, decerto, a sua alma desprendida dos laços da matéria, contricta e arrependida, curva-se aos pés do Creador. Entretanto, elle foi também um colaborador nesse certamen a que chamamos progresso; sim, Belline a par de suas fraquezas, foi um lutador, concorreu com o seu braço, com a sua mão callosa para muitas obras que aqui ficam para atestar sua operosidade. Haja vista aquelas bem talhadas pedras que formam a plataforma de nossa Estação da estrada de ferro, as quais atestam bem o esforço de seu trabalho; porquanto foi elle quem, já bastante doente, conseguiu com o seu ponteiro de aço e o estupim da dynamite, arrancar e apparelhar aquelles enormes blocos de granito, que lá ficam para perpetuar o seu nome modesto e humilde de apostolo do trabalho.

Paz à sua alma."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por Yan de Almeida Prado (avenida brigadeiro Luis António, 188 — S. Paulo):

— "Poesias" oferecidas ás senhoras brasileiras por um baiano (1830) — 2 vs.

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos" — 2 vs. — 1826-1830.

— "Sermões" de Antonio de Sá.

Compra livros raros em geral sobre o Brasil.

LIVROS A' VENDA

Arthur Findeisen (rua general Osorio, 61 — 3.^o andar — apart. 4 — S. Paulo) vende:

— *Rugendas* — ed. alemã.

— *Principe de Neuwide* — ed. alemã — 2 vs. de texto e a coleção completa de gravuras.

— *F. Denis* — ed. alemã. — 2 vs.

Tem também á venda grande número de gravuras soltas de *Rugendas* e retratos em marfim dos imperadores brasileiros.

Na *Livraria Universal* — (rua 15 de Novembro, 19 — S. Paulo):

— S. Leopoldo — "Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul" — 2.^a ed.

— Monteiro Baena — "Compendio" — Pará.

Na *Livraria Gazeau* (praça da Sé n. 40 — S. Paulo):

— Innocencio F. da Silva — "Diccionario Bibliographico" — 19 vs. enc.

— F. Manoel de Mello — "Epanaphoras de Vária Historia" — 1660.

— "Lusiadas" — comentado por Faria e Sousa.

— Vieira — "Sermões" — 16 vs. enc., sendo alguns em 1.^a ed.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Endereço : 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Gerência etc. de RAUL BOPP

CHACO

O conflito entre a Bolívia e o Paraguai a propósito do Chaco teve até agora pelo menos uma vantagem: mostrar a inutilidade absoluta da Sociedade das Nações.

Quando a macróbia Europa soube que dois meninos sul-americanos estavam se preparando para um sururú de verdade pensou muito convencida: Eu arranjo a causa em dois tempos. Briand, o cabeludo (como diz Daudet) se incumbiu de redigir e assinar o telegrama pacificador. O telegrama partiu. Briand deu entrevistas em que declarava terminado o incidente. Quem tem prestígio é assim. Acabem com essa briga, seus borrinhas. Os borrinhas com medo do chinelo abraçam-se cordealmente.

Mas a Bolívia e o Paraguai receberam o despacho, leram e continuaram a trocar beslícões. Nem ligaram. Briand encabulou. A Sociedade das Nações encabulou. A Europa (que soube do negócio) encabulou.

Só depois que o pessoal da América se decidiu a intervir é que as cousas tomaram melhor rumo. A voz da casa os briguentos cruzaram os braços. E tudo parece acabar em santa paz.

Assim está certo. Com a intromissão da Europa estava errado. Era quase preferível fazer a guerra. Só de pique.

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

**CÔRDO SATISFEITOS
ACOMPANHADO PELO ZÉ
PEREIRA DO BOM SUCESSO**

(dos Poemas de Bilu')

Confraria somos nós
da Beata Satisfação.
Viva nós e fóra vós !
Tudo é mesmo muito bão.

Pois quem foram que disseram
que esta vida é coisa feia ?
Quem falaram não souberam
como é firme a pança cheia

Fóra vós e viva nós !
Tudo é bão tudo é bão !
Tudo é mesmo muito bão,
muito bão bão bão !

(Porto Alegre)

AUGUSTO MEYER

**“Ya só Pindorama Kotí, itamarána
po anhantin, yararama ae recê”**

(grito de guerra dos tupis para a conquista do Brasil)

PRÉFÉRENCES

Moïse tu as fait couler les flots de ta barbe.
 Je n'aime pas les troupeaux de brébis qui
 déplacent les hanches du paysage.
 Car j'ai vu Goya peindre la maja
 à l'egal des juifs qui auraient lapidé
 l'adultère.
 Tu aimes comme moi, ô aimée! la nacelle
 des avions
 qui ont apporté d'un seul coup
 le chou, la brebis, le lion?

(Rio de Janeiro)

CHARLES LUCIFER

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

Mariquita fechou o Escrich
 e teve vontade dum hespanhol
 com seu punhal
 para matal-a.

(Minas)

PEDRO NAVA

A Festa do guarda-chuva

Quando S. M. Mau Gosto unico volta de uma das victoriosas campanhas em que se lança pelo espirito humano afora, traz um bando immenso de tropheus e prisioneiros para mostrar á gente cá da cidade. Aqui, junto da Guanabara, onde elle collocou a capital, sempre que se celebram esses triumphos Mau Gosto sente cheio de prazer, o vigor, a seiva com que lhe cresce o imperio: Não faltam nunca as platéas. S. M. que não é mais, está claro, aquelle rei semi-nu' coberto de ouros e armas, vem de fraque e chapéu de palha. O sol, electricista em chefe, derrama todo o calorão das apoteoses de rua. Desfilam os trophéus. São as coisas preciosas que elle abiscoitou na conquista. E nem faltam os melhores poetas e jornalistas que vêm para julgar e applaudir.

No ultimo triumpho de Mau Gosto, houve mais calor e mais brilho que nos outros todos.

Nem imaginam que tropheus

de pluma e prata despencaram pelas ruas, santo Deus!

Primeiro teve uma vaia. Mas vaia no Tempo, que estava passando, pra lá, pra cá. Só depois delle começava o desfile. Dentro duma bandeja alta offereceram os taes poetas melhores e jornalistas desta piquiri. S. M. Mau Gosto unico, estava em todo lugar, espiava tudo, fiscalizava todos, parecia o dr. Washington Luiz! Afinal começou a parada.

Xi! Que coisas tão bôas que elle trouxe, meu Deus!

— Aquillo tudo é prá gente pôr no pescoço?'

A gente estava se entusiasmado. Trouxe pavão da angola, trouxe tapete da persia, trouxe negrão escravo pitando no sedenho. E outras coisinhas amarellas, vermelhas, azues, contas, lacinhos.

Canibal velho agachado por debaixo das pernas, eh! Canibal sabido!, estava salta não salta em cima daquillo. Indio toda vi-

da gosta de continha. Só depois de admirante é que não gosta mais.

Hum!... Aquellas moças... e uma ia que nem vêr jardim suspenso, ou viuva fiel em dia de Finados. Antropophagia estava accesa, isca saltando na frente que parecia manjuba na ria. Os poetas melhores e os jornalistas da terra, marcavam opiniões com um lapisinho. Uma manta vermelha de pelos grandes. Canibal não poude. — "Dá licença!" Furou o povo, saltou de um pulo no meio da calçada, agachado, com geito feroz. Muita moça correu. Canibal avançou pra uma, deu uma dentada gostoza no cotovelo. "Ai!" Pânico. Tumulto. Calçada ficou vazia. E Canibal rindo, dansou:

Calçadinha é minha, calçadina é minha,

Não é dos outros.

(Rio)

F. de San Tiago Dantas

LAR BRASILEIRO

RUBENS DE MORAES

Meu primo João foi á Europa estudar. Voltou fallando franzez. Só.

Foi essa a primeira epocha da vida delle.

Depois veio a epocha do dedo espetado. A proposito de tudo, do menor caso, o primo João espetava o dedo e exclamava: "Em Paris... na Orópa..." Depois elle cançou e socegou. Quando assustou estava casado com a prima Yaya. Foi essa a ultima epocha da vida do meu primo. E' irremediable. Não haverá outra. A vida delle acabou ahi.

Hoje, elle não conta mais casos de bigode e chapeu côco, passados em Paris. Quando se comenta o Brasil, elle não espeta o dedo e conta cousas da Europa. Não compara mais a Europa e o Brasil. Meu primo João engordou, minha prima Yaya estufou. Ha mais um casal feliz nessa terra essencialmente agricola.

De vez em quando um amigo assombrado sacode a cabeça:

— "O'ra veja, o João, hein? Quem diria que elle havia de dar tão bom marido? Um homem que pintou o caneco em Paris, que gastou uma fortuna em pandegas... óra, sim, sim senhor..."

Então o amigo philosopho, o homem de grande experienca, solta o aphorismo definitivo:

— "Os melhores maridos são aquelles que foram mais pandegos em solteiro".

E o amigo que concorda sempre encerra o assumpto com um: — "E' isso mesmo..."

Talvez o philosopho tenha razão. Mas não é só por cançâo que o meu primo João socegou e engordou. Todos nós temos na vida a epocha da mulher gorda. Muitos passam, vão para diante ou voltam, outros ficam. João

ficou na epocha terceira e ultima da vida delle: a mulher gorda.

X

Ella é gorda, elle é gordo, elles são gordamente felizes. Ella é feliz porque elle é feliz. Mas elle, o famoso primo João, o homem das aventuras memoraveis, o elegantissimo primo João que esteve na Europa, porque é elle tão feliz?

E' porque elle sabe que, para o João, sahir sem sobretudo nas noites de neblina não tem importancia, mas saltar da cama sem chinelos é um espirrar que não acaba mais. E' porque elle sabe que um quadro na parede um millimetro enviezado é muito mais grave que deixar esfriar a agua do banho. Minha prima Yaya depois de longos e pacientes estudos comprehendeu que as guerras napoleonicas e o Brasil Hollandez do collegio de Sion não fazem a felicidade no lar. Minha prima Yaya comprehendeu que toda a felicidade está em mudar ella mesma os botões da camisa do marido antes delle sahir do banho. Ella sabe que, muito mais que os dez mandamentos da lei de Deus, vale este que ella aprendeu duramente: "Não tirar as cousas do lugar".

Ella diz cousas assim: "Não sente ahi que Vce. fica com as costas no vento". Ella sabe até que ponto é precizo contradizer o João, e, com um instincto infalivel, ella concorda no momento exacto em que elle ia zangar. Ella sabe de que pratos elle gosta e como elle gosta. Quando elle vai se servindo de um pastel pançudo, ella intervem: "Não tire esse, têm azeitona, Vce. não

gosta". E com uma segurança, vê dentro do pastel e espeta com um olhar penetrante, ella aquelle que não têm azeitona. E elle pensa: "Aquelle pastel tostadinho estava bem mais apetitoso, apezar da azeitona... Azeitona?... Será que eu não gosto?... E'... é isso mesmo, eu não gosto..." e mastiga com convicção.

Ella sabe que elle não gosta que lhe passem a mão nos cabellos. Ella não se zanga quando ella vêm toda carinhosa e elle diz: "Não amolle..." Ella borda camisas de dormir mais curtas na frente, com uma fenda de cada lado para elle poder coçar a perna distrahidido, pensando em negocios enquanto elle conta cousas da casa.

Ella sabe que terça-feira é dia de pocker em casa do Maneco. Ella se lembra de todos os anniversarios e avisa o marido logo de manhã cedo para elle não se esquecer de dar parabens.

Depois do jantar quando elle, sentado na cadeira de balanço, depois de ler os jornaes da tarde, começa a assoviar baixinho e desafinado, ella diz:

— "Faz hoje dez annos que Nhônhô morreu... Se elle ainda vivesse estaria com cincuenta annos..."

Silencio...

— "Do que foi mesmo que elle morreu?..."

— "Os medicos disseram que foi pedra nos rins, mas para mim, não foi. Foi de typho que elle apanhou numa viagem que fez a São Paulo para buscar as meninas no collegio".

— "Ahnnn..."

Silencio...

Minha prima Yaya entende profundamente de parentescos.

1 CRÍTICO E 1 POETA

TRISTÃO DE ATHAYDE

— *Estudos* — 2.ª série —

Rio de Janeiro — 1928.

Tristão de Athayde é o crítico do Brasil novo. Mais me convenço disso quando leio os ataques furiosos que ele recebe a cada instante dos críticos do Brasil velho. Porque vê as cousas do passado sem a lente de aumento do tradicionalismo e do fanatismo e vê as cousas do presente com olhos desprevenidos, tem sido xingado à vontade pelos que vivem ás avessas. Isto é: nascem em 1890 e daí a vinte anos não estão em 1910, mas em 1810 e assim por diante. Vão remontando velozmente. Assim se explica o facto de haver contemporaneos de Apolo entre nós.

Esta série dos *Estudos* revela o mesmo estudioso infatigável da primeira, o mesmo espírito ao corrente de tudo quanto se passa aqui e lá fora, ontem e hoje. Como juiz da literatura nova é excelente porque vive de pé atrás. Não quer isso dizer que seja um desconfiado. É um homem que anda com o movimento (ás vezes até na frente do movimento) mas não no movimento. De tempos em tempos se volta para medir o caminho andado.

Possue ainda a vantagem de ser um apaixonado. Está satisfeito na sua terra e na sua época. Não diz friamente porém se deixa empolgar pelo que diz, acumula argumentos, discute, luta, insiste. Depois não tem medo de afirmar.

O estudo sobre Pirandello por exemplo é ótimo. A ausência do

homem no teatro do siciliano é demonstrada e analisada com inteligência e uma força crítica invencível. Outro ensaio excelente é o dedicado a S. Francisco de Assis.

Não cito êsses dois para destacá-los do resto do livro. Quando a gente não concorda com Tristão tem vontade de discutir. Os seus pontos de vista nunca deixam o leitor indiferente. Abrem debate. Forçam o aplauso ou a contradita.

Os volumes dos *Estudos* serão uma história da literatura actual sem a paulificação das datas e dos cargos públicos exercidos pelos poetas. Nêles a aproximação não será imposta pela ordem cronológica, mas pela identidade ou mesmo disparidade de pensamento ou tendências.

Acho que Tristão está se tornando indispensável. Não é possível dizer mais.

HEITOR ALVES — *A vida em movimento* — Passa-Quatro — 1927.

No quilômetro 47 da Rêde de Viação Sul-Mineira fica Itanhandu. Em Itanhandu tem um ginásio e nesse ginásio ensina física e química um engenheiro da Politécnica do Rio, chamado Heitor Alves.

Na cidadezinha de queijos êsse moço nervoso fundou a revista *Electricá* e escreveu o livro de versos *A vida em movimento*. Duas façanhas. Porque tanto o livro como a revista fazem questão de gritar seu modernismo.

Com os limitados recursos de uma tipografia de Passa-Quatro Heitor Alves desenhou um ráio de todas as cores na capa do livro separando as letras de seu nome e do título, letras amarelas, vermelhas, verdes, azuis.

O movimento de 1922 levou assim alguns anos para chegar a Itanhandu. Em compensação teve um desembarque de arromba. Heitor Alves sózinho se incumbiu do hino nacional, dos foguetes, dos arcos de triunfo, do vivório, dos discursos e do resto. Tamanha actividade festiva só podia partir de um convencido. E o autor de *Sons* além de ser um sem dúvida alguma tem muito jeito para catequista. Convenceu-se primeiro. Quer agora convencer os outros. De forma que é muito provável uma escola itanhanduana de poesia revolucionaria dentro de pouco tempo. Assim essa causa ainda indefinida mas já palpável que é a literatura nova vai ganhando o Brasil inteiro.

Quem como eu publica um jornaleco às vezes é surpreendido por uma carta das profundas de Goiaz por exemplo em que o remetente disserta sobre Max Jacob e manda uma poesia onde ao menos vale a intenção. O que talvez não seja um bem (porque desse jeito a causa vira moda) mas sempre pode trazer umas revelações boas e até ótimas. Vejam Cataguazes.

A. DE A. M.

LEIAM:

PAULO PRADO — *RETRATO DO BRASIL* (ensaio sobre a tristesia brasileira).

TRISTÃO DE ATHAYDE — *ESTUDOS* — 2.ª série (critica).

MÁRIO DE ANDRADE — *ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA* (critica e folclore).

AUGUSTO MEYER — *GIRALUZ* — (versos).

VARGAS NETTO — *GADO CHUCRO* — (versos).

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A BAGACEIRA* — 4.ª ed. — (romance).

CANÇÃO DO RETIRANTE

ENTROU JANEIRO O VERÃO DANÔSO
 SEMPRE AFITIVO PELO SERTÃO...
 CACIMBAS SECAS NEM MEREJAVAM...
 O MÔÇO TRISTE DISPERANÇADO
 FEZ UMA TROUXA DE SEUS TERENS...

DE MADRUGADA — SEM DESPEDIDA —
 FOI PRA SÃO PAULO PRAS BANDAS DO SUL...

A MÔÇA TRISTE SE AMURRINHOU
 FICOU BIQUEIRA
 VIROU ISPETO
 — ELA QUE ERA UM MULHERÃO —
 INTE' QUE UM DIA JA' DERRUBADA
 DE MADRUGADA
 FOI PRA SÃO PAULO...

PRA UM SÃO PAULO QUE NINGUEM SABE NÃO....

(Natal)

JORGE FERNANDES

ASSUMPTO RESOLVIDO

FORMAÇÃO

Não comprehendo porque é que muita gente tem a mania de esconder que a antropofagia é uma instituição tradicional entre os indios americanos.

E' uma cousa tola e que recommenda mal os que vêm gritando que o indio brasileiro não comia gente. Comia e muito bem comido.

Não bastassem os depoimentos de Hans Staden e Jean de Léry e teríamos ainda mais mil e um indícios seguros.

Outro dia eu conversando com o dr. Juan Francisco Recalde, que na minha opinião é um dos mais entendidos indianistas modernos, ouvi delle esta monstruosidade: "que no territorio actualmente ocupado pelo Brasil, Paraguay e Uruguay, nunca houve indios antropofagos".

Agora é um senhor Luis Bueno Horta Barbosa que escreve ao "Diario da Noite" para rebater a affirmação de que existam selvícolas brasileiros antropofagos.

E que existam... Que tem isso?

Acaso a antropofagia não é uma instituição elevada e praticada em quasi todas as religiões?

Muito bem andou Oswald de Andrade quando disse que a antropofagia no catholicismo estava acovardada no pão e no vinho — representantes da carne e do sangue —

Está provado e é geralmente accepta a antropofagia como sendo a communhão da carne valorosa.

Os indios não comem a carne de seus inimigos ou chefes com intenção gastronomica.

Comem porque pensam mastigar tambem o valor do comido — comidos voluntarios, quasi todos —

Por isso o sr. Horta Barbosa deixe de querer roubar do pobre e já tão expoliado indio o seu maior e melhor patrimonio:

O bom gosto de comer carne humana — carne valorosa.

O homenageado tinha intelligencia e uma vasta cultura, tanto que sua mulher de humildade medrosa de admiração além da mudez dava-lhe filhos.

Tambem só lia — e ahí havia engano — com a recommendação de capricho:

Liste de bons livres à lire

E não discutia para não offendre susceptibilidades.

Mas no momento preciso sabia fulminar com monossyllabos e destruir prazeres.

Mais tarde para conquistar novas amisades fez-se pensador e ás vezes, de dó, illustrava o proximo com citações fallecidas em laboratorios scientificos.

A's vezes tambem era nacionalista do mais puro e dizia phrases.

E tinha convicções indigenas:

— Sou bravo, sou forte!

O outro que não era trouxa garantia-se.

— AHN !

(S. Paulo).

OBJECTIVO

(DOS POEMAS CONCENTRICOS)

WALTER BENEVIDES

A silhuêta do teu corpo
inda fazia mais distante
a paisagem desmaiada.

Em quanto o sol se divertia
numas ultimas variações de vermelho sobre as nuvens,
Você alli inerte
era a crystallização de todos os teus cansaços,
porque o teu braço rectíssimo
que se acabava no gramado
era a prova maior da tua alegria,
alegria de se sentir
numa pausa salutar do sentimento,
alegria de se sentir fatigada
das minhas palavras inuteis.

Depois,
quando as sombras tomaram conta daquellas arvores folhudas,
eu não creio que Você se tivesse retirado,
por causa do sereno,
nem que eu me tivesse aborrecido
de só te ver assim immovel;
— nós ficámos mesmo alli :
Você embevecida de estatuaria,
eu sedento de pesquiza,
ambos perdendo a cantiga dos grilos
que se esforçavam á tôa.

(Rio de Janeiro)

Brevemente :

ALCANTARA MACHADO — *O bandeirante na intimidade* — (estudo sobre os inventários paulistas do século 17).

MARIO DE ANDRADE — *Compêndio de história da música*.

RUBENS DE MORAES — *Essencialmente agricola* — (contos).

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — *Lira paulistana* (coleção de modinhas).

OSWALD DE ANDRADE — *Serafim Ponte-Grande* (romance).

Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
Edições de luxo
serviços
commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17
Teleph. 2-6560
S. PAULO

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

Capítulo 2.º

A PONTE DOS AMORES

YAN DE ÁLMEIDA PRADO

II

Ali estavam todas as raças que tinham vindo para a terra da promisão. Cada homem que entrava na taca augmentava o contraste existente entre os que ainda representam os primeiros povoadores do paiz. Mais tarde, no espaço de algumas gerações, ha de surgir um tipo mais uniforme, amoldado pelas mesmas necessidades de vida que todos partilham e que traz aos poucos um ar de parentesco aos nativos de uma região qualquer. Nesta, onde afluiram correntes imigratórias de toda a parte, por força das cousas, o caldeamento será mais extraordinario do que em outros paizes do mundo. A mistura foi mais intensa, quando não o amálgama mais facil, e, antes que a influência do clima, costumes, vícios ou virtudes venha uniformizar o produto humano do futuro, teremos quantidade de pequenos núcleos espalhados pelos bairros que so poderão ser de pronto distinguidos pela gente mesmo do lugar. Será como o sotaque da sua linguagem. Formarão ainda um paradigma misterioso (quasi oculto de tão imperceptível) e que no entanto sentiremos como si fosse concretamente delineado. Bastará um certo modo de falar, ou conjunto de traços no físico, ou em ultimo caso mandíra de vestir, para adivinharmos a origem deles.

Em certas regiões do paiz ficaram insuladas aglomerações humanas. O tipo que produziram, quando chega a S. Paulo, apresenta-se tão inteiriço no seu aspéto como o estrangeiro pertencente a uma raça de ha muito formada.

Tal é o cearense para os primeiros, tal é o alemão para os segundos. Ao desembarcar vão se localizando ao acaso, os nacionaes por toda a parte, os estrangeiros de preferência onde encontram patrícios. Daí surgem bairros de letões no Oratório, de austriacos e alemães no Mandaqui, de ungares no Buraco Quente dos Campos Escolástica, portuguezes e espanhoes no Arincanduva e Califórnia. Mas as necessidades da vida e os ditames do sexualismo irão aos poucos aproximal-os. No começo, o contato entre eles era feito somente fóra de casa, no trabalho e nos divertimentos. Era eterno. Mais tarde, realisou-se mais intimo para os filhos na escola, no serviço militar e no lar. Lôgo que desembarca, o imigrante junta-se aos que partindo da mesma proveniência, chegaram antes dele. Passam a morar em casinhas, misturados adultos e crianças de qualquer sexo, em número de seis, oito, dez no mesmo quarto, destinado a um casal só. Nas festas bebem no bar do conterraneo e dançam na sociedade recreativa da colónia situada no bairro. Aos sábados ou dias de pagamento, durante a noite inteira, quem passa na rua ouve o baque dos pares que dançam e que a espaços, cadenciadamente, pulam e batem com estrondo os sapatos grossos sobre o

soalho. Nos intervalos das músicas cantam em coro melopeas ásperas e monótonas, entremeiadas de surtos de bebedeira em que disparam os revólveres para o ar. O rumor da festa atrae outros estrangeiros inimigos que se mostram tanto mais rivais quanto mais se parecem com os correntes. Todos louros, grandões, brutalizados. Porém uns são ungares (como são conhecidos do povo) e outros estonianos, não menos turbulentos, que moram nas redondezas e odeiam aos vizinhos. Comegou a ruga por uma insignificância, namoros que foram degenerando em provocações, para terminar em pancadaria. De desavença a desavença vão se tornando mais inimigos. A briga isolada sucede outra briga, em que tomam parte dois ou tres, e as desordens que começaram a murros, acabam a cacetete ou faca. Ha encontros de grupos seguidos de encontros de bandos. Não é raro, na estrada do Oratório, enfrentarem-se depois duma série de conflitos duas joldas compostas de quarenta ou sessenta homens armados. Enquanto tarda a cavalaria, os adversários disparam as armas que ainda conservam da grande guerra, pistolas automáticas, revólveres de grande calibre e até mosquetes dos antigos regimentos de dragões, lanceiros ou ussares da Austria, Rússia ou Alemanha. São o pesadelo da polícia.

O nacional vindo de fóra, de muito longe ás vezes, não sente necessidade de se ajuntar em chusmas: não está preso pelo idioma, não está isolado. Foge do conterraneo recem-chegado (que lôgo o chama de primo) para evitar as "mordidas". Aflue para as bandas da Luz. Alguns que desgarraram da leva, que veio do Norte ou do Sul, voltam das fazendas do Interior e procuram ingresso na Força Pública do Estado. Lá não ha estrangeiros, os filhos de imigrantes são relativamente escassos, o que mais se vê são caboclos, negros ou mestiços, ainda novos e solteiros, em que predominam os que vieram de outros Estados. Nestes, por sua vez, sobremetem, pela quantidade, mineiros e nortistas. A origem é como o índice do adeantamento ou atrazo da zona que deixaram. Quanto mais numerosos são de um lugar, mais este é infeliz e pobre.

Antigamente, quando passava atra vez da rua do TRIANGULO a guarda do palácio (ha dez ou doze anos atraç), os homens mais encorpados do piquete eram os pretos. O resto, composto de cabocla mais clara, era o rebutalho da escória humana que vai ter ás cidades. Perto deles os negrões faziam vista. Hoje vemos com espanto, num lapso de tempo curíssimo, degenerarem com incrível rapidez. Dá-se agora o contrário: os melhores da tropa são os brancos. A causa desta fulminante degenerescéncia está na condição de extrema

inferioridade da raça preta nas cidades. Apesar de ser minoria nas aglomerações urbanas paulistas, 80% do pessoal dos prostibulos operários compõem-se de pretas e mulatas. Essas mulheres caíram na VIDA porque quasi não casam, não constituem uniões regulares, servem para as necessidades de todo homem que as persegue. Recebem do traunseunte ou do negro companheiro a sífilis. Junta-se á lucro o alcoolismo, e ambas as causas predispoem aqueles organismos, que vivem muitas vezes apenas alimentados, á tuberculose, á degenerescéncia, á loucura. O antigo atleta africano, que trabalhava no eito das fazendas, não deixou descendência. Não podemos considerar como sendo seu neto o aborto desdenhado, corroido de mil mazelas, de peito fundo e pernas bambas, que se arrasta pelas ruas a procura de emprego leve que lhe permita satisfazer as suas únicas ambições: a dança, a preta e a bebida.

No botequim apareciam amostras da transformação das raças espalhadas pelo paiz. Alguem, com prática do recrutamento da Força, podia pôr rótulo, indicando a origem, em cada miliciano que entrava na taca. A exceção dos pretos, era facil reconhecer, por exemplo, o mineiro do nortista. Um tem traços grandes, fisionomia calma, quasi impassível, atitude retraída. O outro, traços pequenos, o nariz, a testa, a cabeça, o corpo, tudo é arredondado. E' mais troncudo, traz no fisico a mestiçagem do branco com o indio, que ainda é mais acusada nos pomelos e nos olhos, negros e brilhantes como jaboticabas de Sabará, tal a vivacidade ladina, curiosa ou perscrutadora que demonstram. Não tem como o mineiro, do no das jaboticabas, a velhacaria oculta sob aspéto inofensivo. O ânimo bulhento do nortista torna-o, alternadamente, atraente ou indesejável como si fosse uma criança.

O carioca, tambem numerosissimo na Força, anuncia-se pela fala. No proletário do Rio ha um sotaque e linguagem inconfundíveis, tão características quanto a do paulista do Belenzinho ou Bom Retiro, porém infinitamente mais agradável e interessante. E' ameno e cantante, doce e amavel como a população infantil e desocupada, que se espreguiça lazzaronicamente pelos morros e praias da mais linda baia. E' um prazer ouvir os dizer "...cherguei o Otávio lááá do fim da avenida Poóóólista...". Muitos que têm esse sotaque na Força Pública fizeram apenas um estágio no Rio. São rapazes de Estados diversos, que usaram a farda do exército, da armada ou da brigada militar, antes de virarem para os batalhões ou regimentos da Força.

(Continua)

BRASILIANA

IX

BRASILIDADE

De uma notícia sobre o Convenio da Imprensa Norte Paulista, realizado em novembro último na cidade de Taubaté, publicada pelo "Correio Popular" de Guaratinguetá, n. de 25-11-928:

"Às 12 horas, no Hotel Lino, foi servido um almoço regional aos jornalistas, oferecido pelos exmos. srs. Deputado Euchario Reboças de Carvalho e Alvaro Marcondes de Mattos, Vice-Prefeito da cidade.

Em brilhante discurso, cheio de profundas considerações e perfeitamente burilado, proferido com calma por quem é mestre na oratoria, o Deputado Euchario Reboças ofereceu o banquete.

Agradecendo usou da palavra o jovem jornalista, mas talentoso, sr. Luis Sampaio Penna.

Durante o agape tocou a renomada orquestra do professor Fego Camargo.

São dignos de menção dois factos que muito nos agraram e avivaram o nosso amor à terra em que nascemos, fazendo-nos lembrar d'"O Brasil e a Raça" de Baptista Pereira. Os srs. deputado Euchario Reboças e José de Moura Rezende em testemunho de seu espírito de brasiliade timbraram em oferecer-nos banquetes á brasileira não permitindo ir á mesa uma só iguaria de nome estrangeiro. Lá tivemos o nosso tutu com torresmo, o arroz, o frango assado e outros pratos genuinamente nacionaes. Ainda mais, as musicas eram todas brasileiras. E pudemos apreciar "O Guarany" e "Salvador Rosa", de Carlos Gomes, além das muitas outras cuidadosamente escolhidas pelo maestro Fego Camargo. Não precisamos ir buscar inspirações na velha Grecia ou na antiga Roma: temos aqui o nosso Parahiba do Sul, as serras do Mar e da Mantiqueira, as nossas mattas, e as nossas campinas e a nossa igara. Bastam!"

MESTRE NA ORATORIA

De um discurso proferido pelo deputado Euchario Reboças de Carvalho num banquete oferecido ao senador Dino Bueno em Taubaté e publicado pelo "Jornal do Comercio" de S. Paulo, n. de 14-7-926:

"....

Senhor senador Dino Bueno, eu me sinto bem onde estou, porque ainda tenho bem dentro de mim o reboar longínquo da voz de meu pae, José Reboças de Carvalho, do meu avô Barão do Jambeiro, que propagnaram nesta tenda de trabalho e foram vossos amigos. Eu ainda tenho nitidas e rutilantes as imagens da minha infancia aqui vivida e por isso mesmo sou capaz de auscultar em alto diapasão e transmitir o sentir quente e robusto da gratidão deste povo, que é o meu povo e do qual eu sou uma legitima molecula.

.....

Que esta festa, entre os embates de vossa vida, seja um murmuroso oasis bemfazejo, a reflorir nos aplausos de vossos concidadãos, consagrando o acerto da vossa diretriz política; que ella seja a nota incentivadora das vossas energias politicas, assinalando para nós outros a rota luminosa a palmilar.

Exmo. senador Dino Bueno, se soerguerdes um pouco o vosso busto por sobre o oceano agora calmo, e antes encapellado, do povo taubateano e procurardes divisar o porque da calmaria, encontral-o-eis em alto relevo na vossa atitude para com elle, na vossa solicitude, nos vossos conselhos, no vosso concurso para o triunfo decisivo e consolidação da actual política progressista de Taubaté.

Pois bem, é essa mesma attitue, é a lembrança desses assinalados serviços que heis prestado, que de novo o fazem se encapellar em irreprimíveis ondas gigantescas, que, para vos saudar, vêm quebrar-se bem junto de vós, nas brancas espumas de sua gratidão."

BOAS FESTAS

Cartão distribuido em dezembro de 1928 no Theatro Sant'Anna de S. Paulo:

"Os indicadores dos camarotes
CRISTOBAL e Dna. NICOLINA
Desejam aos seus distintos espectadores
Boas Festas e feliz Anno Novo."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (avenida bri-gadeiro Luis António, 188 — S. Paulo):

— "Poesias" oferecidas ás senhoras brasileiras por um baiano (1830) — 2 vs.

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos" — 2 vs. — 1826-1830.

— "Sermões" de Antonio de Sá.

— Manoel Calado — "Valeroso Lucideno".

— Duarte de Albuquerque Coelho — "Memorias Diarias".

— Alvarenga Peixoto — Obras em 1.^a ed.

Compra livros raros em geral sobre o Brasil.

Por MANUEL BANDEIRA (rua do Curvello, 51 — Santa Teresa — Rio de Janeiro):

Mac-Carthy — "Viagem na China".

LIVROS Á VENDA:

Na LIVRARIA GASEAU (praça da Sé n. 40

— S. Paulo):

— "Archivo Pittoresco" — 11 vls. enc.

— "Panorama" — 17 vls. enc.

— Vieira — "Sermões" — 16 vls. enc., sendo alguns em 1.^a ed.

— Innocencio F. da Silva — "Diccionario Biблиographic" — 19 vls. enc.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

Revista de Antropofagia

Direcção de ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

Endereço: 13, RUA BENJAMIN CONSTANT — 3.º Pav. Sala 7 — CAIXA POSTAL N.º 1.269 — SÃO PAULO

Ascanio Lopes

Com vinte e dois anos Ascânia Lopes morreu no dia 10 de janeiro em Cataguazes. No dia 9 (como Carlos Drummond de Andrade me lembrou) eu dizia no *Diário da Noite* de São Paulo que o menino-poeta tinha futuro garantido. E tinha mesmo. O que mais me agradava nêle era a timidez misturada com a malícia. Atravez de suas cartas e de seus versos eu percebia um Ascânia bom, muito bom mesmo. Porém essa bondade êle guardava e escondia. De forma que os de fora a ignoravam. E embora a culpa fosse sua ou não fosse de ninguem, Ascânia se vingava com a malícia. Êle mesmo deixou transparecer isso comoventemente numa poesia chamada *Ambiente de infâcia*.

O pouquinho que Ascânia escreveu dá de sobra para a gente lastimar o que deixou de escrever. Foi embora quando ainda estava no comêço e a gente sente saudade daquela esperança. Acreditava na literatura e na literatura do Brasil. De vez em quando se metia a estudar assuntos graves. E nunca brincou. Não via na poesia moderna (como tantos) apenas um pretexto para ousadias engraçadas e molecadas cínicas. Trabalhava honestamente. Sabia o que fazia e queria fazer direito, fazer sempre melhor.

Outra cousa que êle também sabia era sofrer. A doença que o matou em certos períodos não lhe deixava tempo senão para acompanhar passo a passo a aproximação do fim. Há 41 dias que estou de febre brava (assim me escrevia em maio de 28) e estou proibido de ler, escrever, levantar, mexer, etc. E acrescentava: Agora mesmo a febre aumenta. Isso com uma letra que ia crescendo como a febre dêle.

Rosário Fusco escreveu antes dos versos do *Fruta de conde*: ... e que ninguem nunca se esqueça de Ascânia Lopes. Pois é claro que quem o conheceu não poderá esquecer, Rosário Fusco.

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

BANZO



Subiu a toada
dos negros mocambos
Sahiu a mandinga
de pretos retintos
vestidos de ganga.

Quillengue, Loanda,
Basuto e Marvanda
fazendo munganga
tentando chamêgo
cantando a Changô.

Escudos de couro,
pandeiros, ingonos,
batuques e danças.
Palhoças pontudas
com ferros nas lanças.

Terreiros compridos
de barro batido.
Cantigas e guerras
com sobas distantes.
Caçada ao leão...

Caninga de chôro
zoada de grillo.
Campina de canna
com agua tranquilla...
... a voz do feitor.

Mucanas cafuzas
moleques zarombos.
Na noite retinta
a toada subia
dos negros mocambos...

(Natal).

LUIS DA CAMARA CASCUDO.

DORES DO INDAYÁ**RETRATO DO BRASIL**

Uma rua velha e vazia,
uma casa velha e vazia,
uma vida velha e vazia.

A poesia das cousas humildes
morrendo, morrendo...

(Meu Deus, fazei com que o dia de amanhã
seja diferente do dia de hoje!)

**morrendo com o
habito.**

(Minas)

EMILIO MOURA.

O que mais me admira no Brasil
não é o rio Amazonas — o maior do mundo !
E nem as florestas e as riquezas,
as maiores do mundo !
O que mais me admira no Brasil
é a preguiçosa confiança que nós temos
nessas coisas todas — as maiores do mundo!...

(Bello Horizonte).

JOÃO DORNAS FILHO.

LEIAM:

PAULO PRADO — *RETRATO DO BRASIL* (ensaio sobre a tristeza brasileira).

TRISTÃO DE ATHAYDE — *ESTUDOS* — 2.^a série (crítica).

MÁRIO DE ANDRADE — *ENSAIO SOBRE MÚSICA BRASILEIRA* (crítica e folclore).

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA — *A BAGACEIRA* — 4.a ed. — (romance).

GUILHERMINA CESAR e FRANCISCO PEIXOTO — *MEIA PATACA* — (versos)

ROSARIO FUSCO — *FRUTA DE CONDE* — (versos).

Uma adesão

PEDRO DANTAS

Como quer que se julgue a obra do sr. Tristão de Athayde e a sua posição intelectual, não é possível negar a singular importância que têm na nossa vida literária as suas atitudes e os seus pronunciamentos. A autoridade moral, a cultura e a inteligência do crítico souberam fazer-se respeitar do público difícil que lê as crônicas literárias dos jornais (autores, amigos dos autores, inimigos dos autores e às vezes o cidadão ingênuo que procura se pôr ao par da literatura francêza contemporânea") o sr. Bernard Fay deu ao capítulo sobre Barrès o título de "Maurice Barrès ou La littérature hausse le ton". Da mesma forma, quem quizesse traçar um panorama da nossa literatura neste primeiro quarto de século, poderia dedicar ao sr. Tristão de Athayde um capítulo intitulado "A crítica literária levanta o tom". Efetivamente, si refletirmos no que era a crítica brasileira há pouco mais de dez anos, não poderemos deixar de reconhecer que o biógrafo de Afonso Arinos realizou uma obra relevante de modernização e de aperfeiçoamento. Muito antes dèle já tinhamos, é certo, a lucidez admirável de João Ribeiro. João Ribeiro, porém, é duplamente filósofo, tanto no sentido próprio da palavra como no popular, talvez mais, até, neste último: não liga muito à crítica. Si nunca deixou de assinalar os seus lugares aos raros livros bons que de longe em longe aparecem, teve e ainda tem muitas vezes condescendências culposas para os imprestáveis e os medíocres. É partidário do "laisser faire, laisser passer", ao menos em literatura. O sr. Tristão de Athayde, ao contrário do defensor teórico da língua nacional, já pôde ser justamente qualificado de "homem sem malícia" (1). A sua tendência é para o trágico, o sombrio, o doloroso, o difícil. É um homem que timbra em levar tudo profundamente a sério, a começar pela sua função de crítico. Isso importa em dizer que ele não sabe passar sem, ao menos, um pequeno ativo de convicções firmes, sem um ponto de vista e de apoio, de onde se lhe apresentam deformadas as coisas, que ele julga, entretanto, pelo aspecto parcial, unilateral, que conhece. Para empregar uma imagem cara a Cocteau, ele não

gira em torno do objeto. Limita-se a observá-lo do lugar onde está. A consequência direta desse modo de ser é uma tendência instintiva para impôr o seu ponto de vista, pela estranheza que lhe causa o que se vê dos outros. Para impôr, digo mal, mas para considerá-lo como o verdadeiro, o único legítimo. Daí certa feição evangelizadora da sua crítica e o receio que lhe infundem os que ele considera "germens d'edissolução" do espírito porque ameaçam a unidade e a segurança da construção do seu sistema pessoal. Tais germins élé os combate como é possível, mas improvável ue Euclides combatesse as geometrias não-euclidianas: em legitima defesa. Não podendo admitir, por instinto de conservação, ue outra visão do mundo se imponha em detrimento da sua, imagina que o que se perderia por amor dessa outra havia de ser o mundo mesmo e não sómente a sua visão.

Todas essas observações não querem dizer que se trate de um espírito intolerante ou preconceituoso. É simplesmente um sistemático. Também não seria esato pensar que élé não muda de opiniões e de filosofia. Tem mudado até muito. Já atravesou o estado de espírito de umas três gerações, no mínimo. Mas comporta-se daquela modo relativamente a cada posição. Variam os seus pontos de vista, mas cada um é como si fosse o único. E de cada vez élé deve pensar consigo: "Agora sim, acertei".

Por tudo isso a atividade do sr. Tristão e Athayde vem sendo empregada de preferência no ataque aos ditos elementos dissolventes. Dentre elas a perspicácia do crítico logo destacou o sr. Oswald de Andrade e seus companheiros de antropofagia e pau-brasil, como os mais perigosos e temíveis. É principalmente a esses que costuma opôr toda sorte de valores, embora infinitamente menos interessantes, (a terceira corrente e outras do mesmo gênero) por serem mais estaveis, pois o sr. Tristão de Athayde acredita na virtude da estabilidade. E é, da mesma maneira, a esses, que élé vive pregando uma ação construtora certamente a tornar-se conservadora e lhe parece de necessidade urgente.

O que mais o preocupava no

sr. Oswald de Andrade era a falta de confiança que este lhe inspirava, aquela continua impressão de terreno movediço, que perturba e arrasta ao desequilíbrio. E él censurava a eterna brincadeira em que se compraz o sr. Oswald de Andrade, esproava-lhe a leviandade das atitudes, a alegria, o bom-humor. Tinha saudades do Oswald precioso e tétrico dos "Condenados". Achava uma pena, um sacrifício inesplícavel que um homem como o sr. Oswald de Andrade capaz de lágrimas e desgraças, andasse pelo mundo, tranquilo e sem remorsos, se divertindo. E traçava do autor de João Miramar retratos pessimistas, mostrando-o frívolo, inconstante, "blagueur", modernista snob, circulando entre os salões ricos de S. Paulo e os cafés literários de Paris, tomando a sua "watermanzinha" para escrever... O "Retrato de mim por Tristão de Athayde", em suma. E concluia pelo perigo de vir a mocidade incauta a seguir um homem como esse, que substituiria o nosso habitual excesso de literatura por uma infra-literatura e que, a pretesto de corrigir um erro, o substituiria por outro, de sinal contrário.

Agora, porém, escrevendo sobre o "Retrato do Brasil" do sr. Paulo Prado, o sr. Tristão de Athayde, citando o inquerito sobre a civilização americana, a que se procedeu há alguns anos nos Estados Unidos, concorda com as conclusões de Harold Stearns, que o organizou, e aplicando-as ao Brasil, diz testualmente o seguinte: "Penso apenas que não devemos nos abandonar ou recorrer com él (Paulo Prado) ás soluções do desespero e sim fazer como esses trinta norte-americanos sinceros e corajosos — rímos de nós mesmos".

Mas não é precisamente essa a solução do sr. Oswald de Andrade e o que élé tem realizado na ultima parte da sua obras? Si essa tendência não explica por si só toda a riqueza humana e o lirismo intenso do poeta do Esplanada, é entretanto a significação mais imediata e evidente de seus livros. Está, pois, de parabens o sr. Oswald de Andrade, por mais essa valiosa adesão. Pois é fóra de dúvida que com aquelas palavras o sr. Tristão de Athayde entregou os pontos. Nem mais nem menos.

(Rio de Janeiro).

(1) Sérgio Buarque de Holanda, artigo no "Jornal do Brasil".

4 POETAS

GUILHERMINO CESAR E
FRANCISCO I. PEIXOTO
— Meia-Pataca — Cataguazes — 1928.

Meia-Pataca é o nome de um rincão de Cataguazes. Nos tempos antigos tinha ouro. Hoje é água e mais nada. Mas a água possue lá a sua poesia que é a de Guilhermino Cesar e Francisco I. Peixoto.

O primeiro ainda não se livrou daquela tristesa sem fundamento visível dos poetas que prometem. Tristesa que a gente não pode levar a sério. Os versos dêle têm sempre uma interrogação, uma dúvida, uma pergunta de descrença ou desconsolo. O assunto não difere do comum brasileiro e actual. Porém o que está dentro é bom anunciado melhor. A fala por exemplo é clara e forte:

*Campeiro queimado de sol
vai ver o trabalho dos seus compa-
panheiros
nas galerias de ar frio
na noite constante !
Mineiro das minas gerais
você não acorda ?
Vai ver o trabalho dos outros
mineiros
dos mineiros-mineiros enterra-
dos na mina
ouvindo os patrões em fala es-
trangeira !*

Sensibilidade alerta, maneira pessoal ainda não muito definida mas reconhecível, desembraço, procura, gosto lírico, tudo isso a gente encontra e chupa que nem uma bala na poesia de Guilhermino Cesar.

Francisco I. Peixoto é mais irreverente e gozador. O que não impede o desejo que tem de um

*...coração mais forte
Mais resignado, mais cheio de
paciencia
Pra poder aturar de cara alegre
tanta amolação
E pra aguentar com o peso in-
fame dos
pensamentos futuros...*

Mas no geral faz perguntas embarracosas a Jesus, Fernão Dias Paes Leme e às namoradas. Está no período de caçoa da e tem medo dos que virão depois. E' bem dêsse grupo menino de Cataguazes ainda brincando no colo do futuro. Co-

nheceu a poesia muito criança e ainda não tem por ela o devido respeito. Por enquanto são namoricos sem consequência. Lá de vez em quando um gesto mais cheio de intenções deixa adivinhar a ligação brava de amanhã. Então o verso virá feito a agarrar a gente.

Rosario Fusco fez um desenho na capa que eu acho bem interessante.

HUMBERTO ZARRILLI —
Libro de imágenes — Montevideo — 1928.

Humberto Zarrilli é co-autor de uma série de livros de leitura para crianças que conquistou o primeiro prêmio no concurso organizado faz pouco tempo pelo Conselho Nacional de Ensino Primário e Normal do Uruguai. No *Libro de imágenes* a gente percebe às vezes o escriptor-professor inteligente. Às vezes só. Porque quase sempre a poesia adulta fala seus desejos, desejos maduros :

*Era mi enorme pena el no tener
ninguna
Recibe mi tristeza como un hués-
ped alegre.*

Zurrilla é terno, ama as coussas da rua, saúda contente os quinze anos da vizinha que están repicando por toda la casa,

fica embevecido deante de uma criança que mama, abençoa a mulher grávida cujas caderas tienen ondular de cuna fala a cada instante do céu, das nuvens, do vento, das estrélas, canta o vinho, as mulheres e a sua cidade,

la del rio como mar.

Tem até repentes de violeiro:
*Nube ausente de la tierra,
hoy tu destino comprendo:
El agua por la que vives,
la das un dia muriendo.*

Poeta amável a quem a gente retribue com a mesma simpatia dêle por tudo e por todos dêste mundo.

ROSARIO FUSCO — *Fruta de conde* — Cataguazes — 1929.

O livro são oito poesias ca-

bendo em dezoito páginas apenas. Dirão que Rosario Fusco é bastante moço ainda, tem muito tempo deante dêle, tem muito talento dentro dêle, podia esperar mais um pouco e publicar cousa de outro porte. Mas eu comprehendo isso muito bem. Quem progride tem uma pressa danada de mostrar que está progredindo. Não se contém: vai logo na rua passear o jaquetão novo.

Fruta de conde apresenta de facto menor número de defeitos e qualidades bem mais acentuadas do que a parte do autor nos *Poemas cronológicos*. A prova está patente neste Poema:

Na tarde clara sem ventilação eu estava bem refestelando a vista na roçaria de bom trato. Gente vinda do serviço gazoava alegra pelo caminho endomingado e limpo.

Um cheiro bravo vinha vindo sólito da aragenzinha e a gente suspirava ele banzando gostoso como quê !

Paz de distâncias... Necessidade de coisas não era preciso não e a gente percebia que a vida, pensando bem é boa mesmo. Quasi que eu falei zuretamente EU VIVO !

Não era preciso desejo nenhum naquêle momento. Porém meu sexo forte desejava tanto você que eu senti na tarde clara sem ventilação nenhuma você encolhida, se encostando...

Há aí alguma cousa diferente daquêle brasileirismo infantil que é o sarampo da nossa meninada poética. Os versos vêm mais pesados e como o peso é de poesia mais ligeiros, envolventes, simpáticos. E' a idade que vai aumentando, ganhando sensações novas, se abrindo para novos desejos. Rosario Fusco não precisa se afobar. O passaro está voando sem dúvida, mas o poeta tem na palma da mão a fruta que ele procura.

QUANDO EU MORRER

A Alceu Amoroso Lima

AUGUSTO SCHIMIDT

Quando eu morrer o mundo continuará o mesmo.
 A doçura das tardes continuará a envolver as coisas todas,
 Como envolve neste mesmo instante.
 O vento fresco dobrará as arvores esguias
 E levantará as nuvens de poeira das estradas —
 Quando eu morrer as aguas claras dos rios rolarão ainda
 Rolarão sempre alvas de espuma...

Quando eu morrer as estrelas não cessarão de se acender no lindo céo nocturno
 E nos vergeis onde os passaros cantam—as frutas continuarão a ser doces e bôas.
 Quando eu morrer os homens continuarão sempre os mesmos
 E se hão de esquecer do meu caminho silencioso entre elles.
 Quando eu morrer os prantos e as alegrias permanecerão
 Todas as ancias e inquietudes do mundo não se modificarão.
 Quando eu morrer a humanidade continuará a mesma
 Porque nada sou — nada conto e nada tenho
 Porque sou um grão de poeira perdido no infinito.

Sinto porém, agora, que o mundo sou eu mesmo
 E que a sombra descerá por sobre o universo vasio de mim
 Quando eu morrer...

Brevemente :

ALCANTARA MACHADO — *O bandeirante na intimidade* — (estudo sobre os inventários paulistas do século 17).

MARIO DE ANDRADE — *Compêndio de história da música*.

RUBENS DE MORAES — *Essencialmente agrícola* — (contos).

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO — *Lira paulistana* (coleção de modinhas).

OSWALD DE ANDRADE — *Serafim Ponte-Grande* (romance).

Empreza Graphica Ltda.

Livros, Revistas
 Edições de luxo
 serviços
 commerciaes

Rua Sto. Antonio, 17
 Teleph. 2-6560
S. PAULO

OS TRES SARGENTOS

(ROMANCE)

Capítulo 2.^o

A PONTE DOS AMORES

III

O ponto onde aquela gente refluía, é quasi na certa, o botequim. Veio de longe a onda imigratória, compacta e profunda, até se desfazer e sumir no término, que é o destino. Porém, depois de desfeita, ainda consegue por mil percursos, rebalsar na tasca em que se vende parati.

Entre a soldadesca, que representa a maior clientela da venda, dá-se o caso de existir gerarquia até nas bebidas. Quando são recrutas ou praças razas, costumam entornar diariamente alguns cálices de caninha pura, e porfiaram em ver quem bebe mais. A medida que se vão graduando, ao subir de cabo à sargento, já substituem a pinga por cerveja. Por fim, o indício da ascenção a postos superiores, é o uso de copos de leite, à noite, antes de recolher.

Demonstra com antecedência, o pretendente aos galões, o desejo de seguir as pegadas dos officiaes, que ele viu se transformarem de soldados magruços e maltratados, em tenentes e capitães de tez clara e corada, apertados na farda cinzenta pelas banhas de burguez prospero.

Seguindo o costume do meio, os sargentos de cavalaria mais o ginasta, bebiam cerveja (já tinham aspas douradas) a espera do companheiro. Conversavam sem reparar a desordem do lugar. Estavam acostumados a confusão dos botequins no começo do mez, depois do pagamento. Fingiam não ver os soldados, que a sua presença repelia para o belcão do portuguez, cuja presença era-lhes constrangedora; abreviavam a demora e logo saíam.

Quando o recruta entra para o quartel, não tem nome, não merece atenção, representa apenas um autómato, é um número. A seguir, aos poucos, nas intermináveis palestras do ócio militar, é que dá a sua origem, bom ou pérrido, honesto ou malandro, e comunica as ambições ou desalentos que o animam ou infelicitam. Porém é principalmente no botequim, á roda da mesa ou deante do balcão, que readquire nome e personalidade. Com o decorrer do tempo, recebe divisas, deixando de ser um número para se tornar o cabo fulano ou o sargento sicrano. Volta a ser gente. E' a conclusão

do primeiro ciclo da Força Pública.

Naquele mesmo botequim da esquina, costumavam se encontrar os tres sargentos, desde o começo da vida militar na milícia, quando eram soldados e fugiam da presença dos superiores, tal qual como agora os subordinados se afastavam deles.

O mais corpulento dos tres, o que tinha tez clara e cabelos castanhos, chamava-se António, era sulriograndense. O mais magro e moreno, Cassiano, viera da melhores cavaleiros do regimento Baia, e era tido como um dos. O último, Cândido — fora batizado em Minas por gente devota sob auspicio daquele adjetivo para ser puro na vida — era de todos o mais muherengo e feliz em namoros.

António largara dos amigos, para perseguir as mulheres da avenida Tiradentes. Cândido fora provocado pela mulatinha do Jardim. Cassiano percebera o negacear da rapariga, e avisara o companheiro que não vira finta. Justificava o baiano, o faro que lhe atribuiam em surpreender olhares, combinações, recados, começos de "simpatia", e tornava-se o pavor dos que, perito dele, tentavam "cavações". Costumava atrapalhar os outros, achando enorme graça quando estorvava ou estragava o namoro de alguém, ou então, protegia a aproximação, e depois espalhava para meio mundo o caso que surpreendera colocando num embrulho danado a vítima e o eré. Ao sair do parque, ele percebera que as mulheres da avenida estavam de trato feito com o grupo de bombeiros da esquina. Deixara propositalmente António se atirar a elas, afim de "gosar", como dizia, o aspéto desanimado e divertido do companheiro quando voltasse da infrutifera caçada.

Enquanto esperavam o rapaz, continuavam bebendo. Cândido silencioso, distraído pela lembrança da mulatinha que lhe ficava viva e irritante na memória, não ligava para os vizinhos. O ginasta tinha-se empenhado em tremenda discussão com Cassiano, a propósito do que mais podia desenvolver a musculatura de um homem, o regime da cavalaria ou o do "Pavilhão de Educação Physica".

YAN DE ALMEIDA PRADO

Questões semelhantes apaixonavam a soldadesca, que volta e meia, levantava tremenda bulha a respeito da superioridade de uma arma sobre as outras, de cavalarianos sobre infantes, bombeiros sobre músicos, pessoal do Corpo de Saúde sobre os cozinheiros, e vice versa até o infinito.

— Eu de muito moço, dizia o ginasta, entrei para a polícia de Sergipe...

— Ué você foi praça no Norte? Perguntou Cassiano, admirado de vir a saber somente naquela noite um pormenor de pessoa que conhecia ha muito tempo.

— Sou filho de Sergipe.

— Eu andei por lá, também fui praça no Norte, na polícia de Alagoas, mas aquilo era uma p.... de polícia que passava meses sem pagar a gente.

— Em Sergipe é a mesma coisa. Pois como eu ia dizendo, de mocinho sentei praça na polícia onde tinha um tio que era sargento. Você que andou por lá sabe o que é aquelas caminhadas, quando a gente sae por ali afóra em diligência que não acaba mais. Aquilo é só andar, andar, debaixo do sol, no fim a gente fica com as pernas que é só nervo.

— E' mesmo, condescendeu o baiano que em rapazelho fora próprio de recados.

— Bem. Aqui, no Pavilhão, é a mesma coisa. Nós na ginástica começamos com ginástica sueca...

— Não desenvolve o corpo.

— Como não! Do primeiro dia que eu cheguei, eu estava ainda mais ou menos acostumado a andar muito, o patrão na roça muitas vezes me mandava rodear o sítio, depois, tinha também trabalhado de enxada ai pelo Interior, fiz muita carpa, não estava de corpo mole não. Mesmo assim fiquei quebrado. Logo que acabou o passo acelerado em volta do barracão, comecei a sentir canceira, que foi indo, foi indo, chegou de noite estava que não podia mais mexer.

— Sim, era falta de exercicio.

— Ai é que está. E nós fazia aquilo todo o dia, cada vez chegando no mais duro, enquanto vocês, nem tem comparação...

(Continua)

BRASILIANA

X

PURITANISMO

Telegrama de Santa Lusia (Goiaz) para *O Globo* do Rio de Janeiro, n. de 7-1-1929:

"Acaba de ser expulso do tiro de guerra de Santa Lusia o Sr. Nagibe Salomão Filho, syrio naturalizado, pelo motivo de ter tido uma amante até ha poucos mezes. O caso tem sido muito comentado, fazendo-se necessaria a intervenção do ministro da Guerra."

RESPEITO

De uma discrição do presépio armado em casa do sr. José Maria do Espírito Santo Filho, feita pelo *Minas Geraes* de Belo Horizonte, n. de 1-1-1929:

"No presepio, propriamente dito, bem disposto, com naturalidade, vê-se sobre palhas o corpo debil do Menino Deus recemnascido, tendo a adorar-o Maria Santissima e S. José, bem como os pastores que haviam acudido á voz do anjo anuncianco o miraculoso facto.

Encontram-se alli, como que em attitude respeitosa, como se tivessem podido comprehendér o alcance do que se dava, diversos animaes."

PARABENS

Noticia publicada pelo *O Gladio* de Quipapá (Pernambuco), n. de 7-1-1929:

"MANOEL GOMES ROSA — Esse nosso amigo tem, na data de hoje, um grande regosijo pela passagem do seu anniversario natilicio. Espírito lucido, inspirado poeta, agil prosador e um dos mais progressistas industriaes deste municipio, é grande e invejavel o conceito que frue na sociedade quipapáense. *O Gladio* parabennisa o illustre anniversariante."

CONDOLÉNCIAS

Noticia (respeitadas a ortografia e a redacção) publicada pela *A Liberdade* de S. José dos Campos (S. Paulo), n. de 24-1-1929:

"JOÃO SINHO — Falleceu no dia 18 o filho do nosso prezado amigo João de Oliveira Costa e sua destincta senhora, o joãosinho como era geralmente conhecido, apesar de pequeno era um homem, infelismente apos uma breve infermidade, zombando da sciencia falleceu rodado dos seus, o seu sepultamento deu-se no dia seguinte, acompanhado de grande numero de amigos da familia, notamos entre outros o Snr. Cel. Cursino presidente do Directorio Republicano, o snr. Elioziario Guimarães e outros, a morte do Joãosinho foi muito sentida, a familia ilutada apresentamos lhe as nossa sentidas condulencia."

CARNAVAL

De uma correspondência de Maceió (Alagoas) para *O Paiz*, do Rio de Janeiro, n. de 30-1-1929:

"O carnaval deste anno promette grande animação. Formaram-se já diversos grupos familiares e entre elles o dos Gondoleiros, especial da familia Alexandre Nobre e do qual faz parte o proprio governador Alvaro Paes e além de muitas outras pessoas de destaque, que se reuniram na residencia do Dr. Gama Melcher, gerente da Fábrica Progresso Alagoano."

BALCÃO

LIVROS PROCURADOS

Por YAN DE ALMEIDA PRADO (avenida Brigadeiro Luis Antonio, 188 — S. Paulo):

— S. L. J. — "Historia de El-Rei D. João VI".

— Zaluar. E.A. — "Peregrinações pela Província de S. Paulo".

— Titara. L. dos Santos — "Memorias do Grande Exercito Aliado".

— Alvarenga Peixoto — "Obras" — em primeira educação.

— Duarte de Albuquerque Coelho — "Memorias Diarias".

— José da Silva Lisboa — "Historia dos principaes successos". — 2 vols. 1826-1830.

Por MANOEL BANDEIRA (rua do Curvelo, 51 — Sta. Tereza — Rio de Janeiro):

— Mac-Carthy — "Viagem na China".

Por RUI NOGUEIRA MARTINS (Caixa Postal n. 1414):

— J. J. Machado d'Oliveira — "Geographia da Provincia de S. Paulo".

— J. J. Machado d'Oliveira — "Quadro Historico da Provincia de S. Paulo".

Primeira edição.

— Simão de Vasconcellos — "Vida de Anchieta" — Em bom estado.

— Manoel Monteyro — "Compendio Panegyrico do P. José de Anchieta" — 1660.

— Massena — "Poesias do Veneravel P. José de Anchieta". — Roma — 1863.

A assinatura anual

da

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

custa

RS. 5\$000

Pedidos acompanhados de vale postal

para

Caixa do Correio n. 1.269

SÃO PAULO

A primeira “dentição” — apresentada em forma de revista encerrou-se com o número 10, correspondente a fevereiro de 1929.

A segunda “dentição”, apareceu a partir de 17.3.1929, nas páginas do jornal “Diário de São Paulo”. Prolongar-se-ia até 1.8.1929.

revista de antropofagia

Director de junho: Raul Bopp.

Orgão da Antropofagia
Brasileira de Letras10.º numero da
2.ª dentição

uma adesão que não nos interessa

Lemos ha dias um anúncio de estilo que publicou o chamado grupo verdilamarelo, agora assimilado por duas testemunhas.

Esses rapazes viram que a Antropofagia é invencível. Resolvem então aderir, num de uma maneira sumissa e assustada, querendo o indio anedótico, traduzido do Chateaubriand e minuciosamente inexistente. E' que eles aprenderam mat as lições de Raul Bopp.

Antropofagia é simplesmente a idéia (não o regresso) ao homem natural, anunciada por todas as culturas contemporâneas e garantida pela emoção muscular de uma época maravilhosa — a nossa!

O homem natural que nós queremos pode tranquilamente ser lamentoável, mas é capaz de avilho. Como também pode ser prático e útil. Por isso o chiamamos "antropófago" e não tolamente "tui" ou "parê". Nem que mos utilizámos a nossa ofensiva com ologravuras de tanga nem pelejámos de bodeque. Isso pode figurar como elemento decorativo e sensacional da nossa ideia; seu duvidoso gostosamente nos reportamos à época em que, no acaso deste continente, o homem realizava no homem, a operação central do seu destino, a transformação do Tábi em Ben-Hur. Mas não será por termos feito essa desculpa, que vamos renunciar a qualquer conquista material ou planetária como o caviar e a vitrola, o gás afixante e a metafísica. Não! Nem queremos como os graves meimmos do verdilamarelo restaurar coisas que perderam o sentido — a arte e a senhora, lugarezza, o soneto e a Academia.

O antropofágico abrigado dedilhado da mão negra conservadora é uma coragem — a de se declararem sustentaculos de um círculo social que desmoronou por todos os lados os grilhos de um passado intelectual e moral que nem na Itália está mais em vogal! Pandegô!

Eessa gente ignora verdades primárias — por exemplo que, se o Fasano tem alguma vitalidade, sua rendidade não preterem respeito ao que é de fato produzido. O profeta Vicente Basso está ali afirmado na Faculdade de Direito, que a causa de trabalho fascista é uma cópia da organização soviética. E é preciso um possante traçoma para não se ver Mussolini dando as ultimas tacapadas na tähra agonizante do papado.

O verdilamarelo, dia que querem o gibão e a escravatura moral, a escravidão, o cativeiro, o escravo, o escravista, o escravizado, o escravizado de Almeida dandinho valsa. Uma adesão como essa não nos serve de nada, pois o "antropófago" não é indio de rafeira. Evidentes essa confusão de uma vez para sempre! Que remos o antropofágico de Kneicher-böckers e não o indio de operaria.

Quizerem aderir mesmo, estudem primeiramente. Abandonem essa "causa" que é só a causa das fofas o candomblé das tradições do sacerdote D. Júlio de Moraes, Cristianismo das Trevas. Raul Couto, mas que agora explica as bobagens em tom de coelha que encilha o referido manifesto.

Entre os cinco versatéis, há um que estuda e quemá as seváreas pestanas na luta importada de todas as sedobras.

Mas infelizmente, do grupo, quatro não acreditam num que vale quatro e este um acréscimo na inteligência de quatro que não vale nada. Confusões e lipos. Consequências do herbivorismo que, no manifesto, distraidamente eles defendem.

PORONOMINARE.

o sr. Tristão de Athayde e a

Prima do Espiritual

O sr. Tristão de Athayde, presidente, mostrou curiosas a necessidade de uma nova cruzada Iesa, os infieis! como em França, o sr. Jacques Maritain, o homem da Pátria, o professor Vicente Basso está ali afirmado numa luva. Dos "dois gols" dos doutores da Edade Média ele chegou ao poder, indireto, porque, como im. o sr. Félix de Andrade, o sr. do governador, que restre é subordinado à fin du stripel il faut que celui-ci ait pouvoir sur celui-là, qu'il puisse le dirigir par ses conseils. Ele é o sacerdote que está a serviço das unhas, estatua de Pintor, e este é o sacerdote que lhes ordens." Sem esquecer que "les mesures de contrainte sont parfois nécessaires"... Como se vê, o que nos apóstolos querem é império.

Os sacerdotes que estão juntos à aventura se deixaram envolvidos por eles, através do pensamento de importação de alguns escritores magoados e maldosos, mas que sabem que o que está é a sede do Príncipe do Tristão de Athaide é a Inquisição. E Pio VII, E' a enciclica Quanta cura de Pio IX, o S. Sylabus. O seu fim é o temporal, mas o espiritual é puramente necessário. Ornemental. O mero, não o fim.

Adverte-se aos incertos.

JAPY-MIRIM.

EXPEDIENTE

Este é o 10.º numero
da Revista de Antropofagia. (2.ª dentição)

E' director do mez
Raul Bopp. A corres-
pondencia pode con-
tar a ser enviada para
Geraldo Ferraz (aço-
gueiro). Caixa postal,
1269.

bom sinal

A literatura do sr. Coelho Neto é excelente, mas o seu humor, um tanto perigoso. A geração de 1880 quiz treinar o teatro nos romances do último heleno do Maranhão, e o resultado foi um mal por aí. Daí que direi, todos os países livros do sr. Coelho Neto guardando a respeitável distância a que automaticamente obri- as coisas que dão azar. O sr. Neto desejaria agora que o indio existisse, mas que o indio existisse, é que o indio existisse.

O movimento antropofágico recebe a declaração do vorosso aca- nico e o maior dos praze- gos. Oposições como a sua alegam que é só a cultura Russa, mas euim! O indio vai, mesmo para diante! O sr. Coelho Neto e contra!

TUPINAMBA'.

EXPANSÃO ANTROPOFÁGICA clube de antropofagia de minas gerais

Tudo exceptuado batutas de belo-horizonte vão botar um jornal: "Leite Crístico". São elas Guarnirino Cezar, João Dornas Filho e Aquiles Vivacqua. Tudo isso dentro da mentalidade antropofágica. E' o próprio João Dornas quem nos manda, com promessa de coisa maior, um locado do seu programa:

"Queremos é combater o catar crístico, até certo ponto es- gresso, o optimismo exagerado, a previdenciadaria, a obturación das nossas realidades e possibilidades, a cultura e a religião importada. Queremos destruir tudo isso, esse crístico pernóstico que resultou no bacheiro. Nos daremos por tirar os festejos locais da nossa civilização".

Pura antropofagia! Isto é a prova que Minas Gerais é só Taguatinga, que o Rio de Janeiro é só o sertão olha com simpatia pra esses transbordamentos, heróicos de Mario de Andrade pela menina serelepe, Annibal Machado, alânia, não perde oportunidade de mostrar que entre uns e outros não ha nem mesmo a possibilidade de um paralelo.

club de antropofagia do pará

A geração nova do pará é uma das mais vigorosas do norte. E a mais fuçariza do Brasil. Isso por uma questão eóno-geográfica. A' mentalidade potente que a natureza a atraiu, doce e suave, linda, que em cada um dos seus elementos corresponde um espírito de diversididade que só pode ser compreendido por quem viu a amazônia.

Lá não ha por exemplo uma literatura moça. Há autores pravaives. São tempos de escravidão, de escravidão. Nem necessidade de botar livro. A imprensa os absorve. Se metem na política. Tocam o pão nos governos. Pintam o diabo. (O "estado do pará" é esse) e aí, num jardim de idéias jovens, é o ponto de apoio e de convergência de quasi todos.

E' uma espécie de geração proletária. Mas não desce protestação de Cassianos, Menotti. De outro. Sincero. Fundo. Nós não conhecemos como nós a escravidão do ocidente, a mentalidade escravista, a mentalidade escravizada. O imperialismo. A invervelheridade nacional. E muitas outras coisas. No que fazem bem, bem!

Clóvis de Gaspari mudou uma cara e uns comunicado antropofágico pra Alcindo Cacella. Zásti o "estado" abriu 6 colunas com títulos, sub-títulos e comentários saboreados. Atendeu, fez "a aula de antropofagia", que era o espetáculo de encadernador de Wastrelândia e suas terras, os seus horizontes largos merecem fecidido apoio". O povo ficou louco... Eneida Moraes escreveu "o que é o indio", que é o indio, fábulas e chibas de Lashôa. O outro que estava dando risada era o deputado federal, que era o deputado de São Paulo, o sr. Alcindo Cacella, Alfredo Ladislau, Edgar Proenca, etc.

club de antropofagia do rio de janeiro

Comemorando a passagem do aniversário da delegação do Rio de Janeiro, (19 de junho), os antropofágicos do sub-número da revista de antropofagia do rio de janeiro, a circular no dia 11 de outubro, da ilha da América não desobedeceu.

São seus diretores: Alvaro Moreira, Clóvis de Gusmão, Annibal Machado, Jurandy Manfredini, Cecília Dias, Felipe de Oliveira, Dante Milano e Oswald Goeldi.

da secretaria de instrução
do estado do espírito santo

UMA CARTA DE GARCIA DE REZENDE

Nós aqui somos poucos bons. O Espírito Santo tem a vantagem de não extrair talentos com manifestações de amor à literatura. Nunca teve nenhuma praia cantando "vamo a haver muito praia brasilidade".

O "Diário da Manhã", organo oficial da Antropofagia, iniciado domingo a noite, pagina, Mário de Andrade, que é o que é o indio.

Na revista, todos os nomes arrolados na lista de topo, temos mal os seguintes: Attilio Vivacqua, secretário da Instrução que criou aquela "esa cabra transilírica", Vitorino Costa, José Gómez, Eraldo Pinto, Tonico, Domingos, cada um dirá a sua causa.

Maneiro tudo o que quiserem que eu transcrever. Ja transcrevo o estudo do Oswald sobre o grilo. Tenho enunciado um comentário sobre o oramento. Mas de agora em diante ficar firme dentro dele.

Figa!

Um antropofago recebeu mense-
mão homens da Academia Brasileira de Letras.

Freud, o que vai acontecer?

brevemente:

2.ª edição de

MACUNAIMA

lendas indígenas

com capa de

Mario de Andrade

TUPINAMBA'.

A S S A H Y

(Especial pra nós)

Quem vai ao Pará: parou
Tomou Assahy: ficou!

E as casas vem,
Cheirinhos da bebida cor da noite.
A mulata gorda
comprou no Ver-o-Peso
um paneiro de assahy.

Trouxe para casa
Arrancou as mangas da blusa de chita
e começou a amassar caifarolando

Quem vai ao Pará: parou
Tomou Assahy: ficou...

Canta... canta...
E' também uma canção
o barulho da frutinha no vasilhame

Xe... Xe... Xe...
Ché... Ché... Ché...

Agora ela pôe-se a peneirar
o líquido grosso...
E ainda uma canção...
Quem vai ao Pará: parou...
Está pronto o assahy...
A bandarinha vermelha
está na porta,
anunciando os guloses
que o assahy
vende-se ali...

Tomou assahy: ficou!

E N E I D A
(Belém do Pará)

(Éta assahy bom — NOTA DA REDAÇÃO).

o começo do fim

"A confidencia é esta: o nosso Santíssimo Pae, o papa Pio XI, tão virtuoso, tão esforçado pelo ideal geral, tão amigo de Jesus e da caridade, sofre e sofre muito.

Sin; porque vê o dissido dos povos entre si; o desprezo das leis morais e religiosas campeando por toda parte; as sagradas províncias do Descanso, das caldas e das montanhas próximas, imponentes a solarengos de novo por toda a Terra, especialmente sobre o Ocidente, que, repletando a fe e a moral curiosas, que o organizaram, evitaram engrandeceram e felicitaram por séculos inteiros, não pode, sem retrair, rebaixar as benignas de Deus.

Sin; porque, ao invés de estranhar o estranho, seu precioso reino espiritual do México-norte repudiou, nascida, errada e alimentada pelo pabelo suculento, do verdadeiro cristianismo.

Sofre, porque por causa dessa terra, que é a França, a se meter a discorrer, a descurar a ciência religiosa nos corações de mu-

chos fiéis daquela França.

Sofre, sofre e sofre ainda por mil outros motivos."

(De um recente discurso do arcebispo do Maranhão, D. Otávio.)

declaração

"O seu leito "Liberdade e Política", que é uma inclusão de sua inclusão, que inclui o sr. Gentilino Amaro entre os saudosos "verlameiros". O sr. Gentilino Amaro, por nosso intermédio, protesta contra essa inclusão. Nunca foi, não é disse-me ele, quando nuna figura — nem será, tenho fe em Deus.

marandiba

uma pré-para a revista do Clube de Antropofagia do Estado do Pará.

Quando Meu de São decreto a guerra contra a antropofagia, os índios do Maranhão São come-ram um filho dele.

Claro que o Ferreira de São e o bispo Sardinha, foi gos-temosamente devorado.

Esse gesto foi o primeiro assunto de independência do genio de terra.

O seu primeiro e definitivo golpe geral, subduzindo contraria- tra a órbita do conquistador branco.

O caetés se revoltaram contra a obra do Jesuítas, comendo um grande galo.

Depois, o Ferreira Santo aco-
menda o sacerdote que o cercava-va na hora da conquista da flo-
resta, que foi assassinado no momento em que foi atingido pelo fogo brutalista do mico fi-

O desapego da antropofagia com que se combatem o indio, o branco, e em seguida, o negro, começara a construir o Espírito Santo e a compor o povo espirituoso.

As forças virgens e geniais da terra determinaram a sua fusão.

Bombar com odio e crueldade, consorciaram-se.

Simboliza essa necessidade inseparável entre o branco e o negro na luta à figura de Arribalzaga, que ajudou Menú de São a expulsar os franceses da Guanabara.

E é, na sua expressão barbara, um daqueles gatos florais, em uma grandeza floral, em sua grandiosa virgindade de alma e de inteligência.

Mais tarde vieram os outros desbravadores do litorâneo e o italiano, os franceses.

E toda essa gente, conduzida pelas forças dominadoras da terra — foi engolida na barafunda — fui engolida.

Branco de todas as procedências, negros, micos, integrados a mique, com violência, or-
ganizaram o povo espirituoso-santense.

Enquanto o Brasil se mudou a adoptar a mentalidade estrangeira, o genio da terra, o povo Espírito Santo, não se mudou.

Não negligiu de arte e de literatura. Embora refletido, integrado, o que havia de mais avançado em matéria de mentalidade, no Brasil, não tentou defender o seu genio com penas nupciais artísticas.

Ficou quieto. Mas praticou com desbravadora violência a irreverência. Negou, secretamente, a obra da copia. Tanto assim que o povo vitorioso, que interpretava com incompreensível fidelidade, o povo espirituoso-santense, não viu as conferências ráeicas nem os maus espéciaes de arte.

Defendeu valentemente. Os ci-
mões vivem repletos, triunfantes, mas as comparsas de teatro chegam aqui e fracassam.

Nunca movimento mental, porém como o "Antropofagia Brasileira de Letras", em que se procura libertar o genio do Brasil de toda e qualquer deformação falsamente decorativa, o Espírito Santo só tem de fugar.

Só tem de formar no contin-
ente de vanguarda.

Mesmo porque foi o selvagem do Espírito Santo quem primeiro protestou contra a organização social e... crítica de velho contin-
ente no Novo Mundo: comendo o filho de um governador português.

GARCIA DE REZENDE.

Vitoria.

Um dia estou passando um

limão golejando... e nata

como um peixe, emquanto a

água do mar faz bilí bilí na

planta dos peixes surgir. Apli-
cate cér de maracujá...

a propósito do ensino antropofágico

O ensino antropofágico se apoia nas relações diretas e necessárias do homem com o seu meio físico. Por isso não reconhece e nem aceita a velha pedagogia que pleiteava a uniformidade da alma humana por meio de um modelo de alma coletiva por ela organizado...

(Especial pra nós, vindo de Vitória)

GARCIA DE REZENDE

O meio físico brasileiro, como irradiação e rector das mais violentas energias cósmicas, exercerá permanentemente ação.

Isto é, destruir e assimilar quaisquer. A primeira coisa que acontece ao homem que se fixa no Brasil é ser envolvido, desde logo, pelas forças potencializadoras do solo. Ele é, portanto, sobre ele, destruidoramente. O europeu, aqui, depois de algum tempo de luta contra as energias dominadoras da Terra, perde a sua raça.

Ao mesmo tempo como expressão racial, transformando-se num certo material humano para a confecção do novo homem. De homem capaz de comportar, com adesão e virilidade, os golpes do meio ambiente, reficou e agente de todas as inteligências e fatacas operações cósmicas, em função com a vida humana. O negro passou por identicamente o processo, mas, derramando na torrente de energia construtora do novo exemplar humano do brasileiro, as estruturas barbares e rudimentares.

Anulando a raça dos elementos que entram na formação do brasileiro o meio físico deseja apurar, apenas, em toda a sua virilidade, a sua capacidade de homem, e situa-lo na condição do índio. Porque o índio é o ponto de partida da operação orgânica da qual surgiu, surge e seguirá o brasileiro.

Mas o homem indio brasileiro, não está isolado do universo, ligando-se, pelo contrário, à onda de energia cósmica que dirige a vida humana, é claro que essa vida humana construindo organica e poderosamente de refletir as ideias e os fatores de cívis da civilização.

Tudo aquilo que contribui pa-

Ascenso Ferreira, a poeta batuta de "Catimbó" mandou pra nós a carta e a poesia que seguem:

"...Vocês digam a Oswald Costa muito me ter agrado o 'Catimbó', n. II" e que ele tem esperança em mim tudo fará pra mim fazer feio...

De uma colisão logo me posso orgulhar: em minha poesia só há um sentimento forte: o amor ao meu preceguado religioso anob.

Até você, Toré, tem vozes.

Tirado dos nossos tristes Cariós, vendo as suas danças típicas,

Nesse poema a notar como, tratando-se de assunto cabido, difere o poesia...» do vocabulário muñato das poesias de meu "Catimbó".

Lembranças pra todos: Oswald de Andrade, Raúl Bopp que eu saudei vi e Oswald Costa Aqui sempre as ordene. — ASCENSO FERREIRA.

Rechte, 27—6—29.

T O R E'

impressões da dança típica dos indios cariços

Os dois maracás,
um fino e outro grônoso,
fazem alvorôco
nas mãos do Págé!

— Toré... Toré...

Bambús entrelaçados,
cumpridos e ôcos,
produzem sons rouscos
de queréquéx!

— Toré... Toré...

E o carácará
que está na floresta,
vai vê minha bêsta
de pau-catoló!

— Toré... Toré...

Cabocla bonita,
do passo quebrebo,
teu beijo encarnado
parece um café!

— Toré... Toré...

Pra te vê Cabocla
na minha maloca,
flando na roca,
torrando pipóca,
eu entro na toca,
mato Onça a quicé!

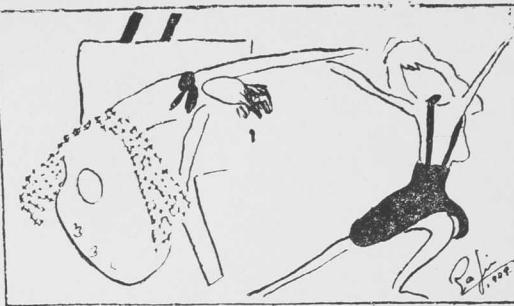
— Toré... Toré...

A S C E N S O F E R R E I R A

revista de antropofagia

Orgão da Antropofagia
Brasileira de Letras

11.º numero da
2.ª dentição



aquele rapaz de cações de xadrez...
de gravata sentimental,
me dava balas de alcaçuz
e falava mal de mim.

Legenda e figura de Pagu
(Do álbum de Tarsila)

NOITE NO CABARÉ

(para Oswaldo Costa).

CARTAS NA MESA

cs andrades se dividem

10 NOSSO COLABORADOR OS
WALD DE ANDRADE RECEBEU DO
S. PAULO DRUMMOND DE ANDRADE, A SEGUINTE CARTA, DES-
ADRENADO:

Estou ciente do que se conta na sua carta. No entanto, se o senhor se interessar de minha vida, é só me escrever.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

Por favor, se o senhor quiser, pode me enviar a sua carta, que é a única que tenho.

miss macunaima

Passageira do gaioia "Cajara", este deputado da Natal, durante algumas horas, a mais gênio, representante da antropofagia feminina no Brasil. É uma taquyá bem acordada, conversadeira e inteligente, que vem realizando uma sessional "descida" ao mundo a fantasma trilha. Apesar disso, não é só pelo desportivo de suas faginas. Avisadas de sua passagem pela nossa terra fomos encorajá-la a bordo, no sentido de cedermos algumas impressões para a Semana Indígena que o Jorge Fernandes está pedindo de 30 para inaugurar entre nós.

Como não soubeissemos impêcer a linguagem geral fomos comparamos a sua figura já costumeiro das boititas pelas milícias dos índios amazônicos. A fim de não chateáreas muito a esplêndida cabocla Apurynam, organizamos, então, um inquérito de perguntas para que elas nos respondessem mais facilmente. Uma espécie de exame na qual gravação de dízimo que a indústria do Brasil sem Z. Reconta de onde veio, o fim dessa entrada pela grande Coluna do Pão-Brasil quase dizer quem é e de onde veio. Moço da confluência do verde Solimões com o Preto, numa estrada régia desendava pela valen-
te espécie Apuytan.

Para quando mais primitivo estava em cima, lhe sentiu por ser homônimo, 14 estava em cima jardim,

uma mulhachita, botoneira das malinças matadoras, quando

veio a falar com a gramática e aí aquele desembargo cutubá do Manuel Bandeira quando mestiçou os poetas da Dintinha.

E é disposto a engolir também os demais curumins literários.

E' exacto que a Apurynam banhou de grande camarada, pois, de sua conversa de possibilidades, a Indígena esperava o panorama da cidade de Natal, quando os nossos passos transmudaram-lhe o gelo à caracteristicamente sel-

vagem. Sapecâmos já a saudação de Mossoró, do vale do

Baixo Assu' e da coite do Jan-

dubá se reuniram, cerimonia-
do e elegante "Miss Macunaima", que é um desses

conursos de beleza quasi que

tem feito bater a passarinho.

Trago contigo a mascote do

paiz Aranha para escusar os meus instantes na Parada Uni-

versal do Carne. Pretendo conter

todas as "misses", bem cevadi-

nas, com todas as suas faichas

os seus presentes, as suas fachas

os seus cortefés de apelos

e com uma mão de cinquento ca-

paz de faze inveja nos "truste"

do Mata-Balo andaré a Lige

Universal de Antropofagia. Será

"Miss Macunaima" do Chuy

Prata mesmo sem o voto secreto

do finado Demóstenes.

As "misses" seriam investigadas supun-

do com muita atenção, com a

atingida de cintura, refresco de

ananas, reizina de marlin-cere-

rê, tudo isto num kíriri medonho

que já tem o casco doente e o

chifre mutilado e que não poden-

do mais investir contra as cris-

as que aí vêm. A cor da

pele das taboas inutilizava as ame-

ras que o grande remão iniciava

contra mim. Ele partia e esbar-

ra-se nos muzilés, com gerdes

de taboas que o grande remão iniciava

contra mim. Tudo isso era velhacaria naci-

onal.

Do professorado que não

substituiu nos programas o ensi-

no de Camões por um curso

completo de Macunaima faz um

sorriso de alegria e gozo de

meninos e Macenânia. Esse esqui-

lado, festejado de raios, de

estrelas, de fogo, raro metade

metade de cavalo, tinha de

galo do malo, que vem fazendo

correria por Reberaba, Encerri-

ba e Pina assanhando, indo

devastando e remexendo tudo.

Não é só que a Apurynam

tem o maior espírito de cari-

go e de erudição.

Veja-se mais essa amostrinha:

"Como discípulo de Xavier de

Maitre e de São Thomaz, sabia

que, nesse estado de coisas, no

qual a verdade se funde ao erro,

o erro é que tinha de substar-

tanto como erro de facto, como

tempo, como erro de consciênci-

ia".

(do "Correio Paulistano" de

5-9-29).

genialidade

O poeta Motta Filho ainda con-

tinava fazendo um angu' de car-

to de erudição.

Veja-se mais essa amostrinha:

"Como discípulo de Xavier de

Maitre e de São Thomaz, sabia

que, nesse estado de coisas, no

qual a verdade se funde ao erro,

o erro é que tinha de substar-

tanto como erro de facto, como

tempo, como erro de consciênci-

ia".

(do "Correio Paulistano" de

5-9-29).

Sai eu fosse um poeta

negro

por PATER

Eu estou vendo a minha vida

na pirâmide de vidro

do meu monstro.

Quem é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

é que é que é que é que é que

revista de antropofagia

Órgão da Antropofagia
Brasileira de Letras

Tarsila

sumário do catalogo, em
impressão, da exposição
Tarsila, que se abrirá este
mes, no Rio.

Acaba-se esse Severiano de Rezende — Paris — 1926.

Tarsila e l'Antropophagie, por Waldemar George, o célebre escritor crítico de La Presse — 1928.

L'exposition Tarsila, por André Warnod de Comédia — Paris — 1926.

Algunas opiniões da grande crítica parisiense:

Maurice Raynal, Mathurin Gauthier, Louis Vauzelles, Serge Romat, G. de Pawlosky, Raymond Cogniat.

Tarsila do Amaral, p. — Antonio Ferro. Contemporânea de Lisboa — 1927.

A opinião de Mario de Andrade.

A opinião de tres imigrantes da antropofagia: Plínio Salgado, Antonio de Alcantara Machado, Menotti Del Picchia.

De Mário de Andrade.

De Mario Moreyra.

Como São Paulo está cultivando a arte moderna, artigo de Assis Chateaubriand — 1925.

De "Vogue" — Paris — 1926.

De "Cahiers d'Art" — Paris — 1928.

Da "Chicago Tribune", de "Paris-Midi", da "Renaissance", de "Comédia", do "Jabot", de "L'Art vivant".

Artigo de Renato Alves — 1924.

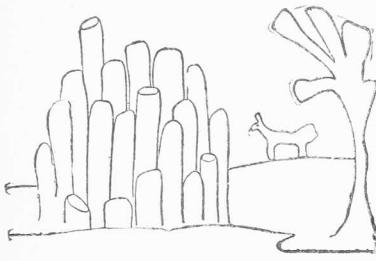
Artigo de Paulo Silveira — 1924.

Artigo de Luis Amílhal Falção — 1925.

Artigo de Tasso da Silveira — 1928.

Referências ao Primeiro Salão dos Vrais Indépendants — Paris — 1928.

3 Poemas, Blaise Cendrars, Manoel Bandeira, Oswald de Andrade.



Desenho de Tarsila

a opinião de Plínio Salgado

Tarsila do Amaral, de quem Blaise Cendrars disse que seria capaz de provocar um movimento literário... na Rússia.

Não. Tarsila é capaz de provocar um movimento literário... no Brasil. Tarsila transfigura-nos nos fracos dessas grandes forças elequentes a que estou-me referindo. Duas das tés principais têm um profundo sentido "do mero cósmico" e "da verdade racial". Fazem as sensações e o sentimento nela predominante nunca contra o sim só fixar um pensamento. E esse pensamento, muitas vezes, é-n-a revelação prática.

«Do "Correio Paulistano" de fevereiro de 1928.

a opinião de Antonio de Alcantara Machado

Outros artigos ha seu benvinda. Anílio "faltati" e Rego Monteiro, por exemplo, emanecipados também das velhas fórmulas pétóricas. Mas nemhum atingiu ainda com Tarsila do Amaral um grau tão intenso de brasiliade, nemhum posso como ella o dom precioso de ser de seu tempo e de sua terra. A autora desse grande magistral "é o '... do Espírito Santo' "levemos ser considerada o verdadeiramente primeiro pintor nacional na inspiração e (o que poderá a mentes parecer impossível) na técnica também ou, se preferirem, na factura.

A.

Do "Jornal do Commercio" de São Paulo, de 3 de julho de 1926.

a opinião de Menotti del Picchia

"E assim que se explica o gênero confroncional de uma Antropofagia, Rude, de uma Tarsila, de um Brecheret cyclopico..."

(Do "Correio Paulistano" de 4 de novembro de 1925).

EXPEDIENTE

Este é o 13. numero da Revista de Antropofagia. (2.ª dentição)

E' director do mez Raul Bopp. A correspondencia pôde continuar a ser enviada para Geraldo Ferraz (açougueiro). Caixa postal,

OS AMIGOS DO ALHEIO

Santo ofício antropofágico

— I —

Aliás do sr. Plínio Salgado, por fazer questão de produzir uma obra modernista, aplicou todo o seu talento de renovador no estilo, caíndo desse modo num erro a que é difícil escapar: o fundo já temose manifestado declaradamente antropofágico. Outro grande jornal, "O Ceará", que publica edições de cincuenta e seis páginas, acaba de inaugurar um supplemento antropofágico — TANGAPEMA. Vejam o que nos mostram:

Frondes na Carnaúba

"Canta a lândia nas frondes do carnaúba," cantava o santo das frondes do carnaúba, agora, festejar a marcha acelerada das canibais que passam iniciando a co-

laboração de veredas pastiches de flores, e arco, ritão, e despede a flecha empunhada de azul sobre o oiro ligue-

O DIREITO ANTROPOFÁGICO

O bacharel Pontes de Miranda lançará as bases da futura codificação

BELEM, 2 (A. B.) — O "Estado do Pará" publica um topico informando que o jurisprudente Pontes de Miranda, tomado a frente dos pioneiros da Escola Antropofágica, lançará dentro de pouco tempo, as bases para a reforma dos codigos que nos regem actualmente, substituindo-os pelo direito biológico, que admite lei emergida da terra, à semelhança das plantas.

Essa notícia foi recebida com entusiasmo entre os adeptos da "Antropofagia", que são muito numerosos nesta capital.

— PAGU — Pagu tem nome, Tem personalidade.

Toda a gente que é, de sul a norte do Brasil, já ouviu falar, naturalmente, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo, liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a pour le squalo, pour le squalo, soit pour le squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

pour le squalo, pour le squalo, soit pour le squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo d'Adam, il n'y a pas, entre as duas, que meu grande diffé-

rence...

Enfim, houverá, nestas duas syllabas: Pagu.

Ha quem pense que ella é um squalo moderno. E' uma squalo,

liber, apenas. Quem teme tanto o squalo, é o squalo, é o squalo.

Car, os tigres se nourrissent d'hommes, d'ors, ond're n'avait pas sans doute lieux de se nourrir partout, tandis que les tigres de la jungle se nourrissent de sangue.

Os tigres chechourenses que venirent actuallement du côté des Carpates — mangent de l'homme. La civilisation se mesure au gout que l'on a

para o squalo, para o squalo, soit para o squalo

TARSILA DO AMARAL ABRIRÁ, NO DIA 20, NO RIO, SUA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO NO BRASIL

QUATRO POEMAS DE MURILLO MENDES

(Especialmente para a revista de antropofagia)
CANÇÃO DO EXÍLIO

Minha terra tem macielras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Versailles
os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista
os sargentos do Exército são monistas cubistas
os filozofos são polacos vendendo a prestação
a gente não pôde dormir
com os oradores e os pernilongos
os sururus em família
têm por testemunha a Gioconda
eu morro sufocado
em terra estrangeira
nossas flores são malas bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a duzia
ai quem me déra xupar uma carambola de verdade
ouvir um sabiá com certidão de idade!

Rio, 1924.

CARTÃO POSTAL

Domingo no jardim público pensativo
consciências corando ao sol nos bancos
bebês arquivados em carrinhos alemães
esperam pacientemente o dia que poderão ler A
[Escrava Isaura]
passam braços e seios com um geitão
que si Lenin visse não fazia o Soviête
marinheiros americanos bebedos
fazem pipi na estatua de Barroso
portugueses de bigode e corrente de relógio
abocanham mulatas
o sol afunda-se no oceano
como a cabeça daquela menina sardenta
na afomada de riamagens bordada por Dona Co
[cota Pereira].

Rio, 1924.

VOCAÇÃO

Não quero o amor universal
esse amor facil decorativo
dos séries além dos meus limites
quero a vizinha ao lado do meu quarto
quero gostar brutalmente das criaturas
que estão perto de mim.

Sí, sou muito capaz de sacrifícios excessivos
gostaria por exemplo
de trabalhar como revisor num jornal
para sustentar a irmã tuberculosa da minha pequena
(e tanto que a pequena fosse o tipo da bôa!)

Rio, 1928.

NOVA CARA DO MUNDO

O cometa de A'lei vai passar
toda a cidade acorda pra ver o cometa
ele é enorme e fabuloso
destroçou cidades pensamentos de omeim.
O mundo muda a cara quando ele passa
e meninas desmaiam no fundo do sertão.
O cometa passa e arrasta um pouco da minha alma.
Fiquei triste, triste, Jururu!
Era só minha lha
Vivei na Amália Monteiro de Barros
renete no piano com tanto sentimento
a valsa Transiberiana, meu xodó naquele tempo.
Qual valsa, qual nada!
O cometa me traz o anuncio de outros mundos
e de noite eu não durmo
atravessado com o mistério das coisas visíveis.
No rabo imenso do cometa
passa a luz, passa a poesia, todo o mundo passa!

Rio, 1929.

Jorge de Lima

Temos o prazer de informar a nossos prezados leitores, que o poeta Jorge de Lima está em São Paulo. Realizador de poemas que a gente lê se babando de gosto, Jorge de Lima é simpaticamente antropofágico. Nos deu para publicar o poema que segue.

DO ACÔUGUE

MIGRAÇÃO

JORGE DE LIMA

João Nordeste acordou cedo, de manhãzinha,
Chapéu no cocuruto, roupa de brim, borzeguim
de vaqueta.

Adeus, cachorrinho Delegado!

Adeus, cavallinho, "Dois Comigo!"

Adeus Cená!

Adeus minha Serra!

Adeus, tudo que não aprendeu a chorar!

João Nordeste leva a sua Zefa e a sua viola.

João Nordeste vai embarcar para São Paulo!

de antropofagia

A antropofagia até hoje não encontrou, entre as muitas labias da Madre Egreja e da cultura oficial do Oriente, uma só que fosse ao menos ponderável. Os sofismas idiotos, a dialéctica provinciana, os bons sentimentos portugueses que para aqui foram por elas transplantados não tiveram força — nem pode ter! — para impedir a celebração da antropofagia. O Brasil, triunfante, desde o começo, em todos os recantos, ainda os mais remotos, do país. A reação contra a mentalidade colonial é uma vitória do espírito moço do Brasil. Ele era, é, inevitável. Já ha quarenta anos Thévet observava no indio que si on les irrité il ne font difficile de tuer na chrestien, et le mangier, comme dis font les sauvages". Na mesma época, acrescenta o cronista, "comme nous faisons les boeuf et de montb".

Contra o cristão, é a senha antropofágica. Quatro séculos de recalcamento jesuítico foram, por isso, impiedosamente arrasados por nós. Nenhuma matraca sobrou dessa derrubada braba e gostosa. Tudo veio árabe e hoje é um prazer, com tranquilidade, sentar-se num lindo de quilômetros quadrados sem comedores, sem ondões, sem gráficas, sem poetas engraxates ou pintores de tampas de caixas de chocolates, sem o escrivão-mór e sem o goleiro, sem a fachada de catedral de tecume em punho, comendo gente, bebiendo canim, fazendo cada dia desbaratar esta edade da convivência, de acomodação, de

sobre as canelas finas dos conquistadores.

Gostoso, contam, acharam eles essa carne. Por isso mataram mais, para mantimento.

No Brasil tem beiju, paianari, kacuri, caranguejo, plântano, testa.

O roquette é que estragava tudo. Foi por isso que comemos o rompetá. Com as azes mid virada, as labias da madre Vieira e as indulgências dos reis portuguesas.

O movimento antropofágico veio na hora justa e oportunamente, uma nova conquista espiritual se ensaiava, matreira, nessas terras libertárias da América.

Reagimos contra a cultura de importação, contra o intelectualismo bosta do Ocidente, contra todos os caçadores mentais da Europa pátria de civilização. O herói Poronominha matou 1500, mas a cabeça, Cunhambé engoliu os dozes pares de France. Por toda parte o bôrê sou, e maus os povos para o moquim's lesgem.

Sobretudo regimos contra a moral convencional, a velha mora que hoje no mundo inteiro é mesmo na Europa romana ou puritana — só existe na hipocrisia cobarde de meia duzia de pasticheiros. Era o seu tempo e seu raizes na cultura generosa que lhes deu aguado.

Contra, portanto, as forças de convenção, de acomodação, de

bipocrisia, lançamos as forças de liberdade, vitoriosas sempre. Contra o homem artificial — burro e caceté — o homem natural. Contra o animal que se veste, o animal que se enfeita.

Liberdade de pensamento. Liberdade sexual.

A coragem de morrer rogado pra não no campo do inimigo. A Justiça do tacape. Nemum recalcamento. O mais forte.

Reencontramos com prazer todas as tradições cristãs. Ficaram na seqüência de objectos perdidos. Quando os trouxas poderão ir buscar-as.

Já o nosso principal Miguel d'Ávila e Portugal para o sotaina: "Não gô serve esse modo de vida. Vamos acabar com isso."

Vetu a antropofagia e acabou mesmo.

O europeu se encolhe de medo de deante da "desida". E foi por isso que o conde Keyserling, atônito com o espetáculo barbáro da civilização nova da América, se perguntou, cheio de aflição:

— Mas não será isso a volta ao antropofágico?

E, CONDE.

TAMANDARE

excuse de l'homme que se regarde de son semblable, que le cannibalisme a pour origine des causes strictement anthropologiques. Il devint rituel, il eut à sa base la nécessité de vivre.

Lez, forâtor Chaille-Long, qui parvint en 1875 la région habitée par les Nymphaeans du nord-est de l'Amazonie, racconta que les peuplades de ces contrées forestières sont contraintes de faire la chasse à l'homme parce qu'elles ne possèdent pas d'autres gibiers, à part de loin en loin, quelques singes d'espèces qui elles n'ont pas connu, en fait de végétaux, que des bananes.

Or la banane qu'on récolte au Congo est d'une valeur nutritive assez inférieure. On l'appelle non sans raison "l'âtre de nos mœurs". Um homme peut consister a condition d'en manger environ 10 kilos ne nourriture ne correspond donc pour lui qu'à 2.100 calories jour, ce qui est tout à fait insuffisant pour un travailleur.

Aussi les tribus réduites au cannibalisme, doivent-elles chercher ailleurs leur supplément d'énergie e un apport de matières grasses. Elles se trouvent dans l'Amazonie.

En effet, regarder ces populations a l'état permanent de sous-alimentation — malgré la faible pluriéture de leur vente préomiante — à A. de Melville, dans son livre "Les Sociétés Amazoniennes montre les habitats des savanes traversées par les cours d'eau. Ah! eux-là ne sont pas tous tout anéantis... Pourquoi?

Helas ! avoue-nos, l'homme constitue pour l'homme un aménagement parfait. Tous les voyageurs qui ont pu se trouver, en contact avec des indigènes anthropophages, ont constaté l'absence d'hostilité, donnant les signes d'une coexistence non adonafrés au cannibalisme.

Il faut savoir, car c'est la seule qui on non, peut-on manger d'homme ? Comprendre-nous l'opinion, au point de vue alimentaire, qu'il se marrie avec la viande humaine, fait l'assimilable ? Ou, au contraire, cette attirance, mettons monstrueuse, jointe-t-elle dans notre organisme le rôle d'un de ces poisons léntes mais sur qui som une manière le plus délicieuse et la plus suave et infinie que la nature possède ?

Helas ! avoue-nos, l'homme

constitue pour l'homme un aménagement parfait. Tous les voyageurs

qui ont pu se trouver, en contact

avec des indigènes anthropophages,

ont constaté l'absence d'hostilité,

donnant les signes d'une coexis-

tance non adonafrés au cannibalisme.

Il faut savoir, car c'est la seule

que faita, pour le rétablissement de

l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

de l'homme, de l'homme, de l'homme

